FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SABADO, 24 DE MARÇO DE 1962

ANO 41.º — NÚMERO 14 108

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Bab-el-Oued agoniza sob o cerco militar

ARGEL, 24 — Sob a chuva fria, as forças da ordem, soldados e gendarmes, cercam o bairro de Bab-El-Oued, nesta cidade. Ninguém entra, ninguém sai, com excepção de alguns internos dos hospitais de Argel que, de bata branca, conseguem insinuar-se no dispositivo para tratarem os feridos nos combates de rua que, ontem, se travaram furiosamente.

Todo o bairro foi cercado. Secções de atiradores estão a postos, prontas a intervir. Em pelotões de quatro, carros de combate tomaram posição, com os canhões de 76 apontados para as fachadas dos prédios. De longe em longe, ouve-se uma explosão de granada, uma rajada de arma automática. Por vezes, uma mulher entreabre cautelosamente uma janela, relanceia os olhos pela rua, e volta a fechá-la. O acesso a todas as ruas estreitas que desembocam na frente marítima está vedado por montões de cavalos de frisa, «Half-tracks» e autometralhadoras, á razão de uma a intervalos de 20 metros, alinham-se na orla do bairro.

Levanta-se um problema grave: o dos feridos que se recusam a sair do bairro situado. Até agora, apenas quatro mulheres foram levadas para o hospital civil de Mustapha. Os homens são internados no hospital militar de Maillot, não havendo possibilidade de apurar quantos ali deram entrada. Mas a maior parte dos feridos de Bab-El-Oued não aceitam a evacuação. «Tratam-nos e depois colocam-nos diante do pelotão de execução. Mais vale morrer aqui» — dizem alguns.

Os destacamentos O. A. S. que passaram ao ataque ontem de manhã e pela tarde, parece terem operado sem a preocupação de recomendarem ás mulheres e crianças que se abrigassem. Pensariam poder atacar impunemente, convencidos de que as forças da ordem hesitariam em reagir.

O numero de vítimas em incidentes verificados esta manhã incluem um europeu morto a tiro á varanda da sua residência e um condutor de uma carroça, que saiu atingido por uma rajada de metralhadora. O cavalo também morreu.

Foram feitas diversas prisões durante rusgas e as forças da segurança apreenderam 20 armas de fogo.

Hoje, no centro de Argel, uma mulher europeia foi morta a tiro por muçumanos.

TRINTA E CINCO MORTOS
NOS COMBATES DE ONTEM

ARGEL, 24. — Segundo o ultimo balanço dos combates de ontem na bairro de Bab-El-Oved, nesta cidade, foram mortos 15 soldados e gendarmes e 71 feridos, muitos, gravemente.

O numero das vítimas civis cifrar-se-ia nuns 20 mortos e perto de 80 feridos.

A recolha das vítimas civis foi tornada difícil pelo facto de membros da O. A. S. dispararem rajadas de metralhadora sobre as ambulancias que tentavam entrar no bairro. — (F. F. e R.).

De outras cidades argelinas receberam-se notícias sobre incidentes violentos e explosões de bombas de plástico.

Em Sidi-Bel-Abbès, sede da Legião Estrangeira, homens da O. A. S. atacaram a esquadra central da Polícia, fugindo depois com metralhadoras, revólveres e munições. — (F. P. e R.).

ATENTADOS EM FRANÇA

PARIS, 24. — Continua em toda a França a campanha terrorista:

—Uma carga de plástico—a segunda em quatro dias — explodiu num transformador eléctrico próximo da base da força aérea francesa de Aulnat, no centro da França.

—No Sul do país, catorze postes telegráficos foram cortados em Aiguesvives, próximo do Nimes, tendo sido cortadas todas as comunicações telefónicas entre a cidade e o mundo exterior. Mais tarde o contacto foi restabelecido.

—Sete professores de uma escola superior de Nimes receberam ameaças de morte da O. A. S.

—Em Montpelier, explodiram duas bombas de plástico, danificando sèriamente as residências de dois chefes comunistas locais.

—Em Riom, na França central, outra bomba demoliu uma fábrica de sapatos pertencente a um funcionário comunista local.

—Em Bastia, na Córsega, uma bomba de plático causou ligeiros prejuizos num estabelecimento pertencente a um esquerdista. — (F. P. e R.).

A mamã «Kiki», uma das espécies mais admiradas do jardim zoológico de Bâle (Suíça), deu á luz, há poucos dias, uma engraçada macaquinha, que aqui vemos apertar ternamente. Significativa é esta expressão de mamã «Kiki» numa época em que, na família humana são frequentes os golpes desferidos contra o amor materno

ARAMBURU
medianeiro
na crise argentina

BUENOS AIRES, 24. — O antigo presidente, general Aramburu, aceitou o papel de medianeiro entre o presidente Frondizi e as forças armadas argentinas. Aramburu publicou ontem á noite um comunicado onde declara, nomeadamente:

«O presidente Frondizi acaba de pedir-me que contribua para que seja encontrada uma solução para a crise actual. Respondi-lhe que se não deve hesitar, nas presentes circunstancias, em fazer todos os sacrifícios necessários, mesmo sacrifícios pessoais, a fim de tentar manter o regime institucional da Republica».

No seu comunicado, Aramburu anuncia que o presidente Frondizi já escolheu os membros do novo Governo que deve prestar juramento depois de amanhã. — (F. P.).

UM MILITAR
norte-americano
refugiou-se em Cuba

HAVANA, 24. — Um sargento do Exército norte-americano chegou ontem num avião ligeiro ao aeroporto militar de Liberty City e pediu protecção ás autoridades cubanas.

Os jornais de Havana dizem que o sargento, que se identificou como Bobby Keesee, de Amarillo, Texas, está a ser interrogado. — (R.).

PORTUGAL E O MERCADO COMUM—5
pelo PROF. DANIEL BARBOSA

Crê-se legítima a opinião de que não será possível a Portugal, sem risco de gravíssimas consequências, manter-se numa situação de apática indiferença quanto a definir rápidamente, num estado de perfeita consciência nacional, a sua posição perante o Mercado Comum.

É de sobejo conhecida a declaração prestada publicamente pela E. F. T. A., em Julho do ano findo: «Todos os países membros..., declaram que é sua intenção examinar com a Comunidade Económica Europeia os procedimentos e sistemas pelos quais todos os membros da Associação Europeia de Comércio Livre podem tomar parte num mercado que abrange cerca de 300 milhões de pessoas».

Nessas circunstancias, os diversos países que a compõem foram tomando e definindo posições, seja para um ingresso nos termos do artigo 237 do Tratado de Roma — a Di-

(Continua na 14.ª página)

HOJE 32 PÁGINAS
nas quais se inclui
Magazine
e
Juvenil
VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

UMA VOZ INSUSPEITA

Dentro de dez anos, se a expansão demográfica não diminuir de ritmo, haverá mais um milhão de portugueses. É de prever que, não encontrando no País condições mínimas de sobrevivência, uma parte desse excedente populacional procure noutros países ocupação que lhe garanta os meios de vida indispensáveis. «Há, pois, que orientar o sistema económico no sentido de assegurar ocupação produtiva aos excessos de mão-de-obra resultantes do desenvolvimento populacional» — dizia anteontem ao «Diário de Lisboa» o sr. dr. Ulisses Cortês. E há, sobretudo, dizia-se também claramente na sua oportuna e notável entrevista, que aumentar os níveis de consumo, de modo a melhorar, na medida do possível, o nosso baixo padrão de vida, uma vez que «o progresso não pode, dentro da nossa escala de valores, assentar indefinidamente na renúncia e no sofrimento» e «o presente não deve ser integralmente imolado ao futuro». «Torna-se indispensável — por isso mesmo — distribuir em obediência a critérios justos», pois «sem justiça social não há paz pública nem progresso verdadeiro». Estas palavras, ditas por um antigo ministro da Economia, que não deixou ainda de ocupar um lugar de relevo na Administração e na política, revestem-se de significado especial e revelam preocupações que estão na base da política económica do Governo, pela qual o sr. dr. Ulisses Cortês foi durante alguns anos, de certo modo, responsável. O exemplo, que há dias apontámos, da baixa capitação do consumo de leite, repete-se com a carne, a manteiga, o açucar, os ovos e outros produtos essenciais à alimentação do povo português, de cujo consumo ocupamos os valores mais baixos nas estatísticas internacionais. E' contra esta situação de inferioridade, que não pode deixar de preocupar os homens responsáveis, que se erguem vozes autorizadas e insuspeitas, como a do sr. dr. Ulisses Cortês — e outras menos autorizadas mas não menos respeitáveis, e, sobretudo, inspiradas por um desejo sincero de contribuir para que o futuro nos reserve melhores dias do que aqueles que estamos a viver.

Mais de um milhão de contos
é o montante de um empréstimo contratado na Alemanha Ocidental
para acelerar a execução de grandes empreendimentos no nosso País

Foi publicado, na folha oficial, um decreto-lei que autoriza o ministro das Finanças a contratar com a Kreditaustalf fur Wiederaufbau um empréstimo, a longo prazo, de 150 000 000 de marcos, ou seja 1 057 500 000$00. Este empréstimo é feito nos termos do protocolo de 13 de Maio de 1961 sobre a cooperação económica entre a Republica Federal da Alemanha e Portugal, em virtude do qual se procedeu ao estudo do financiamento de projectos que se integrassem no desenvolvimento económico português.

No seguimento desses estudos — segundo se diz no referido decreto — reconheceu-se, por um lado, a necessidade de prosséguir a ritmo adequado as obras de fomen-

(Continua na 3.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

CHOQUE DE AUTOMÓVEIS

Onde a Rua Aquiles Monteverde desemboca na Rua de Arroios houve ontem á tarde um choque de automóveis guiados um pela sr.ª D. Maria de Brites Luís, moradora na Rua Rebelo da Silva, 16, 1.º, e outro pelo sr. João Rodrigues Saraiva, gerente comercial, residente na Rua dos Fanqueiros, 3. Do choque resultou ficar ferida e ter de ser internada em S. José a sr.ª D. Otília Brites, de 54 anos, moradora na Calçada da Graça, 7 r/c.

■

A MORTE DO HOMEM e do castanheiro

E' uma linda freguesia a de Fonte Arcada. Com sua Casa da Loba e outras pedras, remonta ao princípio da nacionalidade. A vida é dura nessas Terras do Demo. Se é! Por vezes o homem em luta contra a Natureza fica debaixo esmagado por ela. Andava o sr. José Joaquim Tadeu, de 54 anos, no arranque de um castanheiro. Era uma árvore imponente de tronco enorme e a copa larga. Puseram-lhe as raízes á mostra. Em dada altura o peso do castanheiro impôs-se e a árvore centenária caiu, esmagando o sr. Tadeu. Foram precisos macacos hidráulicos para retirar o corpo.

■

QUEDA E MORTE

Ganhava o pão com o suor do seu rosto o jornaleiro, sr. Luís Oliveira Dias, de 35 anos. Sobre ele bem pesava a maldição bíblica. Trabalhava em Esporões, perto de Braga. Caiu de uma parede e foi colhido por uma grande pedra. Ainda o levaram ao Hospital de S. Marcos. Mas só para morrer.

■

A ANCIÃ E O FOGO

No lugar da Ordem, perto da Marinha Grande, estava a sr.ª D. Maria Rosa á lareira. Aquecia ao lume os seus 93 anos. O fogo porém pegou-se-lhe aos vestidos e muito queimada deu entrada no hospital de Leiria.

A CRIANÇA E A CAMIONETE

Tem 10 anos e está entre a vida e a morte o Faustino Filipe de Jesus Nunes. Em Regueira de Pontes vivia despreocupado. Tinha a tendência que em geral tem o garotio para se pendurar nas traseiras das camionetas. Desta vez caiu e fracturou o cranio, sendo levado para o Hospital de Leiria.

■

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. drs. Agostinho Pires e Aureliano Felismino, presidentes da assembleia geral e da direcção do Montepio Geral. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos do Chefe do Estado os srs. contra-almirante Manuel Maria Sarmento Rodrigues, governador-geral de Moçambique; prof. dr. Augusto Salazar Leite, director do Instituto de Medicina Tropical; dr. Lívio Borges, inspector superior de Assistência do Ministério do Ultramar; e dr. Domingos Garcia Polido.

TERMINARAM AS PROVAS

para investigadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

No Laboratório Nacional de Engenharia Civil terminam hoje as provas que ali têm decorrido para apuramento de candidatos a lugares de investigadores daquele departamento científico.

De manhã continuaram a ser apreciadas as teses apresentadas pelos candidatos srs. engs. António Ferreira da Silveira, Rui José Gomes e Tomás José Emídio Matéus, respectivamente com as teses «A variação de temperatura nas barragens», «Condicionamentos climáticos da envolvente dos edifícios para habitação — aplicação á região de Lisboa» e «Bases para o dimensionamento de estruturas de madeira». Tendo sido arguentes os srs. eng. António Inocêncio de Sousa Coutinho e o prof. George Blachére, director do «Centro Científico e Técnicoo de Construção Civil», de Paris; e ainda o sr. prof. Joaquim Sarmento, professor catedrático da Faculdade de Engenharia do Porto.

De tarde o juri reunirá a fim de proceder á classificação dos candidatos.

Delegado do Governo na Mozambique Gulf Oil C.º

Precedendo resolução do Conselho de Ministros, foi nomeado para desempenhar, interinamente, as funções de delegado do Governo junto da Mozambique Gulf Oil C.º, o tenente-coronel Rui Pessoa de Amorim Melício.

A CIDADE

Atropelado gravemente

horas antes de embarcar para Angola

Recolheu á sala de observações do hospital de S. José, em estado grave, o tecelão António da Silva Moreira, de 25 anos, de Portelinha, Vila Nova de Gaia, que, esta manhã foi colhido por uma furgoneta, na Avenida 24 de Julho.

O António da Silva Moreira encontrava-se em Lisboa a fim de embarcar, hoje, no «Vera Cruz», para Angola.

Festas associativas

Realizam-se hoje festas e bailes nas seguintes colectividades e agremiações regionalistas: Casa do Minho, ás 22; Casa de Ferreira do Zêzere, ás 22; Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, ás 21 e 30; Casa do Concelho de Ovar, ás 21 e 30; Clube Desportivo de Arroios, ás 22; Casa das Beiras, ás 22. Amanhã, há bailes e festas nas associações: Centro Espanhol, ás 16; Clube Ferroviário de Portugal, ás 16; Casa do Alentejo, ás 16; Clube Estefania, ás 16 e 20; Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, ás 16 e ás 21 e 30; Casa das Beiras, ás 16.

Pelos hospitais

ATROPELAMENTO MORTAL — Faleceu na sala de observações do Hospital de S. José, para onde entrara há dias, António Ribeiro Matias, de 46 anos, viajante, residente nas Caldas da Rainha, que fora colhido por um automóvel na recta da Tornada.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um saco de plástico com determinada quantia; um saco de lona; um canivete; um relógio de ouro para homem; um realiança de ouro; uma carteira com a caderneta da Caixa Geral de Depósitos, pertencente a Gerhart Filipe Vairinho da Cunha e Sammer; um porta-moedas com determinada quantia e uma aliança de ouro; um porta-moedas com determinada quantia; um bilhete de identidade de José Januário de Oliveira Coimbra; lâmpadas fluorescentes; um livro; um aro para farolim de automóvel; um tampão de depósito de gasolina; uma tampa de um farolim; um par de luvas e diversas argolas com chaves.

INICIOU-SE a IV reunião

dos estudantes de Farmácia do País

COIMBRA, 24 — Começou hoje a IV reunião dos estudantes de Farmácia do País, encontrando-se, nesta cidade, muitos representantes do Porto e Lisboa.

De manhã, os estudantes apresentaram cumprimentos aos srs. reitor da Universidade, prof. dr. Guilherme Braga da Cruz e director da Escola de Farmácia, prof. dr. Guilherme Barros e Cunha. A' tarde, no edifício da Escola de Farmácia (Casa dos Mellos), realiza-se uma sessão para leitura e discussão de trabalhos de interesse armacêutico.

Dia das Telecomunicações

Comemorou-se hoje o Dia das Telecomunicações, que tem como padroeiro o arcanjo S. Gabriel. Foram celebradas missas em Lisboa, no Porto, no Funchal, em Ponta Delgada, na Praia (Cabo Verde), em Luanda, em Lourenço Marques (Moçambique), em S. Tomé, em Bissau (Guiné Portuguesa), e em Dili (Timor).

Em Lisboa a missa é celebrada na igreja dos Mártires, ás 19 horas, pelo mons. Lopes da Cruz e cantada pelo grupo coral dos C. T. T.

48 MIL CONTOS de obrigações do Metropolitano de Lisboa

O Metropolitano de Lisboa foi autorizado a emitir uma nova emissão de obrigações, no montante de 48 mil contos para prosseguir nas obras do 2.º escalão, 1.ª fase, da rede de transportes, no subsolo de Lisboa, com o aval do Estado.

As obrigações são do valor nominal de 1 000$00 e vencem o juro anual de 4 por cento, não passível de imposto. São amortizáveis em dez unidades, a partir do segundo ano, a contar da emissão.

Comissão Reguladora do Algodão em Rama

Foi nomeado representante da Direcção-Geral de Economia do Ministério do Ultramar, na Comissão Reguladora do Comércio de Algodão em Rama o dr. Ramiro de Andrade Fonseca de Almeida.

AO SR. CONDUTOR DE TAXI

que na passada terça-feira assistiu, pelas 11.30, na Alameda D. Afonso Henriques a uma agressão a um menor, o pai deste pede o favor de telefonar para 78 30 31. Gratifica-se.

Viagem a Londres

para assistir ao sensacional encontro de Futebol

Tottenham - Benfica

Part. 1 DE ABRIL
Cheg. 6 DE ABRIL
Avião a jacto «COMET»

Peça programas e inscreva-se na

TUREXPRESSO

AV. DUQUE DE LOULÉ, 44
Tels. 731056 - 731057 — LISBOA

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

NELSON FERRAZ

A voz de oiro de «Brasiliana»

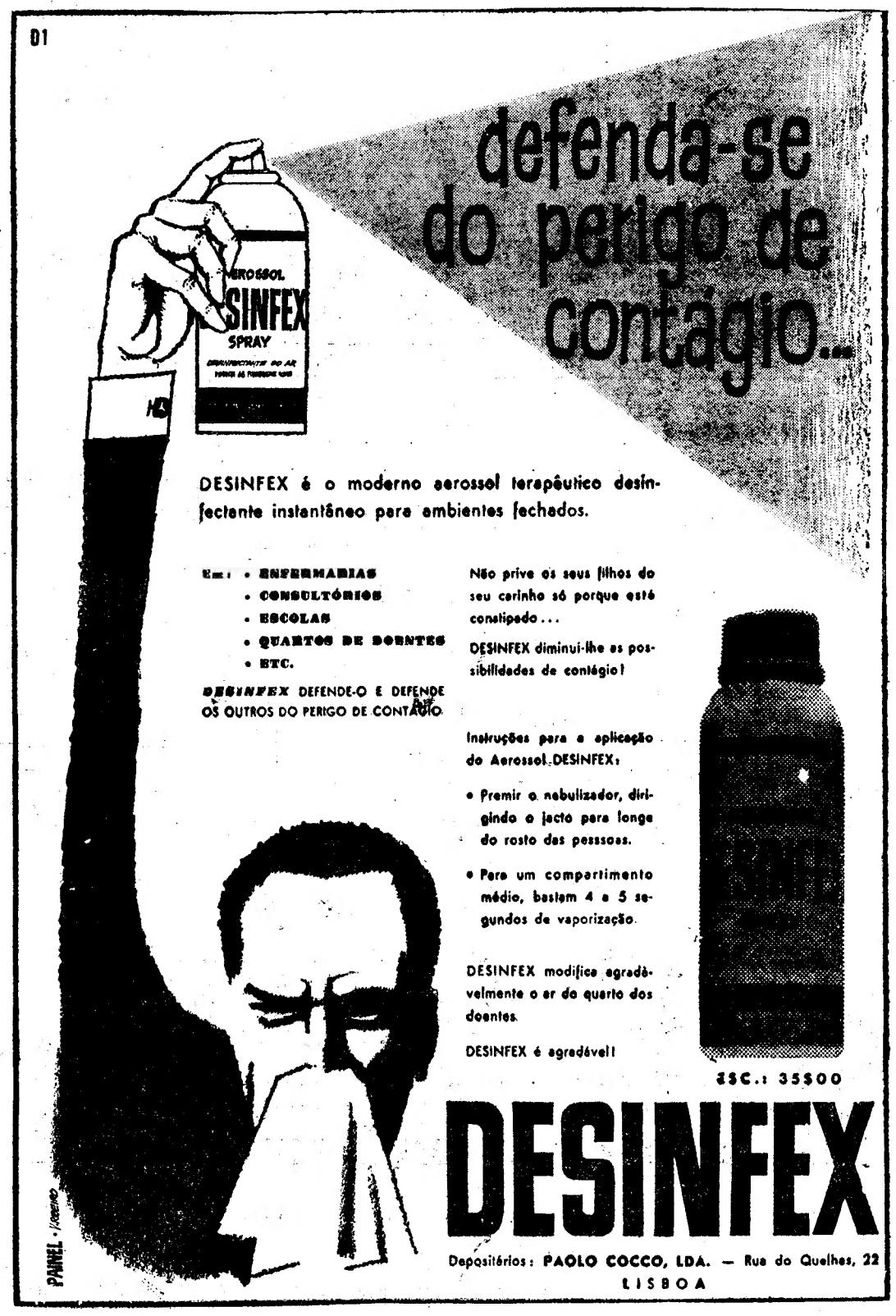
MARIA CANDAL

expressiva cançonetista

ROSITA and LAMAR

em beleza coreográfica (Maiores 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com as atracções. Chá completo, 25$00



Um perigoso cadastrado
apanhado em flagrante delito por uma brigada da P. S. P.

As brigadas da Secção de Justiça da P. S. P. de Lisboa, em face dos ultimos assaltos a estabelecimentos comerciais e furtos praticados em automóveis estacionados na via publica, têm desenvolvido, de dia e de noite, aturadas diligências.

Há dias, no Largo da Anunciada, verificaram que o cadastrado Arnaldo Carneiro da Cruz, pretendia apanhar um táxi e nele meter uma mala de viagem. Logo os agentes A. Ferreira e Vieira lhe deitaram a mão, levando-o para a Secção de Justiça, onde verificaram que a mala continha cerca de 50 camisolas de lã para senhora e outros artigos. O Arnaldo acabou então por confessar que furtara a mala de viagem de uma forgoneta, junto ao antigo Torel. Esses artigos, avaliados em cerca de 8 500$00, pertenciam ao sr. Fernando Calado Alves, residente na Calçada do Lavra, a quem foram restituídos.

O Arnaldo Carneiro da Cruz confessou ter ainda praticado outros furtos, de viaturas estacionadas na Rua de S. Filipe Nery, Ruas de Santa Catarina e da Prata, e ter assaltado a mercearia existente na Rua do Almada, 15, furtando dali cerca de 1 000$00, objectos de ouro e vária documentação. O detido foi enviado á Polícia Judiciária.

Outra prisão

Também foi detido pela P. S. P., no momento em que saía de um oculista, na Rua Leão de Oliveira, durante a noite, o cadastrado Manuel dos Reis Martins, de 31 anos, natural de Lisboa.

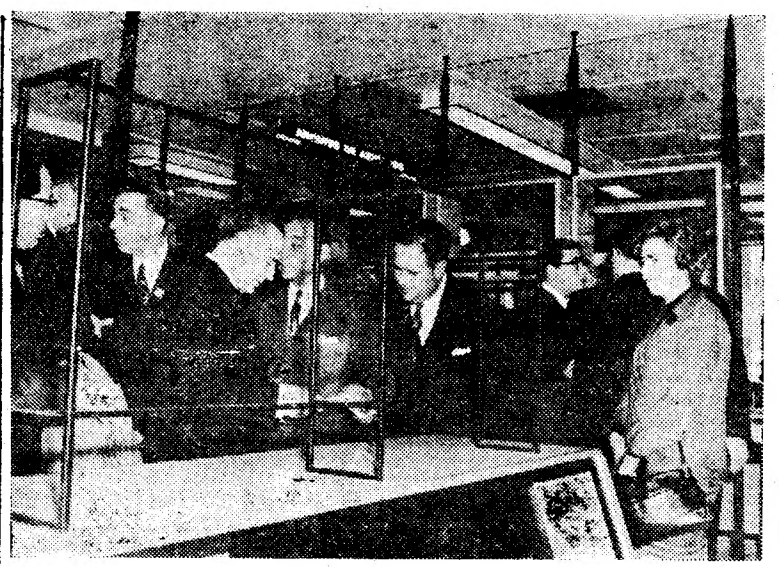
Este indivíduo, que era portador de cerca de 90 chaves tipo «Yale», praticou, com elas, grande quantidade de assaltos a estabelecimentos situados na Rua do Arco a Alcantara, Largo de Alcantara, Rua dos Lusíadas, Alto de Santo Amaro, Rua do Crucifixo, Travessa da Boa-Hora, Rua Leão de Oliveira, Largo da Memória, Travessa dos Moinhos, etc., de onde furtou importancias em dinheiro. Em alguns desses assaltos colaboraram outros indivíduos, que a Secção de Justiça está a procurar activamente.

A Ordem do Infante
para mais 21 individualidades

Pela Presidência da Republica foram agraciados, com o grau da grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique, os contra-almirantes srs. Manuel Maria Sarmento Rodrigues, Nuno Frederico de Brion e Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro; com o grau de grande-oficial da mesma Ordem, os srs. prof. doutor António da Silva Rego, prof. doutor João Carrigton Simões da Costa, capitão-de-mar-e-guerra Jerónimo Henriques Jorge e capitão-de-mar-e-guerra Alfredo Luís Soares de Melo; com o grau de comendador: capitão-de-fragata António Tengarrinha Pires, capitão-de-fragata José de Aires Gomes Ramos, dr. Alberto Carlos Germano da Silva Correia, dr. Elísio da Costa Vilaça, dr. Leonel Pedro Banha da Silva, Manuel Lagos, capitão-tenente Tomás de Melo Breyner, capitão-tenente Carlos Alberto Figueiredo Salgueiro Rego, capitão-tenente João Baptista Martinho Comprido, capitão-tenente da administração naval Amadeu Antero Carneiro de Miranda e capitão-tenente Paulo Manuel Guerra Corujo; com o grau de oficial: António Guilherme Marques e primeiro-tenente José de Magalhães Saldanha Gomes Mota; com o grau de grande-oficial: prof. doutor Artur Beleza Moreira de Sá.

O AÇUCAR
a importar pelo continente

Uma portaria do Ministério das Finanças e da Economia fixa em 162 000 toneladas a quantidade provável de açucar necessário ao consumo do continente a importar durante o ano de cultivo de 1962-1963.



Um aspecto da cerimónia inaugural

A inauguração do Centro Técnico de Materiais

Trata-se de um acontecimento de vivo interesse, não só para o publico em geral como para as classes profissionais, a criação no nosso País do primeiro Centro de Materiais, inspirado em idênticas organizações que há muito funcionam nas principais capitais da Europa.

Esta iniciativa vem preencher uma lacuna que se fazia sentir no nosso meio, e, como tal, mereceu o acto a presença dos srs. engenheiros Félix do Amaral, chefe de Gabinete do sr. ministro das Obras Publicas, que representava aquele membro do Governo; Fernando Pessoa, pelo subscretário do titular da mesma pasta; Ferreira do Amaral, director-geral dos Serviços Industriais, Mário Galo, da Corporação da Industria; Oliveira Pinto, em nome do sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa; Tavares da Costa, pelo Laboratório de Engenharia Civil; drs. Francisco Avilez, pelo S. N. I.; e Sá Nogueira, pelo Fundo de Fomento de Exportação; adidos comerciais ás Embaixadas da Inglaterra, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Holanda, Suíça, e outras individualidades em destaque na industria.

O Centro Técnico de Materiais dispõe de modernas instalações na Rua da Arrábida, 64-A e 64-B, ocupando a Exposição, de alto nível artístico, dois pisos. Neles estão concentrados todos os artigos existentes no mercado, e que se relacionam com o acabamento na construção civil, revestimentos, seus acessórios e decoração, facto este que permitirá uma nova forma de conhecer o mercado com uma unica deslocação.

Dispersas pela exposição, encontram-se, ainda, expostas e seleccionadas, inumeras colecções de arte moderna decorativa, provenientes dos melhores fabricantes estrangeiros e, bem assim, outras de origem nacional, que dignificam os nomes de alguns dos nossos melhores artistas.

No final da visita, o sr. Abel Dias da Silva, director e proprietário do Centro, acompanhado do seu secretário, sr. Ávila Pereira, prestaram esclarecimentos aos convidados, aos quais foi servido um copo-d'água.

O empréstimo
da Alemanha Ocidental

(Continuação da 1.ª página)

to hidroagrícola a fim de se alcançar a valorização económica e social de determinadas regiões e, por outro lado, a oportunidade de acelerar os trabalhos projectados em certos aeroportos de modo a possibilitar um melhor aproveitamento dos recursos turísticos de certas zonas do País. De acordo com esta orientação, veio o Governo Português a apresentar o projecto de rega e valorização do Alentejo e os projectos de obras nos aeroportos de Lisboa, Porto, Faro e Funchal, os quais foram aprovados pelo Governo Alemão, que também acedeu a que o produto da referida operação, até á sua integral utilização nos citados projectos, servisse de base ao financiamento intercalar de outros projectos de desenvolvimento económico já iniciados.

Este empréstimo, cujo serviço fica a cargo da Junta do Crédito Publico, será representado, inicialmente, por quinze promissórias, com o valor nominal de 10 000 000 de marcos cada uma. Estas promissórias vencem-se nos prazos seguintes: duas em 31 de Dezembro de 1962, no montante de 20 000 000 de marcos; três em 31 de Dezembro de 1963, no montante de 30 000 000 de marcos; três em 31 de Dezembro de 1964, no montante de 30 000 000 de marcos; três em 31 de Dezembro de 1965, no montante de 30 000 000 de marcos; e quatro em 31 de Dezembro de 1966, no montante de 40 000 000 de marcos.

O juro das promissórias será de 3 1/4 por cento ao ano, com vencimento em 31 de Dezembro de cada ano, e pela primeira vez em 31 de Dezembro de 1962.

Movimento marítimo

Partiu hoje para Angola, com 1160 passageiros, entre os quais duzentos colonos, o paquete «Vera Cruz». Segue, também, a bordo, um pequeno contingente de tropas.

No dia 28, é esperado dos portos de África o paquete «Infante Dom Henrique», que traz 800 passageiros.

NOVO FORMATO 14$

GIGANTE

Agora ao seu dispôr em todos os estabelecimentos, Você tem Pepsodent Gigante no novo formato ainda mais ecónomico! Garanta aos seus dentes uma brancura deslumbrante usando o dentífrico Pepsodent e poupe dinheiro comprando para toda a sua família Pepsodent Gigante no novo formato e ao preço de só 14$00!

PEPSODENT TORNA OS DENTES REALMENTE BRANCOS®

LEVER 62-PP-31

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Tony de Matos chega a Lisboa depois de amanhã, no paquete «Provence», após cinco anos de ausência no Brasil. Embora tenha anunciado o seu propósito de vir a Portugal em gozo de férias, Tony de Matos actuará na Televisão e no Casino Estoril. O artista deve demorar-se entre nós cerca de três meses.
- O duo «Os 2 Rapazes», novo conjunto vocal, fará muito brevemente a sua estreia em disco gravando para a Decca.
- O actor brasileiro André Villon interpretará na segunda-feira o ultimo episódio das «Aventuras de Eva» em que participa. A popular rubrica de Eva Todor continuará a ser transmitida regularmente. Villon é que regressará ao Brasil nos primeiros dias da próxima semana.
- Um dos finais de acto da nova revista do Avenida é a fantasia «Galegos», em que participará com evidência a vedeta brasileira Consuelo Leandro.
- É de Aníbal Nazaré, Paulo da Fonseca e António Cruz a primeira revista incluida no repertório da companhia que José Miguel vai levar ás nossas províncias ultramarinas.

TIVOLI

Dois espectáculos de bailado

O Tivoli, que até agora ainda não tinha iniciado os espectáculos de arte da presente época, quebra o seu silêncio anunciando nada mais, nada menos que seis das primeiras «estrelas» da Ópera de Paris.

O Tivoli oferece três pares de bailarinos (dos quais um qualquer, só por si, seria suficiente cartaz), aos frequentadores da sua sala nos dias 31 de Março e 2 de Abril. Marjorie Tallchief, Jacqueline Bayet, Christiane Vlassi, Peter Van Dijk, George Skibine e Attilio Labis, é o agrupamento que Lisboa vai admirar. Dois coreógrafos, dos maiores da actualidade — George Skibine e Peter Van Dijk — estarão também presentes interpretando algumas das suas melhores e mais recentes produções.

Dos programas fazem parte as mais célebres obras de todos os tempos e, também, recentíssimos bailados como «Sinfonia incompleta» (Schubert) que teve o primeiro prémio da crítica coreográfica francesa em 1960; «Romeu e Julieta» (Prokofieff) em coreografia de Van Dijk e «Vercora» interpretado e coreografado por Attilio Labis, o mais jovem bailarino-«estrela» da Ópera de Paris. Ocorre dizer que o par Vlassi-Labis arrebatou com a sua juventude e com a sua técnica, o publico do Teatro Bolchof aquando da visita que fizeram á União Soviética em 1961.

Não é difícil augurar a estes espectáculos o grande êxito que sempre acompanha os excepcionais acontecimentos artísticos.

No ABC

«Saude e Totobola!...» entra em segundo mês de representações

A popular revista «Saude e Totobola!...», mantém-se no cartaz do ABC, em pleno êxito, e com o mesmo interesse dos primeiros dias. Contribuem para isso não só um texto cheio de situações e diálogos engraçados, como também um elenco de muita categoria. Neste distinguem-se Helga Liné, José Viana, Leónia Mendes, Helena Vieira, Vítor Lima, Orlando Soares, Maria Nazaré e ainda Barroso Lopes e o notável actor Paulo Renato, que,

(Continua na 6.ª página)

Tágide

APRESENTA

A famosa atracção do Disco,

Rádio, Music-Hall e T. V. Americana

THE RUBIO TRIPLETS

As três célebres gémeas cujos discos se vendem aos milhões

Neste sensacional programa a grande Vedeta do Fado

ESTELA ALVES

A atracção de folclore nacional

TRIO CRISTAL

(M/ 17 anos)

IMPERIO

AMANHÃ, ás 11.30 (Adultos)

Espectáculo extraordinário com a peça de Sharpak

HUMILHADOS E OFENDIDOS

Outro indiscutível êxito do TEATRO MODERNO DE LISBOA

COLISEU

Emp. Ricardo Covões (Herds.)

Hoje, ás 21,30 Tel. 31997

(M/ de 12)

O grande filme de ficção em Tecnicolor

O SENHOR DO MUNDO

Extraído de uma obra de JULIO VERNE

AMANHÃ

Espectáculos á tarde e á noite

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
R. da Glória, 21—Tel. P.P.C. 36 9807

ABC

JOSÉ MIGUEL

Apresenta Às 20.45 e 23 horas A GRANDE E POPULAR REVISTA

SAÚDE E TOTOBOLA!

com JOSÉ VIANA, LEÓNIA MENDES, HELENA TAVARES, VICTOR LIMA, BARROSO LOPES e PAULO RENATO

(ADULTOS)

Amanhã Espectáculo ás 16 horas

HOJE NO VARIEDADES

EM 2 SESSÕES ás 20.45 e 23 horas

P.ª AD. M/ 17 ANOS

Em pleno êxito!

A IRRESISTIVEL FARSA PORTUGUESA

AQUI HÁ FANTASMAS!...

António Silva no Professor Hermes

com RIBEIRINHO - HENRIQUE SANTANA - LUÍSA DURÃO - CARMEN MENDES - LILI NEVES - LUÍS DE CAMPOS - HENRIQUE SANTOS - CARLOS ALVES - HENRIQUE VIANA e ainda COSTINHA e ANTÓNIO SILVA

AMANHÃ, domingo, á tarde, ás 16 h.

A' NOITE, 2 sessões

MUSIC-HALL! MULHERES! CANÇÕES! e FANTASIA!

NUM AUTÊNTICO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO — 2 ÚNICOS DIAS

NO TEATRO MONUMENTAL

VASCO MORGADO de colaboração com o «MÁXIME» apresenta

JAZZ BALLET RODNEY

considerado um dos melhores da EUROPA

AS MAIS LINDAS MULHERES NUM ESPECTÁCULO INÉDITO

OS GRANDES

da RÁDIO e TELEVISÃO PORTUGUESAS

SIMONE DE OLIVEIRA — ANTÓNIO CALVÁRIO

ALICE AMARO — ARTUR GARCIA

apresentação HENRIQUE MENDES

— HOJE —

Às 21,45 h.

e AMANHÃ

À TARDE

Às 16 h.

e à noite às 21,45 h.

(ADULTOS M/ 17 anos)

Preços normais de teatro

TRINDADE

Tel. 320000

A's 21.45 h. Adultos

ALVES DA COSTA

e

BRUNILDE JÚDICE

em

O PAI

de STRINDBERG

Encenação de COUTO VIANA

ATENÇÃO ESTUDANTES

Plateia e 1.' balcão: 10$00

Hoje DUAS sessões às 20,45 e 23 hs. — Amanhã (domingo) despedida

BADAROSCOPE

NO TEATRO MARIA VITÓRIA

ÀS 20.45 e 23 HORAS

DIA 26 — SETÚBAL
27 — SINTRA
28 — ALMADA
29 — PALMELA
DIA 10 DE ABRIL
SÁ DA BANDEIRA, PORTO

BADAROSCOPE

UM GRANDE ÊXITO QUE SE DESPEDE DE LISBOA

AMANHÃ ESPECT. À TARDE 16 HORAS E ESPEC. ÚNICO À NOITE ÀS 21,45 HS.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. I. M. LEVITT

144

TIVOLI

NOS DIAS 31 DE MARÇO E 2 DE ABRIL

ÀS 18.30 HORAS

ESTRELAS DA ÓPERA DE PARIS

MARJORIE TALLCHIEF

PETER VAN DIJK — **GEORGE SKIBINE**

JACQUELINE RAYET — **ATTILIO LABIS**

CHRISTIANE VLASSI

PROGRAMA DO 1.º ESPECTÁCULO: PASTORALE — PASSARO DE FOGO — SINFONIA INCOMPLETA — SYLVIA — CONCERTO (JOLIVET) SUITE EN BLANC.

PROGRAMA DO 2.º ESPECTÁCULO: CHOPINIANA — PELLEAS ET MELISANDE — SYLVIA — ROMEU E JULIETA (PROKUFIEFF) — D. QUICHOTE — VERCORS — SINFONIA INCOMPLETA — PASTORALE.

ORQUESTRA SINFÓNICA SOB A DIRECÇÃO DE **DANIEL STIRN**

A VENDA DE BILHETES COMEÇA NO DIA 27

(Maiores de 6 anos)

Frankfort — **RESTAURANTE** — **PASTELARIA**

TODOS OS PRODUTOS ALIMENTARES

AV. DE ROMA, 46-A — **TELEF. 77 65 97**

NA SEVERA

TODA A GENTE CANTA

*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

SÃO LUIZ — Telefone 327172

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)

Um filme de «suspense» versado num caso autêntico que apaixonou o Mundo!

O MAIOR ROUBO DA HISTÓRIA

com **J. Pat O'Malley — Jay Barney — Tom Duggan**

EDEN — Telefone 320768

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)

O filme excepcional EM 2.ª SEMANA

CARNE DA MINHA CARNE

com **Troy Donahue e Connie Stevens**

Um filme que foca o grave problema da maternidade clandestina.

CONDES — Telefone 322523

A's 14.45, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA

da mais emocionante história de todos os tempos

Em Dyaliscope e Eastmancolor

O CONDE DE MONTE CRISTO

Louis Jourdan — Yvonne Furneaux Pierre Mondi

ROMA

A's 14.45, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)

Um filme empolgante

2.ª SEMANA

O CONDE DE MONTE CRISTO

Um filme prodigioso de inexcedível grandiosidade

Com Louis Jourdan—Yvonne Furneaux — Pierre Mondi

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos) (M. 17 anos) 2.ª SEMANA

As grandezas e misérias de uma grande civilização

A AMÉRICA VISTA POR UM EURQPEU

Alguma coisa de novo na história do espectáculo cinematográfico.

A VOZ DO OPERÁRIO

A's 21 horas (M. 12 anos)

OS DEZ MANDAMENTOS

Amanhã — o mesmo programa

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos) 3.ª SEMANA

O maior êxito do ano e do Mundo

OS CANHÕES DE NAVARONE

Em Cinemascope e Eastmancolor c/ **Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Norman Wisdom em

PEQUENO HOMEM, GRANDE NORMAN

Para rir sem parar durante duas horas

ODEON — Telefone 326283

15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos) 3.ª SEMANA!

SEMPRE LOTAÇÕES ESGOTADAS!

UM ÊXITO QUE NÃO PODE SER MAIOR!

A NOIVA

com **Elsa Daniel e António Prieto**

Um filme inspirado na mais famosa canção do ano: «A NOIVA».

CAPITÓLIO — Telefone 327493

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA

Errol Flynn — Anthony Quinn — Olivia de Havilland em

TODOS MORRERAM CALÇADOS

Jamais a coragem dos pioneiros do Oeste americano foi abordada com tanta magnificência e emoção.

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 12 anos)

CHEGOU UM ANJO

Excepcional interpretação de MARISOL

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

As 21 horas (M. 17 anos)

DEMÓNIOS VOADORES SALOMÉ

CASINO ESTORIL

A's 21.30 (M. 17 anos)

SERVIÇO AO DOMICÍLIO

com Darry Cowl e Francis Blanche

IMPÉRIO — Telefones 555134/5

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos) 3.ª SEMANA

de um filme excepcional

DO ALTO DA PONTE

Raf Vallone e Jean Sorel

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

MADALENA

com **Alice Vouyonklaki**, 1.º prémio de interpretação no festival de Tessalónica e **Dimitris Papamichael**, o melhor actor actual do cinema grego

POLITEAMA — Telef. 326305

A's 15, 18.15 e 21.30

EM 3.ª SEMANA O FILME DE MAIOR ÊXITO DO ANO EM TODO O MUNDO!

OS CANHÕES DE NAVARONE

com **Gregory Peck, David Niven, Anthony Quinn, Gia Scala e Irene Papas**

CINEMASCOPE — TECNICOLOR

(Maiores de 17 anos)

ALVALADE

A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)

O MAIOR ROUBO DA HISTÓRIA

Seis homens que se debatem entre a necessidade de ficarem unidos até ao fim e as suas irreprimíveis paixões!

com **J. Pat O'Malley — Jay Barney — Tom Duggan**

ROYAL — Telefone 865037

A's 21 horas (M. 12 anos)

OS 2 GAROTOS SUA ALTEZA REAL

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 (M. 12 anos)

O MILAGRE DOS LOBOS TOTÓ E AS NOTAS FALSAS

LIZ — Telefone 48560

A's 21 horas (M. 17 anos)

A VIDA É UM FOGO UM PÉ NO INFERNO

O autor de «Blusões Negros» que hoje se estreia no D. Maria II

fala-nos da sua vocação e dos caminhos do teatro português

Depois de «D. Henrique de Portugal», outra peça de João Osório de Castro vai ser levada á cena no Teatro Nacional. Trata-se de «Blusões Negros», a estrear esta noite na «Casa de Garrett», encenada por Pedro Lemos e tendo José de Castro no protagonista.

Este novo autor dramático português, quando, a propósito de «Blusões Negros», lhe perguntámos como se sentira atraído a escrever para o teatro, começou por nos dizer:

— Acredito, bastante, na influência da hereditariedade. Pertenço a uma família com tradições na vida literária portuguesa e, acabei por me sentir invencívelmente, fascinado pelo teatro por dois motivos essenciais: tenho o gosto da síntese e sou, por natureza, um espírito que aprecia o movimento.

— Em face dessa evocação que sente existir em si, qual, em sua opinião, deve ser a atitude intelectual de um autor de teatro?

— A atitude intelectual de um verdadeiro autor de teatro e, quando digo autor de teatro, falo, evidentemente, de um artista, deve ser a de se preocupar em escrever, antes do mais e depois do mais, Teatro e, apenas, Teatro! Esta resposta que, á primeira vista, poderia ser atribuída ao célebre senhor de La Palisse, tem, no entanto, sérias razões para lhe dar justeza. Quero dizer: estou em total e absoluto desacordo com qualquer autor que, partidário de uma determinada facção ou grupo político, social, religioso, etc., procure oferecer, ao seu futuro espectador, um programa publicitário em que, com mais ou menos disfarce, se recomenda sabão «Tide» contra o sabão «Omo», em vez de uma verdadeira obra de arte, independente, séria, que traduza a sua verdade, mas a sua verdade sem distorção orientada, preconcebida, ainda que, evidentemente, essa sua verdade seja discutível. É esta, em resumo e no meu entender, a unica atitude digna de qualquer artista que se preza.

Fizemos a João Osório de Castro uma nova pergunta:

— Que novos caminhos antevê para o desenvolvimento do Teatro em Portugal?

— Do ponto de vista dos autores, penso que alguma coisa poderá e deverá ser feita para acabar com a lenda de que os portugueses não têm vocação dramática. Quando os homens de letras portugueses tiveram assunto e lho deixaram desenvolver e criticar (o mestre Gil fez sempre a crítica mais clara), construir, enfim, obra válida, não faltaram talentos dramáticos e literários. E veja-se o brilho das nossas letras no século XV e parte do século XVI, em face da maravilhosa aventura das descobertas e da expansão do humanismo português!

Insistimos:

— De momento, concretamente, o que lhe parece conveniente que se faça?

— Que se concorde em dois aspectos fundamentais. Primeiro, é necessário aceitar e entusiasmar os autores dramáticos portugueses. facultando-lhes, mercê de todas as possíveis disposições oficiais e particulares, o acesso á representação, finalidade de toda a obra dramática. O marquês de Pombal, quando quis que, em Portugal, se estabelecessem as industrias dos tecidos e dos vidros, ofereceu aos eventuais pretendentes muitas facilidades, para que ganhassem coragem para os investimentos, para se disporem a enfrentar as dificuldades de iniciativa. Não será certamente com as trágicas dificuldades com que actualmente lutam os autores portugueses de teatro declamado, por verem o seu trabalho compreendido, respeitado, e acarinhado pelas empresas que o Teatro em Portugal poderá ter a força representativa de que tanto necessita. Na vizinha Espanha, onde o interesse pelo Teatro é enorme, as peças estrangeiras mais significativas, de autores das mais variadas correntes, que na verdade contêm algum ensinamento, não tiram o lugar, pelo contrário, ao trabalho dos autores espanhois.

— Qual é o outro aspecto?

— Aceitar e reconhecer que o Teatro não pode exercer no público uma influência tão funesta ou tão benéfica como se pode acreditar á primeira vista. Os mesmos efeitos acontecem, com a leitura

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

de livros, o mesmo acontece, enfim, com todas as palavras que se pronunciam todos os dias neste nosso mundo. Desde que se condenem, até por impróprias para consumo, as chamadas peças «publicitárias», acredito que seria de toda a conveniência que se respirasse um clima de confiança mútua entre autores e censores.

Como, então, lhe pedissemos que nos falasse da sua peça, o nosso interlocutor disse-nos:

— Não me compete, a mim, falar sobre a peça. Escrevi-a com interesse e procurei ser sincero na apreciação dos meus personagens. O tema é, na verdade, actual, ainda que, também, tenha sido de ontem e deva ser de amanhã. Um homem novo que enfrenta a vida! É tudo. A crítica e o publico serão os juízes.

— Pensou no possível agrado do publico enquanto escrevia a sua peça?

— Tenho uma grande consideração pelas outras pessoass e nunca seria capaz de lhes fazer a ofensa de escrever a pensar em efeitos de agrado fácil. O publico que, por vezes, toma o falso pelo verdadeiro, bem no seu íntimo nunca se deixa enganar. O publico, no meu entender, só pode apreciar os espectáculos honestos, apesar de tudo o que me possam dizer em contrário!

A entrevista aproximava-se do fim. E ainda perguntámos:

— Que pensa da encenação?

— Não posso dizer! É segredo do Pedro Lemos, profissional competente e um amigo e leal colaborador dos autores portugueses, que sempre procura ajudar, ao contrário de tantos outros responsáveis do Teatro. E, como é segredo e não sou linguareiro, não posso satisfazer-lhe a curiosidade!

— Tem mais alguma coisa para nos dizer?

—Nada mais! Mas não quero ir-me embora sem agradecer ao «Diário de Lisboa» todo o seu bom trabalho independente a favor de um Teatro de portugueses. Para mim não existe espectáculo mais maravilhoso, mais completo, mais cheio de interesse espiritual, do que o do Teatro! É um espectáculo em que se estabelecem, quando o deus do Teatro está presente, ligações magnéticas entre os actores e os espectadores, num encantamento, numa emoção, que prevalecem dentro de nós, como grandes alegrias da vida. Há dias, no «Caravelle» de Paris para Lisboa, falei de Teatro com um meu amigo. Contei-lhe que tinha ido ver a reposição da peça o «Processo», pela companhia Madeleine Renaud-Jean Louis-Borrault, no Odéon. Ele disse-me: «Ah, já sei. Vi essa peça há onze anos! Nunca mais me esqueci da profunda impressão que me causou!». Era assim que eu gostaria de saber entre nós, vivo o amor pelo Teatro.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscavide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

pela primeira vez actua num espectáculo de revista.

«Saude e Totobola!...» representa-se todas as noites, ás 20 e 45 e ás 23 horas.

No Trindade

«O Pai», de Strindberg, entra hoje em terceira semana

Entra hoje em terceira semana de representações, no Teatro da Trindade, a peça «O Pai», de Strindberg, o atormentado dramaturgo sueco, cuja vida agitada, com permanentes interrogações, sofrimento e angustia, se reflectem amargamente em toda a sua obra.

Desempenhada por Alves da Costa, Brunilde Judice, Augusto Figueiredo, Maria Albergaria, Carlos Wallenstein, Mário Pereira, Irene Cruz e Francisco Nicholson, e com encenação de Couto Viana, e cenário e figurinos de Mário Alberto a peça «O Pai» representa-se, com grande êxito, todas as noites, no Trindade, beneficiando os estudantes do preço unico de 10$00, para os lugares de plateia e primeiro balcão.

No Monumental

A estreia de Jazz Ballet Rodney

Vasco Morgado de colaboração com a empresa do «Máxime», apresenta hoje e amanhã, no Teatro Monumental, um fabuloso e surpreendente espectáculo, com o extraordinário «show» «Boeur Sur Le Toit», considerado um dos melhores da Europa, o conjunto é formado por um friso de esculturais bailarinas, com um elegante grupo de modelos, no mais luxuoso espectáculo que se tem apresentado nos ultimos anos, depois do clamoroso êxito de «Jazz Ballet Rodney», recentemente chegado de Paris, após triunfal e colossal êxito nos palcos de Londres e Roma.

Neste grande espectáculo, reunem-se, ainda, os «grandes» da Rádio e Televisão portuguesas: Simone de Oliveira e Alice Amaro, as vozes do momento; Artur Garcia e António Calvário, o «rei» da Rádio portuguesa. A apresentação do espectáculo está a cargo do brilhante locutor Henrique Mendes.

O espectáculo, que se estreia esta tarde, repete-se á noite, ás 21 e 45, e amanhã á tarde, ás 16 horas, e á noite, ás 21 e 45, para maiores de 17 anos.

A empresa do Monumental chama a atenção do grande publico, que, apesar da excepcional categoria deste espectáculo, mantém a tabela normal dos preços de teatro, com lugares desde 6$00.

Josefina Silva

entra na Casa de Garrett

Josefina Silva

Entre os muitos motivos de interesse e expectativa pela estreia de «Blusões negros», no D. Maria II, está, sem duvida, o da entrada de Josefina Silva na Casa de Garrett. Artista de valor do nosso teatro, conhecida e admirada em todo o País, a sua inclusão no elenco do D. Maria II proporciona-lhe um lugar que as suas qualidades e méritos artísticos justificam, plenamente, dando-lhe ensejo a uma interpretação que a imporá á plateia exigente daquele teatro. Por isto, também, a estreia da peça de João Osório de Castro tem imenso interesse e vai constituir um acontecimento de relevo na vida teatral portuguesa.

No Variedades

«Aqui há fantasmas!...» continua o seu êxito

Na Variedades, hoje, em duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas, Ribeirinho e Henrique Santana apresentam e Lisboa inteira acorre, ri e aplaude, delirantemente, a farsa portuguesa «Aqui há fantasmas!...», o feliz original, em três actos, de Jorge de Sousa, um autentico triunfo de gargalhada.

Espectáculo brilhantíssimo, pleno de originalidade, comicidade e alegria «Aqui há fantasmas!...», que faz rir até ás lágrimas, impõe-se, também, pela excepcional categoria dos seus intérpretes, entre os quais se contam Ribeirinho, Henrique Santana, Luísa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luís de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves, Henrique Viana e ainda Costinha e António Silva. Espectáculo para adultos, maiores de 17 anos.

Amanhã, domingo, haverá três sessões: á tarde, ás 16 horas; e á noite, ás 20 e 45 e 23 horas.

Império

Carmen Dolores em «Humilhados e Ofendidos»

A excelente peça «Humilhados e Ofendidos», que André Charpak extraiu do romance de Dostoiewski, agora traduzida, para português, por Manuel Lima, constitui o presente êxito do Teatro Moderno de Lisboa.

A peça é valorizada com a presença de Carmen Dolores, uma actriz que o publico admira e que, nesta peça, a crítica saudou deste modo: «Carmen Dolores encontrou na torturada figura de Natacha uma personagem ideal para o seu excelente temperamento de actriz dramática; a sua primorosa interpretação é uma verdadeira criação. A sua cena final foi de um arripiante patético, tanto mais patético e arripiante quanto sóbria. E isto só os grandes conseguem».

Além de Carmen Dolores, figuram no elenco Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Morais e Castro, Costa Ferreira, Clara Joana e Armando Caldas.

«Humilhados e Ofendidos», enquadrada em cenários de Octávio Clérigo, com guarda-roupa de Anahory, tem ainda, uma boa encenação de Fernando Gusmão.

No Capitólio

«Todos morreram calçados» em segunda semana de exibições

Entrou em segunda semana de exibições o magnifico filme «Todos morreram calçados», que é uma autêntica epopeia do cinema, que o Capitólio se orgulha de apresentar no seu «écran». Errol Flynn e Olivia de Havilland, um par ideal, interpretam as personagens principais do filme, numa história cheia de acção, amor, aventura e heroismo. É, ao mesmo tempo, um magnífico testemunho da época romantica do pioneirismo norte-americano. Em papeis secundários, sobressaem Anthony Quinn e Arthur Kennedy.

Espectáculo para crianças

no Jardim Zoológico

Inaugurado há dias no encantador parque infantil do Jardim Zoológico, o comboio eléctrico miniatura está a despertar enorme interesse e entusiasmo entre os pequenos visitantes daquele recinto.

Amanhã, ás crianças será ainda proporcionado um espectáculo com os palhaços José e Eirmilita, além de jogos, corridas, concursos e as habituais diversões. Encontrar-se-ão também, em exposição 3000 animais exóticos, havendo passeios de elefante e de «poneys» para as crianças.

Primeiras exibições

«O maior roubo da história», no S. Luiz e Alvalade

Segundo garantia dos produtores, o filme ontem estreado nos cinemas S. Luiz e Alvalade é uma história autêntica, a reconstituição exacta e fiel de um dos maiores casos dos anais do crime — o assalto a um dos maiores bancos de Boston. Assim, para realizar «O maior roubo da história», foram consultados os arquivos secretos da polícia americana, ouvidas testemunhas dos acontecimentos, considerados os mais autorizados depoimentos de pessoas ligadas aos acontecimentos.

Sem ser um filme completamente perfeito, a emoção e o «suspense» dominam de ponta a ponta e o espectador não tem um instante de repouso, ao assistir a uma extraordinária aventura dos seis bandidos mascarados, que ficou como um dos mais audaciosos assaltos praticados no mundo do crime — a ser verdade.

«O maior roubo da história», realizado com invulgar segurança e com técnica impecável, tem uma unica vedeta: a acção empolgante, num espectáculo de grande interesse. Salientam-se, contudo, nos principais papéis, J. Pat O'Malley, Robert Gist, Robert Wilkie, Romo Vincent, Jay Barney, Henry Corden, Tom Duggan e Sherwood Price.

Entre os complementos, figura um documentário sobre a actividade fabril em Wolfsburg, a cidade do «Volkswagen». — *Visor 60.*

Documentarismo britânico

Nas Belas-Artes, haverá esta noite, ás 21 e 30, mais uma sessão dedicada ao documentarismo britanico, apresentada pelos cineclubes ABC, Imagem, Centro Cultural de Cinema e Universitário.

Artur Agostinho e Fernando Frazão

vão actuar no Brasil

Artur Agostinho e Fernando Frazão — o primeiro, popular locutor e o segundo um dos mais certos realizadores de TV —, foram convidados para uma importante organização de rádio e televisão que vai constituir-se no Brasil mas com investimento de capitais portugueses.

Retrospectiva do cinema francês

A cinemateca francesa organizou uma retrospectiva do cinema mudo francês, que será apresentada em Lisboa. As sessões prolongar-se-ão durante quinze dias, iniciando-se na próxima segunda-feira, ás 18 e 30 e ás 21 e 30.

As sessões realizam-se na Cinemateca Nacional e têm a colaboração da Federação Portuguesa dos Cine-clubes.

DS 19 outra vez...

Após vitórias esmagadoras em LIEGE/SOFIA/LIEGE, VOLTA À CÓRSEGA e RALLYE NEIGE ET GLACE, o DS 19 marca de novo e nas condições mais difíceis, a sua supremacia no RALLYE LYON-CHARBONNIERE-STUTTGART:

Classificação geral de turismo:

1.º — NEYRET/VERILHAC em DS 19 CITROËN

2.º — VERRIER/ALEC em DS 19 CITROËN

MAIS UMA JÓIA PARA A COROA DO DS 19

Diário da OUTRA BANDA

NOVO PRESIDENTE

do Município de Almada

Por alvará do Governo Civil de Setubal, foi designado presidente interino da Camara Municipal de Almada o sr. Luís Nuno Carvalho da Silva, funcionário superior da Intendência-Geral dos Abastecimentos que, há muitos anos, reside naquele concelho, na Costa da Caparica. O novo titular já assumiu as suas funções.

LINDA CHRISTIAN e Edmond Purdon casam-se hoje

CIDADE DO MÉXICO, 24 — Linda Christian e o actor britanico Edmond Purdom casam-se hoje á noite, segundo revelaram fontes afectas á «estrela» do cinema.

O casal gozará a lua-de-mel em Acapulco. A cerimónia civil realizar-se-á na residência da mãe da artista, sr.ª Blanca Alvarez Amezquita, esposa do ministro da Saude mexicano. — (R.).

UM POUCO DE VENENO...

CAIRO, 24. — O diário «Al Ahram» afirma que o Governo francês tem provas de que a maior parte das bombas de plástico usadas pela O. A. S. são de fabrico israelita. — (A. N. I.).

GANDÊNCIO COSTA foi homenageado

O ilustre dirigente desportivo e comercial, sr. Gaudêncio Costa, foi homenageado no decorrer de um almoço que lhe foi oferecido pelos seus sócios por motivo da sua recente condecoração pelo Governo francês com o grau de oficial de Mérito Desportivo e Mérito Comercial.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — Às 15 e 30 e ás 21 e 30: «Scaramonche» (12 anos); *Academia* — Às 21 e 15: «Sublime aventura» e «Lança em chamas» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine Copacabana* — Às 21: «A morte de Belle» e «Elas preferem o mambo» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — Às 20 e 45: «Os bravos morrem de pé» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — Às 21 e 15: «Hawai azul» (17 anos).

SETUBAL — *Luísa Todi* — Às 16 e ás 21: «O diabo ás 4 horas» e «Como nasce um bravo» (12 anos); *Salão* — Às 16 e ás 21: «Ivanhoé, o vingador do rei» e «Atirar para matar» (12 anos).

PALMELA — *S. João* — Às 21: «O céu não está á venda» e «O ladrão de milhões» (12 anos).

BARREIRO — *Cine-Barreirense* — A's 21: «Safari» e «A estrada da montanha» (12 anos); *Ginásio* — Às 21: «Olhos negros» e «Espiões em acção» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Macedo Henriques* — Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 071297).

BARREIRO — *Central* — Avenida da Bélgica, 48 (Tel. 023207).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 039025).

MONTIJO — *Giraldes* — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 030008).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Lisboa* — Rua Dr. Paula Borba, 70 (Tel. 22248).

PENHORES ALMADA

PARAGENS: PANCAO E AQUARIO

Cruzamento D. Nuno-O. Salazar

DESPORTOS

TAÇA DE PORTUGAL

F. C. PORTO–BENFICA

E LUSITANO-SPORTING OS JOGOS MAIS IMPORTANTES

Nova interrupção nos «Nacionais», da I e II Divisões, para dar lugar aos jogos da 1.ª mão da 3.ª eliminatória da «Taça de Portugal», o torneio que ainda não encontrou a solução satisfatória e que persiste apesar de várias incompreensões, aliás, sem muito peso para que se possa admitir a hipótese de sua extinção.

O calendário estipula os seguintes encontros:

Entre clubes da I Divisão

F. C. Porto - Benfica
Lusitano Sporting
V. Guimarães - Académica

Entre clubes da I e II Divisões

Sanjoanense - Belenenses

Entre clubes da II Divisão

Vianense - V. Setubal

Efectua-se também o encontro em atraso da 2.ª eliminatória: Feirense - Leixões (em Espinho, no campo da Avenida).

Inegávelmente, os acontecimentos mais importantes da jornada desenrolaram-se, no Estádio das Antas e no campo Estrela onde se deslocam o Benfica e o Sporting, respectivamente.

O primeiro, no Porto, após o significativo triunfo benfiquista contra o Tottenham, porá frente a frente, pela terceira vez esta temporada, os populares clubes, do Norte e do Sul, e decerto será digno de proporcionar um embate emotivo, muito disputado, com o objectivo da conquista do maior numero de golos.

A categoria das duas equipas é também um coeficiente de interesse na medida em que será susceptível de equacionar a valia dos sectores dianteiros, qualquer deles a ter uma palavra a dizer em virtude das características do torneio, que é eliminar.

Recorda-se que tanto no «Nacional» da I Divisão como no festival de homenagem a Luís Roberto o F. C. Porto venceu o seu adversário de amanhã, mas acrescenta-se que os desafios se desbobinaram nas Antas.

A presença dos «leões» em Évora, constitui também um caso do dia. Os alentejanos, agora sob nova orientação técnica (Bumbel no lugar de Buchelli), preparam-se para marcar posição na «Taça», mas é de crer que a forma dos visitantes acabe por se impor.

No Minho, deverá ser interessante o embate entre o Vitória de Guimarães e a Académica.

A deslocação do Belenenses a S. João da Madeira cita-se como um facto que deve entusiasmar os adeptos do clube local. Os «azuis» terão que se acautelar com a onda de entusiasmo que deve caracterizar a acção do seu antagonista.

— Qual é a diferença que encontra entre a Taça de Portugal» e a da «Europa»? É a mesma que há entre o... escudo e o dolar!...

Fácil vitória do Sporting

sobre o Belenenses (77-26) no «Nacional» de basquetebol

No Pavilhão dos Desportos e perante pouca assistência (as grandes multidões andam divorciadas da modalidade por causa do fraco nível técnico da grande maioria dos jogadores), disputou-se, ontem, á noite, o primeiro encontro (Sporting-Belenenses) da 10.ª jornada do «Nacional» de basquetebol.

O embate não teve a elevação técnica que se esperava, pois, tanto os «leões», como os «azuis», limitaram-se a uma partida-presença, sem o despique e o interesse que era de esperar. A diferença de sistemas ficou logo patente nos momentos iniciais, apesar dos «azuis» tentarem contrariar, o maior poder do adversário á sua maneira habitual — em contra-ataques rápidos a colher de surpresa o reduto defensivo do antagonista.

Pouco a pouco, a maior naturalidade dos «leões» acabou por manter em respeito as poucas ou quase nulas iniciativas dos «azuis» e, assim, os sportinguistas puderam chamar a si a condução das operações.

A primeira parte findou com 36-20 a favor dos «leões». Na segunda, a feição da partida melhorou ligeiramente, pois, neste período, os «leões» desenvolveram uma ideia mais consentanea com as realidades actuais (41-6).

Alinharam e marcaram:

SPORTING — Garranha, 6; Mário, 21; Abílio, 25; Hilário, 2; Vicente, 10; Barreto, 7; Robalo, 4; Filipe, 2; e Fausto.

BELENENSES—Franco, 2; Morga, 2; Costa, 6; Roberto, 5; Brito, 8; Morais, 4; Delgado e Baptista.

A classificação actual está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Sporting	10	8	—	2	487-403	26
Benfica	8	8	—	—	497-285	24
Barreirense	9	7	—	2	574-355	23
Académica...	7	4	—	3	380-373	15
C. U. F.	9	3	—	6	376-398	15
F. C. Porto	8	3	—	5	324-349	14
Belenenses...	10	1	—	9	354-517	12
Ed. Física...	9	1	—	8	297-488	11

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Disputaram-se ontem á noite, três partidas a contar para o «Nacional» da 2.ª Divisão. Os resultados verificados foram os seguintes:

Nacional de Natação, 29-Rio Seco, 38; Luso, 29-Oriental, 39; e Queluz, 29-Liberdade, 27.

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão

No Pavilhão dos Desportos e no campo do Ateneu, disputaram-se mais dois jogos do «Nacional» da 3.ª Divisão. Os resultados:

Lapa, 29-Moscavide, 24 e Ateneu 41-Maria Pia, 37.

O DOMINGO DESPORTIVO

ANIVERSÁRIO (10.º) — Do Clube Desportivo da Cova da Moura: sessão solene na sede, ás 16 horas.

AUTOMOBILISMO — V Rali do Arte e Sport.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Montijo-Sp. Torres (11 h.).

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: C. D. U. L.-Combatentes (11 h.), C. Quebradense-Campolide (10), Encarnação-Seixal (10), Internacional-Pedrouços (10), Tabacos-Lisgás (10), D. Lapa-Almada (10), Rangel-Moscavide (10), Maria Pia-Paço de Arcos (10), Edc. Física-Santa Catarina (10).

— Campeonato Regional Feminino: Benfica-C. D. U. L. (A) e C. D. U. L. (B)-Queluz, na Faculdade de Ciências, ás 9 e 10 horas.

— Campeonato Regional de Juniores: Benfica-Maria Pia, no Ateneu, ás 10 horas; e C. Quebradense-Carnide e Algés Paço de Arcos, no Passadiço, ás 10 e 11 horas.

PROVAS DA A. F. L.

23 DESAFIOS DE 4 TORNEIOS

A actividade dos filiados da A. F. L. reserva-nos para amanhã 23 encontros, respeitantes a quatro competições. Eis, pois, como se apresenta o programa:

Campeonato Distrital da II Divisão (jogos em atraso) — União Povoense-Linda-a-Velha, na Póvoa; Alverca-Santa Iria, em Alverca — ambos ás 15 e 30.

Campeonato Distrital da III Divisão (14.ª jornada) — Série A — Oeiras-Porto Salvo, no campo «Adriano Canas»; Bom Sucesso-Império, no Estádio Nacional (campo de treinos-duro); Boa Hora-Carcavelos, no campo «Eng. Carlos Salema» — todos ás 15 e 30; o jogo Cascalheira-U. Algés não se realiza por f. c. do Cascalheira.

Série B — Lourel-Belas, no Lourel; Mucifalense-1.º de Dezembro, no Mucifal; Cacem-Vila Verde, no Cacem — todos ás 15 e 30.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão (2.ª jornada da 2.ª fase) — Série A — Vitória-Odivelas, na Picheleira, ás 10 h.; Vialonga-Santa Iria, em Vialonga, ás 10 e 30; Desp. Olivais-Oriental, em Moscavide, ás 11 h.

Série B — Amoreiras-S. Vicente da Beira, em Palma, ás 9 e 30; Sintrense-Malveira, em Sintra; Cascais-Santa Catarina, em Cascais — ambos ás 10 e 30.

Prova Distrital de Principiantes (7.ª jornada) — Série A — Sacavenense-Desp. Olivais, em Sacavem, ás 10 h.; U. Povoense-Alhandra, na Póvoa; Oriental-Vilafranquense, no campo «Eng. Carlos Salema»; Torriense-Olivais, em Torres Vedras — todos ás 10 e 30.

Série B — Benfica-Atlético, no Campo Grande, ás 9 e 30; Sporting B-Belenenses, em Alvalade; U. Algés-Fut. Benfica, em Algés — ambos ás 10 e 30; Casa Pia-Laranjeiras, em «Pina Manique» (treinos), ás 11 h.; Palmense-S. Vicente da Beira, em Palma, ás 11 e 15.

— Campeonato Regional de Infantis: Torres-Benfica, no Ateneu, ás 11 horas; e Belenenses-Sporting, Nacional-C. I. F. e Queluz-Campolide, no Liberdade, respectivamente ás 11.10 e 9 horas.

CICLISMO — Campeonato Regional de Independentes (c/r.-100 km), com partida (8 horas) e chegada á Encarnação.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Futebol: Comp. Carris de Ferro-Armazéns Grandela e Chocolates Regina-Standart Eléctrica, em Alvalade, ás 9 e 11 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Campeonato de Futebol, no Estádio Universitário, a partir das 9 h.: Letras-Económicas, Agronomia-Naval e Academia Militar-I. N. E. F.

ESGRIMA — Prova de preparação de espada, no Centro Espanhol, ás 9.30

HANDEBOL DE ONZE — Campeonato Nacional de Seniores: Sporting-Salgueiros e Porto-Benfica, nos campos dos primeiros, ás 10.30.

— Campeonato Nacional de Juniores: Sporting-Boavista e Vilanovense-Belenenses, nos campos dos primeiros, respectivamente ás 9.30 e 10 horas.

— Passagem de Divisão: Oriental-Glória, no campo do primeiro, ás 9 horas.

HIPISMO — Provas no Campo Grande, ás 15 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Treino da selecção nacional, em campo e hora a indicar.

RAGUEBI — Campeonato Nacional: Belenenses-Académica (reserva e honra, ás 14 horas e 15.30), Direito-Benfica (reserva e honra, ás 9 e 11 horas) e C. D. U. L.-Sporting (reserva e honra,) ás 9.30 e 11

(Continua na 10.ª página)

O União de Tomar não comparece ao jogo marcado com «Os Leões» de Santarém

Em virtude dos acontecimentos ocorridos, no passado domingo, no encontro União de Tomar-Vila-franquense, o que levou a F. P. F. a suspender 18 jogadores — 9 de cada equipa — a título preventivo até á conclusão de um inquérito, o clube tomarense, que não possui numero suficiente de suplentes, resolveu não comparecer ao encontro marcado para amanhã com «Os Leões» de Santarém, a contar para o «Nacional» da 3.ª Divisão.

A decisão foi comunicada, esta manhã, á F. P. F. e, por sua vez, transmitida ao clube escalabitano. Este, como é do regulamento, somará dois pontos, equivalentes a uma vitória.

O União de Tomar reune-se, esta noite, em assembleia geral, a fim de apreciar a situação com vista á continuação no torneio.

O inquérito ordenado pela F. P. F. está a ser feito pelo sr. Pinto Cruz.

O «Nacional» da 3.ª Divisão

• Os desafios da 10.ª jornada

Em continuação do campeonato nacional da III Divisão disputam-se amanhã os seguintes encontros correspondentes á 10.ª jornada:

ZONA A

1.ª SERIE — Freamunde-Famalicão, Bragança-Chaves, Gil Vicente-Monção e Bairro Latino-Mirandela.

2.ª SERIE — Arrifanense-Varzim, Lusitania-Leça, Ovarense-Vilanovense e Tirsense-U. Lamas.

ZONA B

3.ª SERIE — Gouveenses-M. Panasqueira, Académico-Sp. Lamego, Mortágua-Sp. Gouveia e Guarda-Lusitano V. M.

4.ª SERIE — «Marialvas»-Alcobaça, F. C. Caldas-U. Coimbra, Mirense-Naval e Nazarenos-Norte e Soure.

ZONA C

5.ª SERIE — Olivais-Torres Novas, Estoril-Tramagal, Ferroviários-Vila-franquense e União Tomar-«Leões».

8.ª SERIE — Portimonense-Olhanense e apurado de Evora-D. Beja.

6.ª SERIE — C. Caparica-F. Benfica, Palmelense-Casa Pia, Sesimbra-Vitória de Lisboa e Amora-Luso.

ZONA D

7.ª SERIE — Calipolense-Juventude, U. Montemor-Portalegrense, Estremoz-Estrela V. N. e E. Portalegre-Elvas.

8.ª SERIE — Despertar-Ferreirense, Esperança-S. Domingos, Aljustrelense-Serpa e Silves-S. L. Faro.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Belenenses - Benfica — o jogo mais importante da 2.ª jornada

O 22.º Campeonato Nacional de Juniores continua amanhã com os encontros correspondentes á sua 2.ª jornada.

ZONA NORTE

1.ª SERIE — Vianense-Amarante.

2.ª SERIE — Sanjoanense-F. C. Maia e V. Guimarães-Leixões.

3.ª SERIE—Académica-F. C. Porto e Beira-Mar-Oliveira do Douro.

4.ª SERIE — Sp. Nacional-Académica e F. C. Caldas-Nazarenos.

ZONA SUL

5.ª SERIE — Torres Novas-Campomaiorense e Sp. Covilhã-«Leões».

6.ª SERIE — Torriense-Sporting e C. U. F.-Barreirense.

7.ª SERIE — Belenenses-Benfica e Atlético-C. Piedade.

Vinte e nove ciclistas convocados para a selecção

O seleccionador nacional, sr. Idalino de Freitas, convocou vinte e nove corredores dos quais há-de sair a equipa definitiva.

A lista é a seguinte:

F. C. PORTO — Sousa Cardoso, Mário Silva, José Pacheco, Azevedo Maia e Sousa Santos;

ACADÉMICO — Alberto Carvalho, Manuel Castro, Alcino Tavares e Manuel Melo;

BENFICA — Peixoto Alves, Ilídio Rosário, Francisco Valada, Manuel Dionísio e Manuel Simões;

SPORTING — António Pedro Junior, José Pedro de Carvalho, João Roque, Arlindo Carvalho e Ventura Cristóvão;

ALPIARÇA — Lima Fernandes, José Manuel Marques, Agostinho Correia e João de Brito;

SANGALHOS — Henriques da Silva e Antonino Baptista;

OVARENSE — Laurentino Mendes e João Gomes;

OLIVEIRENSE — Carlos Simão

LOULETANO — Vítor Tanazinha.

Estes ciclistas participarão no «Grande Prémio Robbialac» a disputar nos dias 6, 7 e 8 de Abril.

A Federação autorizou o Sport Lisboa e Cartaxo a utilizar o dia 23 de Setembro para a realização do Circuito do Cartaxo.

Palmelense - Casa Pia

O jogo Palmelense - Casa Pia, para o «Nacional» da III Divisão, disputa-se amanhã, no Estádio Pina Manique, ás 15 horas.

PESCA DESPORTIVA

Uma palestra de Brum do Canto no Campolide

Na próxima segunda-feira, dia 26, pelas 22 horas, o conhecido desportista e cineasta Jorge Brum do Canto profere, na sede do Campolide Atlético Clube, uma palestra sobre «Pesca Desportiva». A mesma será acompanhada de filmes da modalidade e haverá também um colóquio entre o conferencista e os assistentes.

Esta realização é a primeira de uma série de actividades culturais que o progressivo clube de Campolide se propõe efectuar.

Dois membros do Governo
assistiram às operações finais da ripagem do cimbre da ponte da Arrábida

PORTO, 24 — (Pelo telefone) — Prosseguem activamente os trabalhos de ripagem, na futura ponte da Arrábida, devendo esta sensacional e inédita manobra técnica ficar concluida hoje. Para já, o monumental arco em betão, está livre do cimbre metálico, que lhe serviu de molde, oferecendo aos olhos de quem o contempla um espectáculo majestoso, que atesta o mérito incontestável da engenharia portuguesa. Concluida, agora, a difícil operação, em que muitos não acreditavam, será construida a segunda «costela» do arco da ponte.

O eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, que se deslocou propositadamente ao Porto, dirigiu-se esta manhã para aquela obra. Acompanhado do subsecretário da pasta e de elevado numero de técnicos e outras individualidades, assistiu, ali, com todo o interesse, á deslocação do cimbre, ao qual faltavam ainda três metros e dez centímetros, para atingir o ponto que deverá ocupar. Assim, posta a trabalhar a máquina compressora, a pesada estrutura metálica avançou, em marcha lenta, mais alguns centímentros.

A seguir, o eng.º Arantes e Oliveira reuniu-se com as entidades presentes, na casa da fiscalização, trocando impressões com os responsáveis pelo empreendimento.

O general Flávio dos Santos, usando da palavra, referiu-se ao valor da obra e aos seus problemas técnicos. Teve palavras de elogio para o prof. Edgar Cardoso e seus colaboradores e saudou o ministro, cuja acção governativa pôs em destaque.

O eng.º Arantes e Oliveira, em resposta, manifestou a sua satisfação por ver resolvidos os inumeros problemas técnicos e aludiu aos pessimismo e descrença de muitos. Disse que gostaria de poder comparecer, ali, mais vezes, pois, como técnico, a obra lhe oferecia, constantemente, riquissimos pormenores de técnica. Saudou a administração da Junta Autónoma de Estradas e pôs em relevo a certeza dos cálculos e dos estudos do prof. Edgar Cardoso. Teve, ainda, palavras de reconhecimento para o eng.º Pereira Zagalo e para a sua equipa.

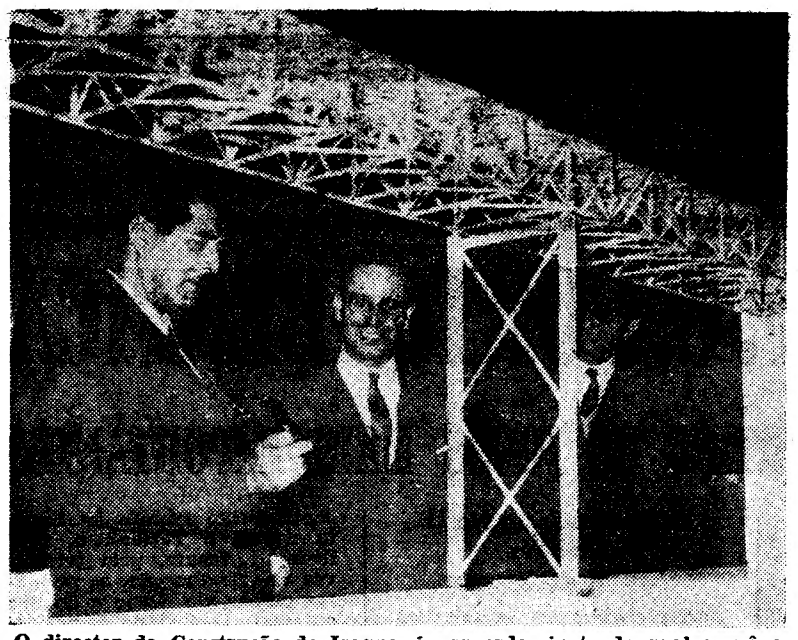
O ministro seguiu, depois, com as entidades oficiais, para as obras de acesso áquela ponte, nos dois lados.

AS VOSSAS JÓIAS

podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex.ª obter na

OURIVESARIA PIMENTA

RUA AUGUSTA, 253



O director da Construção do Iraque, á esquerda, junto do qual se vê o eng. Canto Moniz, admira a maqueta da ponte sobre o Tejo

OS ESTUDOS E PLANOS DA PONTE SOBRE O TEJO
foram mostrados hoje ao director da Construção do Iraque

No prosseguimento da sua visita ao nosso País, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o eng. Nouradeen Muhyadeen, director da Construção do Ministério das Obras Publicas do Iraque, esteve, esta manhã, no Gabinete da Ponte sobre o Tejo, para tomar conhecimento do projecto definitivo e dos acessos rodoviários, bem como de todos os planos de obras em estudo e a realizar, que se ligam com aquele grande empreendimento.

O eng. Muhyadeen chegou ao gabinete da Avenida Duque de Loulé, cerca das 10 e 30, acompanhado do eng. Vaz Raposo, da Fundação Gulbenkian, sendo imediatamente recebido pelo eng. Canto Moniz, director do referido departamento. Encontravam-se, ainda, presentes os engs. Noya Coutinho e Sabino Sequeira, técnicos dos mesmos serviços.

Aquele visitante demonstrou especial interesse pelas explicações que lhe foram fornecidas pelo eng. Canto Moniz, inteirando-se dos estudos preliminares e definitivos relativos á nova ponte sobre o Tejo, e da intervenção da engenharia portuguesa naquela obra colossal. Depois, o eng. Muhyadeen observou, atentamente, os modelos e soluções sugeridos pelas várias empresas concorrentes á construção da ponte, aquando da fase preliminar.

Em seguida, as referidas individualidades acompanharam o director das Obras Publicas do Iraque á oficina do artista Ticiano Violante, em Belém, onde o técnico visitante pôde observar as grandiosas maquetas da ponte, dos acessos e dos diferentes estudos de natureza plástica que foram realizados ou estão em curso, para assegurar um bom enquadramento paisagístico da obra no cenário de Lisboa e do seu magnífico estuário.

Nas breves palavras que, então, proferiu, o eng. Muhyadeen refe-

(Continua na 11.ª página)

O PRESIDENT
RECEBE NA A FAMÍLIA TEATR A CRIAÇÃO DO TEA

O «Dia Mundial do Teatro», a comemorar na próxima terça-feira, não será esquecido entre nós. Independentemente de outras iniciativas, o «Diário de Lisboa» lançou a ideia de que esse dia, tão significativo, fosse aproveitado para solicitar ao presidente da Camara Municipal de Lisboa a construção de um Teatro Municipal.

Entendeu-se que essa seria uma forma concreta de corporizar uma ambição legítima, uma necessidade urgente, um sonho de velha data. Um Teatro Municipal, em Lisboa, construído e equipado convenientemente, seria não só uma contribuição importante para enfrentar a falta de salas adequadas, mas também um acontecimento decisivo para vencer o sentimento de crise que perturba e desalenta os círculos teatrais portugueses.

Não se compreende, com efeito, que Lisboa não possua o seu próprio teatro, amplo, moderno, acolhedor, que seja instrumento de cultura ao serviço da cidade. Que melhor data para solicitar ao Município lisboeta a concretização desta legítima aspiração citadina do que o Dia Mundial do Teatro?

O sr. general França Borges recebe os peticionários ao meio-dia de terça-feira

A sugestão do «Diário de Lisboa», como esperávamos, causou o maior interesse nos círculos teatrais portugueses e em quantos amam o Teatro e sabem ser ele uma das mais sugestivas, ricas e directas formas de contacto com as grandes massas da população — base de toda a cultura.

Esse interesse e entusiasmo de pouco valeriam, porém, se o próprio Município não sentisse o problema e não estivesse disposto a resolvê-lo ou, pelo menos, a encará-lo com desejo de o solucionar. E acontece, precisamente, que na presidência da Camara Municipal de Lisboa se encontra o sr. general França Borges, personalidade que — no prosseguimento de uma verdadeira tradição do Município lisboeta — vem demonstrando especial carinho pelos problemas do espírito e, nomeadamente, pelo Teatro.

Mais uma vez o sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa confirmou o interesse que estes problemas lhe merecem. Quando esta manhã entabulamos contacto com a presidência do Município, o sr. general França Borges já estava perfeitamente ao facto da amplitude da iniciativa do «Diário de Lisboa», de tal modo que logo se prontificou a receber, com a melhor boa vontade, as pessoas que queiram corporizar a ideia lançada pelo nosso jornal — o que é já do melhor augurio para o êxito que se deseja alcançar.

A audiência ficou marcada para o meio-dia de terça-feira, na Camara Municipal de Lisboa. A concentração dos artistas, autores e técnicos teatrais; críticos, intelectuais e quantos directa ou indirectamente vivem e amam o teatro e que desejem participar nessa jornada a favor da construção do Teatro Municipal de Lisboa, far-se-á no átrio dos Paços do Concelho.

A Companhia do Nacional adere com entusiasmo

Ainda ontem quisemos saber como tinha sido recebida, nos vários meios teatrais, a sugestão do «Diário de Lisboa».

A primeira pessoa a quem nos dirigimos foi á grande actriz e empresária sr.ª D. Amélia Rey Colaço, que nos recebeu calorosamente.

—Acabo agora mesmo de ler o vosso jornal e acho a iniciativa verdadeiramente maravilhosa. Têm-me, e á minha companhia, incondicionalmente atrás de voz. Se preciso for, iremos pela rua fora cla-

mando «Venha
ça-feira lá est
Rey Monteiro
Lurdes Norbe
ria dos que es
a representar
tro Municipal
dade, uma nec
ra ele deven
quanto puderi

**Estará prese
nha d**

Ribeirinho
entre duas en
há fantasmas»
mados:

— Não há
mos incondici
ciativa, que n
tunissima. Lá
feira, com
maria Helena
va, Costinha,
Mendes, Lili
pos, Henrique
e Henrique V
Ribeirinho

— Como a c
tro Municipal,
será tarefa pa
que o problem
lução temporá
quirisse já o
ma dos teatro
ser igualmen
Porto e Coim

**O que pe
da Corporaçã**

O sr. dr. Ca
dente da Cor
culos, começo
— Se todos
que é indispen
nicipal, por qu
esse teatro?
E acrescent
— A falta d
salta aos olh
distraídos. O
algumas casas
ve-se, em part
O decreto sa
vendo a poss
ção de peque
dios mistos pa
sado ninguém,
todas as capi
tem teatros m
do uma reali
incidência na
países. A C. M
reconhecido p
desse teatro,
sidade urgente
to, tantas ve
aparecido.
E a conclui

Encerra
os t
da Assem

Encerram-se
de, os trabalho
do da VIII L
bleia Nacional
habitual perío
meses.
Durante a s
hora de fecha
sob a presidên
Figueiredo, se
Cid Proença e
ra, serão apro
rais do Estado
1960 e deve fi
ção da propos
forma da Pre
O projecto d
Saude e Assis
bleia apreciou
só deverá ser
meçarem os t
bro próximo.
À noite, os
no Hotel Tiv
confraterniza

A maior parte dos homens notáveis prefere Palmolive...

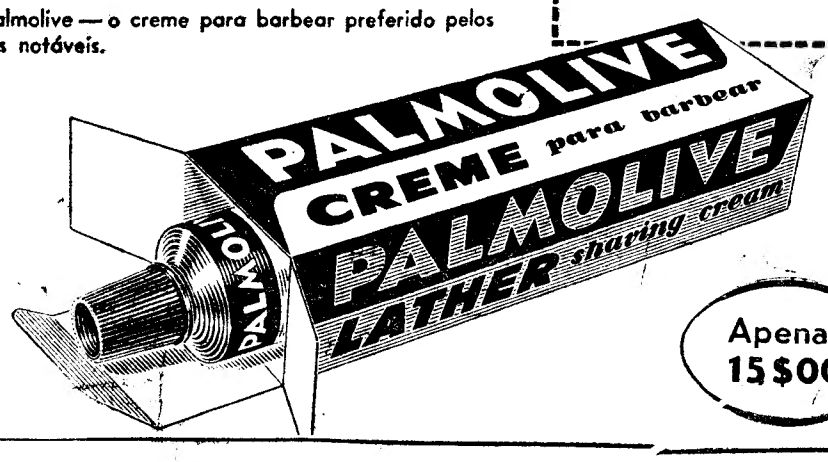
...e não admira!

A espuma macia e abundante de Palmolive suaviza e prepara a pele enquanto se barbeia, permitindo escanhoar mais cómoda e fàcilmente.

Use Palmolive — o creme para barbear preferido pelos homens notáveis.

SÓ PALMOLIVE OBTEVE ESTES RESULTADOS:

1.251 homens experimentaram o creme para barbear Palmolive
81 % disseram: «Corte mais fácil de barba».
76 % disseram: «Deslize mais suave da lâmina».
71 % disseram: «Permite escanhoar melhor».
80 % disseram: «Sente-se a pele mais macia».



Apenas 15$00

Por retirada p.ª Alemanha

VENDO RECHEIO DE 15 DIVISÕES

HOJE, das 10 á meia-noite
AMANHÃ, Domingo, no mesmo horário

baratíssimo por urgência, em conjunto ou separadamente

Mobiliário — Antiguidades — Loiças — Pratas — Lustres — Quadros — Decorações — Aparelhagem Doméstica — Utilidades, etc.

Rua Gonçalves Crespo, 35, 1.º
(Conde Redondo) — L I S B O A
Telef. 735338

Jóias Antigas e Modernas

Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

VEJA AMANHÃ NO

JARDIM ZOOL

O JARDIM DOS PEQUENINOS COM O SEU COM
MINIATURA
MAIS DE 3.000 ANIMAIS EXÓTIC
TODAS AS DIVERSÕES

AMANHÃ, DOMINGO, A ENTRADA ATÉ ÀS

SIDENTE DA CÂMARA

EBE NA TERÇA-FEIRA

MÍLIA TEATRAL QUE LHE VAI PEDIR

AÇÃO DO TEATRO MUNICIPAL DE LISBOA

tro», a co-
erça-feira,
nós. Inde-
s iniciati-
a» lançou
tão signi-
o para so-
Câmara
construção

seria uma
rizar uma
ecessidade
elha data.
m Lisboa,
nveniente-
contribui-
frentar a
mas tam-
ecisivo pa-
e crise que
círculos

om efeito,
seu pró-
erno, aco-
nento de
dade. Que
r ao Mu-
zação des-
tadina do
eatro?

Borges
ários
a-feira

e Lisboa»,
u o maior
trais por-
amam o
uma das
directas
s grandes
ase de to-

siasmo de
se o pró-
sse o pro-
lisposto a
s, a enca-
olucionar.
, que na
Municipal
r. general
dade que
uma ver-
icípio lis-
ndo espe-
nas do es-
pelo Tea-

sidente da
sboa con-
estes pro-
ando esta
acto com
plo, o sr.
já estava
amplitu-
o de Lis-
o se pron-
elhor boa
queiram
pelo nos-
o melhor
se deseja

cada para
na Cama-
A concen-
s e técni-
lectuais e
ectamente
e que de-
ornada a
eatro Mu-
no átrio

cional
smo
saber co-
os vários
do «Diá-

quem nos
triz e em-
ey Colaço,
mente.
de ler o
iniciativa
osa. Têm-
ia, incon-
z. Se pre-
fora cla-

mando «Venham ao Teatro!». Terça-feira lá estaremos: eu, Mariana Rey Monteiro, Raul de Carvalho, Lurdes Norberto e mais meia dúzia dos que estivermos disponíveis, a representar a companhia. O Teatro Municipal de Lisboa é, na verdade, uma necessidade absoluta. Para ele devemos todos trabalhar quanto pudermos.

Estará presente toda a companha do Variedades

Ribeirinho e Henrique Santana, entre duas entradas na peça «Aqui há fantasmas», dizem-nos entusiasmados:

— Não há duas hipóteses: Estamos incondiciónalmente com a iniciativa, que nos parece muito oportuníssima. Lá estaremos, na terça-feira, com toda a companhia — Maria Helena Matos, António Silva, Costinha, Luísa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luís de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves e Henrique Viana.

Ribeirinho ainda nos confessa:

— Como a construção de um Teatro Municipal, unica solução ideal, será tarefa para alguns anos, acho que o problema podia ter uma solução temporária se a C. M. L. adquirisse já o São Luiz. E o problema dos teatros municipais terá de ser igualmente encarado para o Porto e Coimbra, pelo menos.

O que pensa o presidente da Corporação dos Espectáculos

O sr. dr. Campos Figueira, presidente da Corporação dos Espectáculos, começou por nos perguntar:

— Se todos estamos de acordo em que é indispensável um Teatro Municipal, por que não apareceu ainda esse teatro?

E acrescenta:

— A falta de teatros em Lisboa salta aos olhos, mesmo dos mais distraídos. O desaparecimento de algumas casas de espectáculos deve-se, em parte, á acção da C. M. L. O decreto saído em tempos, prevendo a possibilidade de construção de pequenos teatros em prédios mistos parece não ter interessado ninguém. Em todas, ou quase todas as capitais do Mundo, existem teatros municipais, constituindo uma realidade com fortíssima incidência na vida cultural desses países. A C. M. L. tem várias vezes reconhecido publicamente a falta desse teatro, confessando a necessidade urgente do seu aparecimento, tantas vezes falado, mas não aparecido.

E a concluir:

—Pode ser que esta vossa iniciativa de levar aos Paços do Concelho a família teatral portuguesa constitua o passo decisivo para a concretização desse anseio da cidade. Confiemos todos em que assim será. Eu, na minha qualidade de presidente da Corporação dos Espectáculos, e na de amante do Teatro, lá estarei a apoiar o pedido com a minha presença.

Apoio entusiástico de Igrejas Caeiro

Igrejas Caeiro, tão promissoramente regressado á actividade teatral como actor e encenador, foi exuberante e entusiasta na sua adesão:

— A família do Teatro, infelizmente sem vida social, cultural ou intelectual que a réuna, apenas se encontra nos cemitérios, no momento do adeus a mais um camarada ilustre que desaparece, como ainda ontem aconteceu ao chorarmos a saudosa e grande Aura Abranches. Obrigado, pois, ao «Diário de Lisboa», por tentar unir-nos num acto de esperança, num desejo de criação, numa manifestação de vitalidade. Se a diligência de terça-feira, junto do presidente do Município, tiver o eco por todos ambicionado, bem nos podemos regozijar pela instituição do «Dia Mundial do Teatro» e estou certo de que o mundo inteiro saberá que esta jornada de fraternidade teatral teve repercussão no extremo ocidental da Europa e deixou uma bela semente a germinar. Convencido como estou de que se reunirão no Município a Corporação dos Espectáculos, e os respectivos grémios e sindicatos, direcções das Sociedades Portuguesa de Escritores e de Escritores e Compositores Teatrais; a direcção, o corpo docente e os alunos do Conservatório, os críticos, todos os artistas e técnicos ligados ao Teatro, não parece ao «Diário de Lisboa» que seria oportuno aproveitar tão extraordinária e invulgar reunião para pedir ao sr. ministro do Interior, que exerça a sua enorme influência junto dos Municípios das capitais de distrito no sentido de os encorajar igualmente á construção de teatros municipais? Já que andamos nas paragens do Terreiro do Paço, não seria oportuno pedir ao sr. ministro das Fi-

(Continua na 11.ª página)

Encerram-se hoje
os trabalhos da Assembleia Nacional

Encerram-se hoje, ao fim da tarde, os trabalhos do primeiro período da VIII Legislatura da Asembleia Nacional, que inicia o seu habitual período de férias de sete meses.

Durante a sessão, que decorre á hora de fecharmos o nosso jornal, sob a presidência do prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, serão aprovadas as Contas Gerais do Estado relativas ao ano de 1960 e deve ficar concluída a votação da proposta de lei sobre a Reforma da Previdência.

O projecto da lei do Estatuto da Saude e Assistência, que a Assembleia apreciou nas ultimas semanas, só deverá ser votado quando recomeçarem os trabalhos, em Novembro próximo.

À noite, os deputados reunem-se, no Hotel Tivoli, num jantar de confraternização.

VEJA AMANHÃ NO

M ZOOLÓGICO

ENINOS CO[illegible] O SEU COMBOIO ELÉCTRICO MINIATURA

DE 3.000 ANIMAIS EXÓTICOS

TODAS AS DIVERSÕES

A ENTRADA ATÉ ÀS 13 HORAS — 3$00

A posição e o estado em que ficou a camioneta

Uma camioneta de passageiros
foi embater com um morro entre Famões e Paiã

BALANÇO DO DESASTRE: 19 FERIDOS

Várias camionetas da Empresa Arboricultora de Caneças fazem quotidianamente o trajecto entre Odivelas e Lisboa transportando dezenas de passageiros. Serviço bem regulado, sempre tem servido todos quantos o utilizam sem contratempos de maior. Há dias, no entanto, em que o desastre parece estar escondido sob a poeira da estrada — e, assim, esta manhã, entre Famões e Paiã, uma dessas camionetas ficou ali imobilizada por um acidente que poderia ser de bem funestas consequências.

Conduzia o veículo o motorista sr. Manuel Gonçalves Felício, de 44 anos, residente na Rua Dr. António Martins, 29, 1.º, em Benfica, e seguia como cobrador o sr. Manuel Francisco Vidal, morador nas Covas do Inferno, em Sintra. Numa descida da estradinha apertada que vai desembocar junto ao portão da Quinta do Pinheiro, os travões do veículo (segundo a melhor hipótese) deram de si — e logo a camioneta, repleta de passageiros, flectiu para a direita e foi «afocinhar» contra um pequeno morro ali existente, constituído por pedra e terra. Claro que a frente foi logo dentro e o volante atingiu o peito do motorista.

Passados os primeiros momentos de pânico, todos os ocupantes da viatura foram retirados para o exterior, verificando-se, então, que nenhum havia perecido. Alguns, porém, encontravam-se feridos, pelo que foram conduzidos ao Hospital de Santa Maria, onde ficaram internados os seguintes seis passageiros: Mário Maria Francisco, de 33 anos, e Celestino Francisco, de 28, irmãos, ladrilhadores, ambos de Olival de Basto; Ilda Jorge, de 40 anos, doméstica, de Famões, Odivelas; Adelino da Costa Machado, de 34 anos, calceteiro, de Odivelas; António Trindade Roque, de 35 anos, também da mesma localidade; e Joaquim José Constança, de 65 anos, proprietário, de Madrufe, Lourinhã.

Foram ali receber tratamento: Eduardo da Silva Nobre, 24 anos, estucador, de Pombais, Odivelas; Manuel Cardoso da Silva, 14 anos, de Odivelas; Clara Pina dos Santos Carvalho, 23 anos, de Famões; Ermelinda Augusta Paulos, 18 anos, de Famões; Luís Arsénio Pedroso, 41 anos, cantoneiro, do Senhor Roubado, Odivelas; Maria do Nascimento Baptista, 26 anos, de Famões; António Ernesto Ribeiro, 61 anos, serralheiro, de Odivelas; Vítor Mel Antunes Carvalho, 23 anos, polidor, de Odivelas; Aníbal Inácio Jorge, 43 anos, pintor, de Odivelas; Heliodoro Domingos Machado, 32 anos, serralheiro, de Odivelas; José Manuel Antunes Araujo, 17 anos, serralheiro, de Odivelas; Daniel Francisco da Conceição, 16 anos, servente, de Olival de Basto; e Hilário Mota António, 18 anos, operário, de Odivelas.

O motorista não ficou internado. Registou a ocorrência a G. N. R. da Pontinha — e o veículo foi retirado por um reboque.

NA ESTRADA MARGINAL
entre Caxias e Paço de Arcos
foi restabelecido o trânsito nos dois sentidos

Embora a faixa de rodagem não possa ser utilizada em toda a sua largura, foi já restabelecido o transito de veículos, nos dois sentidos, na estrada marginal entre Caxias e Paço de Arcos. Entretanto, prosseguem as obras para restauro da muralha e piso da estrada, desmoronados pelo mar durante os ultimos temporais.

CAPITALISTAS

«A CONFIDENTE», com sede na cidade de Lisboa e filial no Porto, comunica a todos os capitalistas que coloca dinheiro sobre 1.as hipotecas, em propriedades, ao juro de 8% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da sua inteira responsabilidade a eficiência da transacção.

Tratamos de toda a documentação, registos, etc. Nada cobramos de comissão aos capitalistas.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA HÁ 28 ANOS

LISBOA
Rossio, 3, 2.º andar
Telefones 369384/5/6

PORTO
Rua Passos Manuel, 14, 1.º
Telefones 20344/5/6

O mito do desarmamento - 6

Os planos levados a Genebra pelas delegações americana e soviética divergem em todos os aspectos técnicos (fiscalização, interdição das experiências, supervisão internacional, veículos para transportar as armas nucleares, materiais cindíveis, limite das forças convencionais) e pormenores de execução, não havendo qualquer probabilidade de os conciliar. Essa incompatibilidade só a estranharão os que não souberem os motivos reais que tornaram a reunião inevitável e os fins que ela tem em vista. Em Genebra não se trata de desarmamento mas de diplomacia e a negociação ali entabulada refere-se, não a uma eventual limitação de armamentos, mas ás questões pendentes que justificam a tensão internacional, especialmente a questão alemã e o estatuto de Berlim.

«O veto do chanceler Adenauer e do general de Gaulle, escreve Walter Lippmann, não permite que se discuta publicamente a questão alemã. Particularmente, é ela que se discute em Genebra. O facto de não se poder discutir o desarmamento leva a procurar outras vias para atenuar a guerra fria. Enganam-se em Bonn e Paris se supõem que, enquanto a competição russo-americana prossegue no domínio nuclear, continuará a mesma imobilidade para as discussões sobre os problemas da alçada da diplomacia. Foi para lhe pôr termo que decidimos ir a Genebra». Em 12 do corrente o enviado especial do «Fígaro» á conferência telegrafava: «Na véspera da conferência ninguém fala em Genebra do desarmamento e todas as atenções se voltam para a Alemanha e para Berlim, objecto das conversações preliminares dos três ministros dos Negócios Estrangeiros (Rusk, Home e Gromiko)».

Quanto ao desarmamento, a nota enviada ao secretário-geral da O. N. U. pelo Governo soviético (10 de Março) fala como um livro aberto. «A União Soviética, lê-se nesse documento, compromete-se a não fornecer armas nucleares a qualquer país (leia-se á China) desde que os Estados Unidos façam o mesmo». O resto daquele documento (desde a proposta para a interdição das experiências á sugestão reiterada para a reunião de alto nível) é acessório ou supérfluo. O pensamento dos dirigentes de Moscovo condensa-se na primeira parte da nota: limitação do número de membros do clube atómico não deixando entrar nele a China e a Alemanha Ocidental e conservando-se na sua posição actual a Grã-Bretanha e a França, cuja influência nas decisões dos dois grandes é, neste capítulo, mínima.

«Ninguém entende, diz ainda o correspondente do «Fígaro», que em Genebra estejam reunidos os representantes de dezassete países para tratar do desarmamento nuclear sabendo-se que catorze não dispõem dessas armas e nada têm a dizer sobre um problema que desemboca na interdição das experiências. Aos que se interrogam, a esse respeito, diremos que a conferência terminará por um malogro e que a sua convocação resultou da necessidade de erguer um biombo por detrás do qual os Estados Unidos, a Russia e a Grã-Bretanha discutem as questões da Alemanha, de Berlim e da segurança europeia (zona desmilitarizada e bases)».

O presidente Kennedy acendeu, numa conferência de Imprensa recente, a luz vermelha para anunciar os acontecimentos dos próximos meses em seguida ao malogro de Genebra: agravamento da crise de Berlim, encontro com Kruchtchev para pôr termo á crise, acordo tácito sobre o futuro estatuto daquela cidade, revisão das posições americana e soviética segundo o resultado do encontro de alto nível previsto para o Verão. Entretanto, a competição nuclear prosseguirá com experiências nos dois campos e as conclusões que delas tirarão os interessados. Por detrás das aparências, ameaçadoras ou explosivas, a limitação do clube atómico continua a ser a chave das relações dos dois Grandes.

C. F.

A OPINIÃO É UNÂNIME...

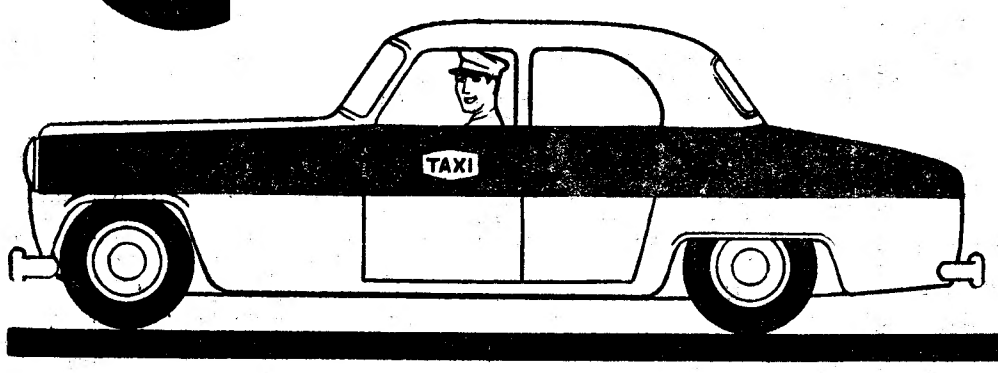
o «CASTROL CRX» (ESPECIAL)

É o óleo que a experiência consagrou como o mais indicado para as condições de trabalho de todas as viaturas a gasóleo, no nosso País.

A absoluta preferência que os proprietários e motoristas de «táxis» de Lisboa e de outras cidades do País lhe dispensaram há muito atesta, sem lugar a dúvidas, que o alto rendimento e verdadeira economia que ele confere é um facto real!

Castrol

Não admira que assim seja pois o «CASTROL CRX» (especial) é um óleo que os técnicos da Castrol estudaram propositadamente com vista á eficaz protecção dos motores diesel, contra os efeitos do elevado teor de enxofre contido no gasóleo que se utiliza no nosso País



SE JÁ USA «CASTROL CRX», NÃO CORRA RISCOS, CONTINUE A USÁ-LO... ...SE AINDA O NÃO EXPERIMENTOU, VALER-LHE-Á A PENA INFORMAR-SE JUNTO DOS QUE JÁ O CONHECEM.

ABARTH & C.

ESCAPES ABARTH

MAIOR RENDIMENTO
MENOR CONSUMO
MAIOR REPRISE

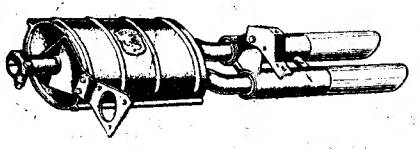
MODELOS: NORMAIS ● SPORT ● COMPETIÇÃO

PARA AS PRINCIPAIS MARCAS

J. MENDES COELHO, LDA.

Rua Gomes Freire, 5 A/F

Telefs. 43523/57947 — LISBOA



DESPORTOS

UM CLUBE INGLÊS (da 3.ª Divisão) quer defrontar o Benfica

(os feiticeiros da camisola encarnada)

LONDRES, 24. — Um clube inglês de futebol da 3.ª Divisão, o Coventry City, está empenhado em trazer á Inglaterra o Benfica, actual detentor da «Taça dos Campeões Europeus», para um jogo particular durante as festas da catedral de Coventry, em Maio — foi hoje anunciado.

As negociações para a vinda dos «feiticeiros da camisola encarnada», como são aqui chamados os benfiquistas, começaram em Lisboa, esta semana, quando os portugueses venceram os Tottenham Hotspurs, por 3-1. Segundo informadores, o Coventry City teria sugerido a data de 16 de Maio para o encontro, mas nada está ainda estabelecido, tanto mais que o Benfica exigia uma garantia de sete mil libras — soma equivalente a 560 contos — se incluir as despesas de deslocação e alojamento. Os dirigentes do clube vão reunir-se, em breve, para verificarem se estão em posição de arcar com tal despesa, admitindo-se que tenham de se contentar com a participação de um clube inglês de primeiro plano, por impossibilidade de satisfazerem as condições do Benfica — (A. N. I.).

NOTÍCIAS SOLTAS

● O Grupo Desportivo de Queluz oferece amanhã, na sua sede, um almoço de homenagem aos seus jogadores que se classificaram em 1.º lugar na série B do «Distrital» da Associação de Futebol de Lisboa.

● No campo do Palmense, em futebol, jobam o G. D. Mealhada e os «Leões» de S. Sebastião.

● No campo do Nacional, ás 16 horas, defrontam-se, em basquetebol, jogam o G. D. Mealhada Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal e da Escola Comercial Rodrigues Sampaio.

O domingo desportivo

(Continuação da 7.ª página)

horas, respectivamente no Restelo, Campo Grande e Estádio Universitário.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis: Ateneu-Ordem e Progresso, Arroios A-Sporting B e Sporting A-Paço de Arcos, nas salas dos primeiros, ás 10 horas.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no Lumiar, ás 14 horas.

A ACADÉMICA em Lourenço Marques

BEIRA, 24. — Vinda de Lourenço Marques, chegou a esta cidade a equipa de basquetebol da Associação Académica de Coimbra, sendo festivamente recebida tanto por agremiações e organismos desportivos como pelos antigos estudantes de Coimbra, aqui fixados.

A equipa defrontará hoje, á noite, no pavilhão de desportos do Ferroviário, a turma do Clube Atlético Chines. Amanhã disputa novo jogo contra o Ferroviário. — (A. N. I.).

HOJE, À NOITE

AUTOMOBILISMO — Na secretaria do Benfica, ás 22.30: distribuição de prémios.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Benfica-Porto, ás 22 horas, no campo de S. Bento.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Reserva: C. F. Benfica-Lisgás, Belenenses-Sintra e Campo de Ourique-Sporting, no Campo de Ourique, a partir das 21 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonatos nacionais da II série, no Lisboa Ginásio, ás 21 h.

A Semana Desportiva do Ginásio Clube Português

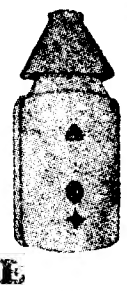
A Semana Desportiva, comemórativa do 87.º aniversário do Ginásio Clube Português, começa hoje, ás 21 e 30, para se prolongar até 31 do corrente mês.

O programa desta noite engloba um torneio de ginástica aplicada entre o Ginásio e o Benfica para disputa da taça «87.º aniversário» e intersócias.

DURANTE ESTE MÊS O SEU VELHO ESQUENTADOR VALE **1.000$00** OU MAIS SE O TROCAR POR UM

CRUCIS ou VITÓRIA

EQUIPADOS COM O FAMOSO QUEIMADOR EM AÇO INOXIDÁVEL QUE NÃO ENTOPE
SEGURANÇA ABSOLUTA
E GRANDE ECONOMIA
EXCEPCIONAIS FACILIDADES DE PAGAMENTO



EXPOSIÇÃO E VENDA: **FRINEVE**

RUA CONDE REDONDO, 20-A — TELEF. 47012 — LISBOA

CASA DE REPOUSO DE PENACOVA

NINHO DE PRIMAVERA

Se quiser gozar as delícias da Primavera escolha a CASA DE REPOUSO DE PENACOVA Peça informações Superiora. Telefone Penacova 47137.

+

RAUL RODRIGUES MIRANDA

PACHECO & TELES, LDA., cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos o falecimento do seu colaborador e gerente Raul Rodrigues Miranda, cujo funeral se realiza amanhã, ás 7 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério de Calendário — Vila Nova de Famalicão.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

O Dia Mundial do Teatro

(Continuação da pagina central)

nanças que aliviasse o regime tributário do espectáculo teatral? Durante esta jornada, em que por certo estará presente o sr. secretário nacional da Informação e Cultura Popular, alguém de mais influência podia segredar-lhe como seria util ao Teatro que o critério da censura fosse, pelo menos igual ao que é concedido ao Cinema, e autorizasse que as peças de teatro expostas nos escaparates das livrarias e ao alcance de todas as mãos fossem liberadas para representação.

O presidente do Sindicato dos Artistas Teatrais apoia o pedido

O actor Samunel Dinis, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais, afirmou-nos, por sua vez, que a ideia lhe merece o maior carinho, pois ela está há muito no espírito de quantos sentem os dramáticos problemas do Teatro na nossa terra e aspiram por todas as medidas que o possam engrandecer.

O Sindicato a que preside far-se-á representar na diligência de terça-feira.

O inspector dos Espectáculos diz: «Inadiável»

O sr. coronel Óscar de Freitas, inspector-geral dos Espectáculos, em exercício, declarou-nos que o problema é de tal modo evidente que acha desnecessário dizer mais — a construção do Teatro Municipal de Lisboa é uma obra indispensável e inadiável pela sua urgência. Com ele muito poderá lucrar a vida teatral lisboeta.

O aplauso de Carmen Dolores

A distinta actriz Carmen Dolores, que faz parte da direcção do Teatro Moderno de Lisboa, disse-nos que a iniciativa do «Diário de Lisboa» era, sem duvida, de aplaudir inteiramente.

— Não posso falar em nome dos meus colegas — esclareceu — mas, por mim, penso que a construção do Teatro Municipal de Lisboa é assunto que merecerá o aplauso unanime dos que vivem para o Teatro. Associar-me-ei aos peticionários e estarei na Camara Municipal de Lisboa, juntando a minha voz ao coro geral. Estou certa de que, como eu, ali estarão muitos, se não todos quantos trabalham no Teatro Moderno de Lisboa.

O Trindade associa-se ao Dia Mundial de Teatro

Ontem á noite reuniu-se o Conselho de Teatro, da Corporação dos Espectáculos, o qual apreciou a projecção do Dia Mundial de Teatro.

Uma vez que o Teatro da Trindade está alugado ao S. N. I., resolveu o Conselho de Teatro, juntamente com aquele departamento de Estado, associar-se ás comemorações do Dia Mundial de Teatro promovendo, com a companhia ali em actividade, alguns espectáculos especiais, abrindo de par em par as portas daquele teatro, a fim de que o povo possa assistir ás representações.

A cirurgia cardíaca

e a utilização do coração artificial

A propósito da notícia da vinda a Portugal de um especialista inglês para dar indicações a uma equipa portuguesa sobre o funcionamento do coração pulmão artificial de «Melrose», informa-nos o Centro de Cirurgia Cardio-Vascular do Sanatório D. Carlos I que há muito possui uma equipa cardio-cirurgica que executa a cirurgia com o coração exangue. Desde 1956 que este assunto tem merecido a melhor atenção a esta equipa médico-cirurgica que tem acompanhado o que se tem feito no estrangeiro e por vezes ultrapassado, facto este que gostosamente se dá a conhecer. Em 1959 realizou-se a primeira intervenção num ser humano com pleno êxito, e de então para cá, têm sido várias as intervenções desta natureza, sempre que indicadas.

O aparelho utilizado foi concebido e construído no nosso País e o seu preço de custo é cerca de dez vezes inferior ao referido aparelho estrangeiro.

As provas dadas pelo aparelho português são de tal forma evidentes, que diversos especialistas, nomeadamente em Espanha e no Brasil, o adquiriram para uso nas suas clínicas, dando-se até a circunstancia de uma casa inglesa estar interessada na sua construção em série.

Há cerca de dois anos introduziu-se-lhe um dispositivo que permite efectuar o mais moderno método de cirurgia cardio-vascular que alia á circulação extra-corporal a hipotermia profunda.

Dois feridos graves

num desastre de automóvel

ILHAVO, 24. — Quando esta madrugada o sr. Venício Vilar Mariano, construtor civil desta vila, se dirigia para a Gafanha de Aquém, conduzindo vários amigos daquela localidade, a carrinha em que seguiam e de que ele é proprietário, por motivos ainda não esclarecidos, foi embater, na curva do fim da Avenida Marechal Carmona, com um muro. Ficou muito danificada.

O condutor nada sofreu, mas os srs. Carlos Fernandes Pinto, de 41 anos, casado, marítimo, e Horácio Fernandes Ferreira, de 33 anos, casado, construtor, sofreram ferimentos tendo sido conduzidos ao hospital desta vila. O primeiro tem fractura de costelas e perfuração de um pulmão, sendo muito grave o seu estado: o segundo apresenta vários ferimentos pelo corpo e esfacelamento da mão direita que lhe foi amputada.

O escoltador-oceanico

«Comandant Bourdais» larga hoje do Tejo

O escoltador oceanico da Armada francesa, que se manteve no Tejo durante dois dias, em visita de rotina, faz-se, ao fim da tarde, ao Atlantico.

Hoje, o seu comandante, sr. capitão-de-fragata Winter, ofereceu um almoço a bordo, em honra de diversas individualidades.

As individualidades que presidiram á cerimónia

A ADMINISTRAÇÃO DA SONAP

homenageou alguns dos seus colaboradores

A administração da Sonap reuniu ontem, num jantar, na sede do seu grupo desportivo, oitenta e sete dos seus colaboradores, empregados e assalariados, que no ano findo completaram 25, 15 e 10 anos de serviço.

Presidiu o sr. dr. Castro Caldas, presidente do conselho de administração da empresa, ladeado pelos administradores, srs. dr. José Nosolini, eng. Albano Homem de Mello, Jaime Gonzalez e Francisco Boullosa e por dois funcionários que completaram 25 anos de serviço. Presentes, ainda, além dos membros da direcção da sociedade, todos os seus colaboradores com mais de 25 anos de serviço.

Aos brindes, falou o sr. dr. Castro Caldas, que procedeu á entrega de emblemas comemorativos e de relógios em ouro aos homenageados. Em nome dos distinguidos, agradeceu o sr. Humberto Cardoso.

A VISITA DO DIRECTOR da Construção do Iraque

(Continuação da pagina central)

riu-se em termos elogiosos a quanto lhe fora dado ver, acentuando que, no seu pais, está em projecto a construção de uma grande ponte de tipo semelhante á que vai ser erguida sobre o Tejo, embora de mais pequenas dimensões.

Nesta parte da sua digressão, o técnico iraquiano foi acompanhado, além do escultor Ticiano Violante, pelos engs. Eduardo Abranches Magalhães, director da Divisão de Material Circulante da Sorefame (uma das empresas associadas da United Steel Export Company, que vai construir a ponte de Lisboa), e Elias da Costa, da Junta Autónoma de Estradas.

Um laboratório móvel da J. A. E.

Continuando, o eng. Muhyadeen visitou, depois, um dos vários carros de laboratório que a Junta Autónoma de Estradas possui em alguns dos distritos do Continente, a fim de permitir um «controle» perfeito das obras de terraplanagens e pavimentação.

Aquela viatura encontrava-se estacionada junto da oficina de maquetas, e mereceu o interesse do técnico iraquiano, que a observou com demora. Trata-se de um laboratório móvel construído integralmente nas oficinas da J. A. E., o qual representa, sem duvida, um instrumento de trabalho indispensável e demonstra como aquele organismo executa os seus estudos e trabalhos, de acordo com os mais modernos processos técnicos.

Por ultimo, o director das Obras Publicas do Iraque deslocou-se aos estaleiros da Sorefame, em Venda Nova, que percorreu, acompanhado por algumas das individualidades já referidas, e foi obsequiado com um almoço íntimo, na Cozinha Velha, em Queluz.

Durante a tarde, o eng. Muhyadeen visitou alguns pontos turísticos da capital.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Joaquim Duarte

COVILHÃ, 24. — Faleceu nesta cidade o sr. Joaquim Duarte, que contava 93 anos de idade, operário aposentado, e que foi uma figura muito estimada e considerada nesta cidade. Era um dos mais antigos bombeiros dos voluntários covilhanenses. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Rosa Manuela Duarte.

O PORTO PELO TELEFONE

Posse do comandante distrital da L. P.

PORTO, 24. — No Governo Civil, efectuou-se hoje, ao princípio da tarde, o acto de posse do novo comandante distrital da L. P., coronel Amadeu César Lopes, antigo comandante do Batalhão n.º 3 da Guarda Fiscal.

O acto teve a presença dos srs. almirante Henrique Tenreiro e general Valente de Carvalho, respectivamente, presidente da Junta Central e comandante-geral daquela organização; eng. Brito e Cunha, chefe do distrito; 2.º comandante da I Região Militar, presidentes dos Municípios do Porto e Gaia, comandante da P. S. P., inspector de Incêndios da Zona Norte, representante do administrador apostólico da diocese, legionários, etc.

Após a leitura do auto de posse, o coronel César Lopes prestou compromisso de honra. Usaram, então, da palavra o almirante Henrique Tenreiro, o empossado e o chefe do distrito, que fizeram afirmações de patriotismo e fé legionária.

O novo comandante foi muito cumprimentado.

A's 17 horas, o almirante Henrique Tenreiro visitará o aguartelamento da Brigada Naval, no Castelo do Queijo.

Linha de CASCAIS

O Presidente da República

visitou a exposição de fotografias de Leonel Lourenço

O sr. Presidente da Republica visitou, esta tarde, na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, a exposição de fotografias a cores de Leonel Lourenço

O sr. almirante Américo Thomaz foi acompanhado, na visita, pelos srs. dr. Moreira Baptista, secretário nacional da Informação; eng.º Albuquerque de Azevedo, presidente da Camara Municipal de Cascais; Joaquim Serra e Moura, presidente daquela Junta; e pelo expositor.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «Caminho de gigantes» e «Bons camaradas» (12 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Às 21: «Com os dias contados» e «Safira» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Serviço ao domicílio» (12 e 17 anos).

CASCAIS — *S. José* — «O rosto» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes* — Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 013953).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 0430090).

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica, 87-A (Tel. 047204).

ESTORIL — *Lopes* — Rua Hangar, 3 (Tel. 060008); *S. João* — Estrada Nacional, 18 (Tel. 061186).

CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 080170).

Cineclube do Porto

O Cineclube do Porto promove amanhã, ás 10 e 45, no Cinema Trindade, mais uma sessão de cultura cinematográfica, com a projecção do filme «Um homem tem três metros de altura».

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: A revista «Bate o pé». (17 anos).

COLISEU — A's 21 e 30: «Milagres de Pelusa» (12 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «As duas faces do amor» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Esplendor na relva» (17 anos).

NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «Topaze» (17 anos).

JULIO DINIS — A's 21 e 30: «O enamorado» (12 anos).

SÃO JOÃO — Às 15 e 30 e ás 21 e 30: «A rapariga da mala» (17 anos).

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30: «As duas mulheres» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Pepe» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Nós, os duros» (17 anos).

VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Em nome de uma mãe» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 15: «A escrava chinesa» e «A ultima patrulha» (12 anos).

ODEON CINE — A's 21 e 30: «O enamorado» (12 anos).

TEATRO DE BOLSO — Às 21 e 45: «Conhece a Via Láctea?», pelo T. E. P. (17 anos).

400 ALUNOS dos Pupilos do Exército

receberam a comunhão ministrada pelo bispo de Tiava

Com o cerimonial dos anos anteriores, realizou-se hoje, na igreja de S. Domingos de Benfica, anexa á 1.ª secção do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, a comunhão pascal dos alunos daquele estabelecimento de ensino, que foi revestida de grande aparato militar e liturgico.

Às 9 e 30, chegou ali o sr. tenente-coronel Vítor Novais Gonçalves, subsecretário de Estado do Exército, a quem foi prestada guarda de honra, por uma companhia de alunos, de grande uniforme, e devidamente armados, com bandeira, guião, banda de musica e fanfarra de Caçadores 5.

Pouco depois, chegou ali o sr. bispo de Tiava, a quem foram igualmente prestadas honras.

Os srs. subsecretário de Estado do Exército e o prelado, passaram revista á formatura, após o que deram entrada no templo.

O sr. D. José Pedro da Silva, celebrou a missa acolitado pelo rev.º Correia Leal, capelão do Instituto.

O celebrante fez uma prédica, alusiva ao acto, e, no fim da missa, deu a comunhão a cerca de 400 alunos, após o que distribuiu também a Sagrada Partícula a muitas senhoras, algumas das famílias dos professores e alunos.

Fez-se ouvir o grupo coral do Instituto. À Elevação a fanfarra tocou a marcha de continência.

Prestaram honras ao altar, do lado do Evangelho, a bandeira e o guião, e do lado da Epístola uma formatura de doze alunos armados de espada.

No transepto, tomaram lugares além daquele membro do Governo, os srs. generais Jorge Oom, Raul Martinho e Correia Leal; brigadeiro Amorim Rosa, tenente-coronel Alcides de Oliveira, subdirector do Colégio Militar; 1.º tenente Mesquita Dias, em representação do comandante-director da Escola Naval; sr.ª D. Deolinda Santos e D. Ofélia Martins, directora e subdirectora do Instituto de Odivelas, respectivamente e pessoas das famílias de professores e alunos.

Todas as entidades foram recebidas pelos director e subdirector dos Pupilos do Exército.

Findas as cerimónias, foi a todos servido um pequeno almoço.

Homenagem ao dr. João Ribeiro da Silva

Nas instalações da Companhia Portuguesa de Petróleos B. P., em Cabo Ruivo, foi hoje homenageado, com um almoço, o sr. dr. João Ribeiro da Silva, que, durante 26 anos, exerceu o cargo de director clínico daquela empresa, dedicando a todo o pessoal, no decurso das suas funções, uma assistência permanente, com alto sentido humano.

Presidiu o sr. Richard Wiatt, administrador-delegado da companhia, e o almoço reuniu cerca de quatrocentos empregados de todas as categorias. Estavam também presentes alguns administradores e directores, bem como os srs. drs. João Manuel Ribeiro da Silva, filho do homenageado, e Caetano Ferreira Passos, novo director clínico da empresa.

Aos brindes falaram os srs. António Santos Coelho, em nome de todo o pessoal; José Morgado, pela comissão organizadora da homenagem; e Richard Wyatt. Todos puseram em relevo a acção do ilustre clínico a favor dos empregados da companhia e seus familiares.

Ao sr. dr. João Ribeiro da Silva foi oferecida uma valiosa lembrança.

WHISKY

Compra-se de diversas marcas. Atende-se depois das 19 horas, dia 25, na Rua Cruzes da Sé 11, 3.º — Lisboa.

PERKINS

TURBINAS A GÁS

NA ERA DO JACTO MANTENHA-SE ACTUALIZADO EMPREGANDO AS TURBINAS A GÁS **PERKINS** PARA:

BOMBAS DE ÁGUA PORTÁTEIS
GERADORES ELÉCTRICOS
COMPRESSORES
FORÇA MOTRIZ
PRODUÇÃO DE ESPUMA PARA COMBATE DE INCÊNDIOS, ETC.

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AUTO-INDUSTRIAL, LDA.

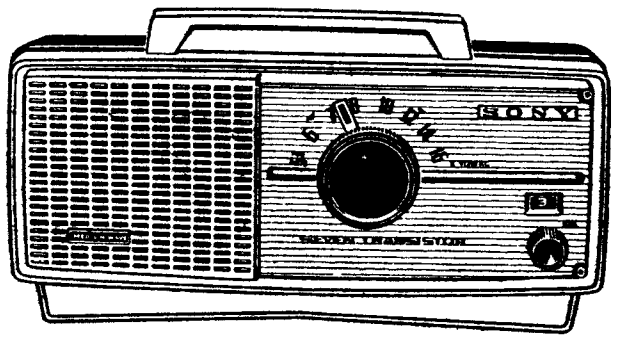
COIMBRA

LISBOA ● PORTO ● LEIRIA ● CALDAS DA RAINHA

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

SUNWAY

A técnica faz a diferença. Você pode ouvi-la.



TR-7170—rádio portátil e de mesa de 7 transistors de aspecto moderno e atraente. Consumo nulo, esplêndida sonoridade e óptima captação.

SONY

um nome que é simbolo de qualidade

Representante para Portugal—EMILIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª, L.DA—PORTO

Distribuidor no Sul—ANTÓNIO BARÓ, LDA.—LISBOA

É ainda a mulher com quem seu marido casou?

Basicamente é a mesma pessoa! Mas é tão companheira como era dantes?
Ou mudou mais ainda do que pensa?
«*Com certeza que mudei. Tenho mais responsabilidades. Não posso deixar de me enervar e irritar de vez em quando Isto é natural.*» Acha que é? Esquece que se irrita com demasiada frequência? E aqueles dias de neura? Acha que é natural?

O seu médico dir-lhe-á

... que o facto de estar sempre preocupada, irritada e com falta de energia é quase sempre sinal de tensão nervosa. Os seus nervos estão a ficar em frangalhos A tensão nervosa tira-lhe o apetite, impede-a de digerir os alimentos e a tirar deles todo o proveito. Eis porque os seus «nervos» não lhe obedecem. Por isso, por mais que faça e tente para se descontrair e deitar as preocupações para trás das costas, o seu corpo não a deixa.

O Sanatogen pode ajudá-la

Um dos mais valiosos nutrientes de que necessita quotidianamente para ajudar a reparação dos tecidos desgastados é a proteína O Sanatogen fornece aos seus nervos toda a proteína concentrada e também o fósforo orgânico e vitaminas de que eles necessitam. Sanatogen dá nova vida aos seus nervos e novo sentido à sua vida, porque vai ajudá-la a sentir-se bem Tome Sanatogen durante algumas semanas. Conseguirá aquela saúde e estado de espírito que sempre desejou. Faça como muitos milhares de pessoas que conquistaram mais felicidade e tiram mais partido da vida graças ao Sanatogen.

VIVE COM OS NERVOS EM PÉ?

Faça este teste:

1 — Quando os seus filhos lhe fazem perguntas, a) responde-lhes, b) não lhes responde: c) manda-os embora.

2 — Quando tem um problema para resolver a) pensa nele com lógica, b) preocupa-se mas não o resolve, c) fica tão nervosa que não consegue raciocinar calmamente

3 — Quando o seu marido lhe conta alguma coisa que lhe sucedeu durante o dia, a) dá-lhe todo a atenção, b) deixa o pensamento preso ao que estava a fazer: c) diz que está muito ocupado e não pode dar-lhe atenção naquele momento?

Anote as suas respostas: Se tem mais de 1 b) ou c) pode estar certa de que está sofrendo de cansaço e tensão nervosa.

Sanatogen pode ajudá-la. Comece a tomar Sanatogen ainda hoje.

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC

DIESE - Produtos Dietéticos, Lda. - Av. Duque de Loulé, 1-3.º - LISBOA

ALGARVE

S. I. A. — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO

MAGNÍFICO INVESTIMENTO DE CAPITAL

ALBUFEIRA

VENDEM-SE: Moradias modernas. — Janelas para o mar, com uma, duas ou quatro residências.
PREÇOS: de 180 a 700 contos por residência.
PAGAMENTO: 10% de sinal e o restante em 30 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS E CONSTRUTORES:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
ALBUFEIRA — EMPRESA COMERCIAL A. J. CABRITA

PRAIA DA ROCHA

S. I. A. E COPROL (ASSOCIADAS)

VENDA DE APARTAMENTOS

GRANDE PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO — 40 apartamentos modernos, com ascensores, varandas para o mar, acabamentos esmerados.
PREÇOS: 300 a 500 contos por apartamento.
PAGAMENTO: 20% de sinal e o restante em 40 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
PRAIA DA ROCHA — **COPROL** — CONSTRUÇÕES PRAIA DA ROCHA, LDA.

EMBALAGEM COM UM CRIME

por FRANK KANE

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

28

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Liddell, um detective particular, é procurado por uma rapariga que lhe dá um embrulho para guardar. Diz-se ameaçada. Pouco depois é atacado por um desconhecido que leva o embrulho. Graças a uma velha caixa de fósforos, o detective vai a um clube nocturno, onde pensa estar o centro da meada do mistério. Encontra ali a rapariga, que o procurara Combinam um encontro. Liddell vai a sua casa, dando com ela morta. Volta ao clube nocturno e luta com o dono deste, conseguindo reaver papéis que julga terem estado no fatídico embrulho. O dono do cabaré morre durante a luta com o detective. Este começa a descobrir o enigma. É levado, á força, até junto do maior «gangster da cidade. Liddell faz uma diligência junto de um repórter do crime e fica a saber tudo sobre o grupo de «gangsters».

CAPITULO VI

Lewis encolheu os ombros.

— Antigamente, prestou vários serviços ao Sindicato. Por fim, puseram-na a andar.

Liddell ponderou uns segundos.

— Então, deve saber muita coisa.

— Não tenhas duvidas quanto a isso.

— Em geral, é um conhecimento fatal.

O chefe de redacção soltou uma risada cínica.

— Sim, mas Mary sabe bem as linhas com que se cose. Viu o que acontecia a fulanos que sabiam muito mais do que ela De forma, que fez um seguro de vida.

— Um seguro de vida?

— Sim. Ao que se diz, distribuiu fotocópias de confissões com nomes, lugares e datas, por dez pessoas diferentes pelo país. Se alguma coisa lhe acontecer, esses documentos irão ter ás mãos do F. B. I.

Liddell soltou um curto assobio admirativo.

— Aí está uma pequena que muito me agradaria conhecer — disse.

Ed Lewis tirou o cachimbo da boca.

— São passos perdidos. Johnny. Ainda que ela

29

quisesse falar, não poderia. Têm-na tanto nas mãos como ela os tem a eles. Falaste no Benson. Chegaste a conhecê-lo?

Liddell abanou a cabeça.

— Era um rapazola alto e bem parecido. Tentou fazer com que Mary se prendesse pelo beicinho por ele. Pensou que, por intermédio da miuda, poderia coligir material suficiente para liquidar a quadrilha toda. Era um polícia esperto.

Liddell encolheu os ombros.

— Mas não suficientemente esperto, uma vez que o apanharam.

— Já alguma vez pensaste como é possível um polícia colocar-se em posição de o liquidarem passando por suicídio. Sem sinais de luta?

— Continua.

— Pois puxa por esses miolos! Benson sabia que brincava com a morte. E, no entanto, os tipos que andavam atrás dele para o abater, tiveram artes de o fazer com a sua própria pistola. Que te parece?

— Parece-me que ele deveria ter a arma mais á mão.

Lewis acenou a cabeça.

— É o que me parece também. A especialidade de Mary Lister é adormecer os homens. Nestes ultimos cinco anos, houve vinte e oito execuções... e todos esses 28 condenados estavam a brincar aos namoros com a pequena Mary, quando marcharam desta para melhor.

— Onde é que a posso encontrar?

— «Okay». Mary Lister vive em Barkley Towers. Ultimo andar.

*

Barkley Towers era um majestoso bloco de cimento e vidro.

Encaminhou-se para o elevador e premiu o ultimo botão. Após uns momentos, o ascensor parou silenciosamente e as portas abriram-se. Liddell enterrou os pés numa passadeira alcatifada, dirigiu-se para a unica porta existente no corredor e bateu. Ouviu um ruído no interior do apartamento e a porta entreabriu-se uma polegada.

— Que deseja? — perguntou uma voz enrouquecida

30

— Chamo-me Johnny Liddell e pretendo falar com Mary Lister.

— Sobre que assunto?

— A respeito de um amigo. Um homem chamado Benson. Morreu.

A porta fechou-se. Liddell ouviu o chocalhar de uma corrente a ser retirada e depois a porta escancarou-se.

— Entre.

A rouquidão da voz não o preparara para o que viu. Era uma rapariga alta e de extraordinária beleza Tinha o cabelo preto como asa de corvo, apanhado atrás das orelhas por uma fita azul. Os lábios eram cheios e mornos. Trazia um roupão muito cingido que lhe desenhava escandalosamente o corpo.

A jovem esperou que Liddell entrasse e voltou a fechar a porta.

— Quem o mandou cá?

— Ninguém. Procuro limpar o nome de Benson e você é a unica pessoa no Mundo capaz de me ajudar.

Ela passou as pontas dos dedos pela testa.

— Tem a certeza de que Al Zito não está atrás da sua vinda aqui?

Liddell mostrou-lhe as suas credenciais.

— E agora, telefone a alguém em quem tenha confiança e diga-lhe que estou aqui. Assim, se lhe acontecer alguma coisa, eu ficarei entalado. — Sorriu-se e acrescentou: — Você já devia saber que Zito manda sempre dois homens. Ele não confiaria num só.

A rapariga fez um sinal para que a seguisse á sala de estar e apontou-lhe um sofá.

— Conheci Benson muito bem. Estávamos na disposição de fugir, quando eles o liquidaram. — Mordeu o lábio inferior. — Ele não se matou.

— Pode provar isso?

A bela morena encolheu os ombros.

— E condenar-me á morte?

Liddell abanou a cabeça.

— Não, se os pudermos aniquilar primeiro. Até lá, estaremos sempre em perigo. Por isso é que a vim procurar.

31

— Quer você dizer que estaria pronto a ir contra eles, sózinho?

— Se fosse preciso, sim.

A morena «acendeu» os olhos verdes para o rapaz, e fez-lhe um exame ao rosto enérgico e aos ombros poderosos Pareceu apreciar o que via.

— Sim, não o duvido — murmurou, acenando a cabeça. Estendeu o braço para uma garrafa, encheu dois cálices e ofereceu um a Liddell.

— Vamos precisar de muita sorte — disse, erguendo o seu.

Liddell cheirou o licor e provou-o. Depois, esvaziou o cálice. A rapariga seguiu-lhe o exemplo, mas engasgou-se e entornou o cálice sobre o roupão.

— Que massada! — exclamou. — Não me demoro um segundo. O tempo apenas de pôr outra coisa mais fresca. — Sorriu-lhe e desapareceu em direcção ao quarto.

Liddell despiu o casaco, atirou-o para cima de uma cadeira e pôs-lhe em cima o coldre da automática. Depois, inclinou-se para trás e estendeu-se sobre o sofá.

Ia no segundo cigarro, quando ela voltou a aparecer. Pusera outro robe. Aproximou-se do rapaz, deitado no sofá.

— Uma vez que vamos ser sócios — murmurou com um sorriso preguiçoso. Ajoelhou-se e os seus lábios procuraram os do rapaz.

Gentilmente, Liddell sentou-se, obrigou-a a levantar-se e consultou as horas.

— Estou a massá-lo? — arrulhou ela.

— Jamais, minha filha. — Tornou a ver as horas. — Só me quero certificar quando passam quinze minutos.

— Porquê?

Liddell riu-se.

— Julgo ser o tempo que os dois guarda-costas de Zito levarão para chegar aqui.

A rapariga pestanejou e entreabriu os lábios.

— Não estou a compreendê-lo...

— O telefonema que você fez a Al Zito para o avisar de que eu estava cá. Tal qual como fez com Benson.

32

— Você é doido! — exclamou ela, irada. — Se é isso que pensa, então saia imediatamente.

Liddell não fez qualquer gesto para sair. Olhou-a

— Não é assim tão fácil, minha filha. Não estou para levar o resto da vida a fugir. Mais cedo ou mais tarde, terá que haver um ajuste de contas.

— E você pensa que pode vencer o Sindicato? — troçou ela. — São muito competentes para o partir em dois, tal como partem quem quer que tente vencê-los.

Liddell acenou a cabeça.

— Por isso mesmo o assunto tem de ficar resolvido, doa a quem doer.

A bela morena recuou para a cadeira onde o rapaz deixara o coldre com a pistola.

— Já estou farto de ouvir a mesma cantiga. Mas os que a cantam não tardam na cova, ao passo que eu continuo viva. E de pé continua o Sindicato.

— E foi você quem abriu a cova a esses que entoavam a mesma cantiga.

— Para isso sou paga. — Num gesto abraçou toda a sala. — Gosto de viver assim. Julga que vou consentir que você ou outro qualquer se atravessem no meu caminho? Que me rala se algum sai da fila e tem de lhe sofrer as consequências? E tem muita razão ao acusar-me de ter telefonado a Zito.

Arregalou os olhos á vista de uma automática que subitamente surgia na mão de Liddell.

— Tem uma pistola aí metida no coldre, minha filha. Agarre-a.

— Para quê?

— Vou dar-lhe uma possibilidade que você nunca deu ás suas vítimas. Vou deixar que seja você a disparar primeiro. Depois, farei uma coisa que há alguns anos já se devia ter feito. Vou acabar com Zito mais a sua camarilha.

— Escute uma coisa. Seja razoável. Arranjarei a maneira de você sair daqui, a são e salvo. Pode descer pelas escadas de serviço. Eles nunca o apanharão e...

— Não há nada de pessoal sobre o assunto, minha filha. Se valesse a pena prendê-la, garanto-lhe

33

que o faria. Mas, de antemão, já sei que os advogados de Zito a punham cá fora, num abrir e fechar de olhos.

— Não ganhará nada com isso. Zito tem relações muito altas.

Liddell acenou a cabeça.

— Justamente. Mas essas relações não aparecerão até que essas suas cartas tenham chegado ás mãos do F. B. I. e da Polícia.

O sangue fugiu das faces da rapariga. Lançou a mão á pistola sobre a cadeira e já estava a premir o gatilho quase antes de a tirar do coldre. Liddell ouviu a explosão de uma lampada mesmo junto ao ouvido e sentiu depois o impacto da bala a furar-lhe o ombro. Premiu o gatilho.

A rapariga estremeceu, enquanto uma mancha vermelho-escura lhe surgia no braço do robe. Baixou o olhar incrédulo, deixou cair a arma e agarrou o braço.

— Não devia ter feito isso, Johnny Liddell.

— Não tive outro remédio. Há um cão raivoso na cidade que tem de ser abatido, doa a quem doer.

Apanhou-a justamente quando ela já caía com um desmaio, e deitou-a no chão.

*

Ligou para o «Daily Dispatch» e pediu para falar com o chefe de redacção. Quando Lewis atendeu, contou-lhe em poucas palavras o que acontecera e das provas encontradas no apartamento.

— O melhor será informar o F. B. I., e para que não possa haver batotice, fornecerei aos teus rapazes tudo quanto tenho.

Desligou e limpou a testa com as costas da mão. O telefone tocou. Levantou o auscultador e leu-o ao ouvido.

— Mary? Fala Joey. Nós já vamos a caminho. Não deixes que ele se aproxime da pistola.

O telefone soltou um estalito. Liddell repôs o auscultador, apanhou o casaco e a pistola e encaminhou-se para a escada de serviço.

F I M

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

96, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

COVILHÃ

E A

SERRA DA ESTRELA

em qualquer época do ano, quer neve, quer faça sol, utilizando o bilhete turístico «FÉRIAS SOLNEVE».

Informe-se e compre o seu bilhete, em Lisboa, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

— PEÇA FOLHETO DESCRITIVO —

Em CAMARATE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

SUNWAY

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

(Continuação da 1.ª página)

namarca, a Irlanda, a Grã-Bretanha e, amanhã, possívelmente a Noruega — seja para uma simples associação tal como se torna possível pelo artigo 238 do mesmo Tratado — a Áustria, a Suíça e a Finlandia que, por razões específicas, não se mostram inclinados a aceitar os aspectos políticos do Mercado Comum.

A própria Suécia, que ainda em Agosto do ano passado, e pela voz do seu primeiro-ministro, se mostrava hostil a um ingresso puro e simples, começa a mostrar-se disposta a seguir o exemplo da Grã-Bretanha e da Dinamarca, dado considerar que a posição assumida por estes dois países não poderia deixar de se repercutir na sua política económica.

E é curioso observar que não faltam opiniões no sentido de o fazer o mais rápidamente possível; num editorial da Revista Económica publicada pela Associação de Bancos Suecos, podia ler-se o seguinte (Set. de 1961): «esperando o resultado das negociações dos ingleses e dos dinamarqueses expomo-nos a um facto consumado em assuntos de primordial importancia para a nossa economia. E qualquer esperança de que os Seis nos concedam melhores condições do que têm feito aos nossos precursores, é um «wishful thinking» perigoso».

Esta convicção inteligentemente adquirida, que o ultimo período do referido editorial traduz — e a que o «Estudo Económico 1961» do Banco Central de Espanha dá particular relevo — merece ser conscienciosamente meditada por quem, em Portugal, tiver de se pronunciar sobre as decisões que mais convêm.

Não desconhecemos, por outro lado e igualmente, a posição que, a tal respeito, a Grécia, a Turquia e a Espanha tomaram já.

É lícito concluir, portanto, que para além da associação ou do ingresso de qualquer dos países apontados se efectivar ou não, e dos termos em que essa associação ou esse ingresso se vier, porventura, a materializar, uma certeza subsiste: a de que a maioria esmagadora dos países livres da Europa estranhos inicialmente á Comunidade Económica Europeia, se mostrou convencida da necessidade de aderir a ela. E o que é mais importante, ainda, sobretudo em relação a países como a Turquia, a Grécia e a Espanha: de que de há muito se vieram preparando para efeito dessa adesão.

É de inteira justiça, até, destacar o progresso notabilíssimo actualmente verificável no nosso «parceiro peninsular», o qual o situa numa posição tal de crescimento económico, de prosperidade financeira e de valorização social, que países que ainda até há pouco o menosprezavam ou hostilizavam lhe oferecem, agora, técnica, mercados, capitais, quase como quem pede um favor.

A forma como a nação nossa vizinha se preparou para enfrentar os problemas do Mercado Comum, mede-se não unicamente pela espectacular mudança «para bem» que as suas balanças de Comércio e de Pagamentos passaram a registar, mas pelas extraordinárias facilidades de crédito que encontra por toda a parte.

Por isso mesmo em Espanha, a notícia de apresentação do seu pedido de admissão na Comunidade Economia Europeia transformou-se — para além de todas as contingências de «apreciação» que poderá sofrer — num inegável e retumbante sucesso político para o Governo que tão bem a preparou.

Foi, sobretudo, o indicativo salutar de um êxito conseguido no campo da revalorização económico-social do território, que encheu de compreensível satisfação e orgulho a maioria do povo espanhol.

Pois bem — ao que se sabe, pelo menos —, Portugal deixou-se isolar nesse movimento e, o que é pior ainda — pelo menos, ao que todos sentimos — nada se vê de novo na dinamização e na reestrturação da nossa ainda tão débil economia, na mudança dos processos, tantas vezes lentos e arcaicos, em que ela se desenvolve, na neutralidade condutora á base da qual a solução dos seus problemas de produção, de comércio e de consumo se define, que nos dê uma ligeira impressão, sequer, de que estamos **pelo menos atentos** áquilo que se possa vir a esperar.

E não temos — nem de longe! — posição que nos permita pôr em jogo, de forma tão perigosa, um «futuro» a que o duro «presente» que vivemos nada deixa antever de promissor.

Que esperamos nós para «preparar» e para «actuar» depois, no meio de um mundo em que a má vontade parece ser o lema predilecto de atitudes em relação a nós?

Em que valores económico-sociais efectivos do presente julgamos encontrar apoio para, sem olharmos á urgência que as circunstancias aconselham e os condicionalismos actuais impõem, continuarmos a deixar correr o tempo, como se ele nos não arrastasse para um mundo que não vai alterar a sua marcha, com certeza, só porque nós não queremos acertar com ele o passo e continuamos teimando em ficar sempre para trás?

É evidente que — no campo político, sobretudo — o ideal e as realidades quase sempre estão longe, já não digo de se confundirem mas, até, de se darem bem; que fazer, contudo, se não encará-las de frente, e a elas nos adaptarmos principalmente — e tal é o caso — quando nos falta «peso» para as podermos transformar?

A ninguém é com certeza, agradável sujeitar-se ás consequências de um infarto do miocárdio, ou da extracção de um pulmão ou de um rim; mas verificada a realidade atormentante do acidente, em relação ao qual o paciente não poderá impor a reversão, um de dois caminhos se oferece: ou o doente se adapta ás circunstancias e poderá refazer a sua vida, ou prefere opôr-se a tal realidade, e o problema resolve-se com sete palmos de terra ou uns quilos de chumbo a mais.

Os índices que no campo da produção, do comércio e do consumo ainda nos caracterizam, apesar dos esforços verificados dos que atestam uma evolução, não nos podem deixar ilusões a tal respeito; são, de uma maneira geral, dos mais baixos da Europa, quer queiramos quer não.

E se no ambito do Comércio Externo, por exemplo, quisessemos ponderar o que **pesamos** para os outros, e aquilo que os outros **pesam** para nós, não haverá ilusões optimistas que resistam á desilusão angustiosa que a comparação nos causa; de facto, uma relação de **1** para **60** ou **70** não estará muito afastada da verdade em relação ao conjunto «E. F. T. A.-Mercado Comum». Com uma agravante: que a unidade que nos toca é fácilmente dispensável para os outros e as sessenta ou setenta que aos outros respeita são, de um modo geral, indispensáveis para a economia portuguesa.

Nestas circunstancias, são fáceis de prever as consequências de um isolamento, ou de uma adesão, ao Mercado Comum, sem uma prévia e revigoradora reestruturação da economia nacional, e sem uma viragem corajosa de muitos daqueles processos, poeirentos e emolientes, dentro dos quais o seu crescimento tem lugar.

Para a hipótese de um isolamento, por exemplo, não poderiamos esquecer que, apesar da nossa adesão á E. F. T. A., é ainda o grupo do Mercado Comum que, no conjunto «Mercado Comum-E. F. T. A.-países restantes» tem o maior peso nos valores do Comércio Externo da Metrópole; e se na província de Moçambique, é o grupo da E. F. T. A. que toma a posição de vanguarda, entre todos os países estrangeiros que, com ela, comerciam, o certo é que na de Angola, tal como na Metrópole, é ao Mercado Comum que cabe a prioridade.

A posição metropolitana é, porém, aquela que, de momento mais interessa analisar para efeito de nos colocarmos perante o Mercado Comum na posição de «país estranho» á Comunidade, sem sequer a ela estar ligado por via dos acordos previstos no artigo 238 do Tratado de Roma.

E ao fazer tal análise não devemos esquecer que os E. U. A., após 18 longos meses de negociações, assinaram no passado dia 7, em Genève, um acordo tarifário com o Mercado Comum, Comunidade á qual, segundo declaração prestada á Convenção do Comércio Externo pelo subsecretário de Estado para os Assuntos Económicos — sr. George W. Ball — aos E. U. A. interessa aderir para que a sua «economia» possa sobreviver.

Será de resto, vantajoso recordar, também, que até o Brasil e o Peru propuseram já a criação de alguma entidade que agrupe o Mercado Comum e a «Área de Livre Cambio» da América Latina.

A estrutura actual do nosso Comércio Externo não poderia suportar, sem graves repercussões na Balança de Pagamentos e no sector da produção nacional, as consequências das «novas» dificuldades que nos adviriam pelo facto de nos colocarmos em face da «pauta aduaneira comum» que a Comunidade Económica Europeia decidiu estabelecer para efeito de relações com os países fora dela; e quanto mais essa Comunidade se alargasse, quantos mais países com que comerciamos fossem a ela aderindo, tanto mais essas dificuldades se acresceriam de uma forma decerto incomportável para nós.

Em 1961, em que o «déficit» da nossa Balança Comercial com o estrangeiro ultrapassou os 9 milhões de contos, a posição do Mercado Comum foi relevante em relação á E. F. T. A. quanto ao que importamos (43,5 % contra 26,5 %, respectivamente) e sensívelmente a mesma quanto ao que exportamos (aproximadamente 28 % do valor total).

70 %, portanto, de tudo quanto na Metrópole se importou veio de países da O. E. C. D., que definem a área que o Mercado Comum tende a abranger em prazo mais ou menos longo; e de tudo quanto conseguimos exportar, cerca de 56 % para lá foi, também.

Sabido que a «procura» que se depara aos produtos que normalmente exportamos se caracteriza por um grau de particular elasticidade — o que mostra como, de um modo geral, não são essenciais para os países que os adquirem — e sabido, também, que a «procura» que apresentamos aos artigos que no estrangeiro adquirimos se caracteriza por um grau de particular rigidez — o que mostra como, de um modo geral, eles são essenciais para nós — como suportar um agravamento de dificuldades de colocação dos nossos produtos num sector que ocupa tão grande posição no conjunto do Comércio Externo português? Como evitar, até, certas consequências que poderiam obstar ao regular fornecimento — em quantidade, em qualidade e em preços — de «artigos» que, sendo porventura indispensáveis á produção nacional, devem vir a ficar abrangidos por uma disciplina de **entrega** e de **colocação** como, por exemplo, poderá vir a acontecer á produção carbonífera inglesa, no dia em que a Grã-Bretanha aderir á Comunidade Europeia do Carvão e do Aço?

Como conseguir evitar, então, todas as perturbações no fornecimento, ou na aquisição, de minérios, matérias brutas ou matérias cindíveis especiais, em relação a países que disciplina do Tratado do Eurátomo subordine para efeito de relações com países do exterior á Comunidade?

Na posição que se escolhera, não teriamos, certo, de suportar, sem possibilidades de defesa legal, a concorrência interna para as mercadorias, mão-de-obra, serviços e colocação de capitais, que o Mercado Comum, por princípio, estabelece; mas como compensar aquelas repercussões no nosso Comércio Externo, sem termos préviamente conseguido **interessar** substancialmente aquilo que exportamos, para efeito de abrir «á força» esses mercados que se nos fechariam a pouco e pouco, ou para conquistar outros que, porventura, se mostrem dispostos a substituir por produtos portugueses aqueles que, até então, noutros países adquiriam?

A conclusão é uma só: sem uma reestruturação total da economia portuguesa que fosse não unicamente capaz de melhorar qualidades e baixar preços mas, também, e sobretudo, de transformar **por completo** o «tipo» da nossa exportação, tornando-a se não indispensável pelo menos essencial para os outros, como sobreviver?

Aos que, porventura, pensam que este ultimo desiderato é, na realidade, compatível com o tempo de que dispomos e com os meios que se nos oferecem, haverá que lembrar um avisado provérbio que corre há mais de três séculos: «quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem».

Perdida a possibilidade de, como país do Mercado Comum, poder utilizar os recursos materiais que ele especialmente criou para facilitar o desenvolvimento daqueles cuja evolução interesse fomentar e acelerar, afastados os meios de dispor de um mercado de dimensões bruscamente acrescidas que não poderá deixar de lhe trazer facilidades para a colocação dos seus produtos — préviamente adaptados, como é óbvio, á concorrência que, nele, terá de suportar — concomitantemente se minimizam as razões que poderiamos invocar para efeito de uma «valorização» no momento de associação ou de ingresso na Comunidade Económica Europeia. E, entre elas, se poderiam destacar a nossa presença na Peninsula, as nossas ligações étnicas com o Brasil e — haja a coragem de o afirmar sem rodeios — a nossa unidade política com o Ultramar português.

Não podendo dispensar os capitais estrangeiros para que o nosso crescimento económico se processe, quer no tempo quer no espaço, da forma que nos convém — e não faltam, no Mundo, capitais disponíveis, ansiosos por uma aplicação racional —, como interessá-los num país que, mercê duma política de isolacionismo económico, se não pudesse mostrar capaz de dominar um mundo em que ás integrações realizadas, ou em curso, nos acrescem uma concorrência ou uma dificuldade que não fossemos capazes de vencer?

Não faltando países de fora da Comunidade ansiosos de encontrarem um país, dentro dela, onde possam «nacionalizar» os seus produtos, de forma a colocarem-nos ao abrigo da liberdade de concorrência que o Mercado Comum comporta, como esperar que a Portugal acorressem «interesses industriais» e «técnica» se, porventura, e apesar de eventuais facilidades que o Tratado da G. A. T. T. nos trouxesse, ficávamos colocados naquela situação de país «de fora», para o qual, porventura, fosse mais difícil a penetração naquele mercado comunitário do que, própriamente, a vários outros países que, em circunstancias diferentes, nos viriam procurar?

Onde buscariamos os meios de, contando unicamente connosco, remover tão grandes dificuldades, sem perigo de atrasar mais ainda as posições relativas que mantemos, de dificultar ainda mais a produção e o comércio portugueses, de pôr o Estado perante o cruciante dilema de sentir acrescerem-se necessidades de numerário quando, cada vez, se lhe ia tornando mais restrito e carecido o campo onde lhe era possível aplicar impostos para efeito de as suprir?

Como tentar, depois, que a mão-de-obra nacional não exercesse uma pressão fortíssima, no sentido de a deixarem sair para onde uma economia florescente tivesse como característica meritória aquela valorização do trabalho humano que, no seu país de origem, não lhe era fácil encontrar?

Como levar os insuficientes capitais nacionais a manterem-se fiéis á obrigação que lhes cabe de fomentarem o progresso do País, sem olharem ás contingências, ou aos sacrifícios, que circunstancias adversas lhes possam eventualmente opôr?

Boa ou má, lógica ou absurda — e as opiniões podem, naturalmente, divergir — a solução implicava, para se não transformar num suicídio colectivo, um gigantesco esforço de adaptação económico, social e financeiro, dentro de uma verdadeira revolução de estruturas, que não parece possível de encarar.

Restará, portanto, analisar a solução posta, que é a de uma adesão ao Mercado Comum; isto é: aquela que, muito embora obrigando também a uma reestruturação rápida e eficiente da nossa economia, a suportar igualmente sacrifícios a par de uma transigência quanto a um conceito de autonomia — conceito que, desde sempre, nos foi querido, mas que não mais nos dará prosperidade se é que alguma vez a deu — nos trará, em contrapartida, vantagens indiscutíveis sobre as quais se poderá firmar, com segurança, o futuro de Portugal.

DANIEL BARBOSA

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 15 e ás 21 e 15: «O gume da navalha» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz Cine* — Às 12 e 15: «Discípulos do mal» e «Tormentos no Paraíso» (17 anos).

CACEM — *Cinema S. João* — Às 21: «Joe Butterfly» e «Dragões no deserto» (12 anos).

MEM MARTINS — *Cine Chaby* — Às 21 e 30: «Noites de Tanger» (12 anos)

SINTRA — *Carlos Manuel* — Às 21 e 30: «Psico» (17 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — Às 21 e 30: «Rochedos humanos» (12 anos).

VENDA NOVA — *Cine Portugal* — Às 21 e 15: «A rapariga das salinas» e «Norman marujo» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — P. D. João I, lote 146 (Tel. 931551); *Central* — Avenida Cardoso Lopes. 25 (Tel. 930210); *Igreja* — P. da Igreja, lote 2 (Tel. 930740).

QUELUZ — *André* — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980156).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).

DAMAIA — *Lemos* — Rua de Goa, (Tel. 932121).

Colóquio Internacional

sobre os novos métodos psicológicos de tratamento de presos

Partiu para Bruxelas o sr. dr. José Roberto Furtado de Antas d'Oliveira Pinto, director da Cadeia Penitenciária de Lisboa, que naquela cidade representará o nosso País no Colóquio Internacional sobre os novos métodos psicológicos de tratamento de presos. Em seguida, o sr. dr. Roberto Pinto efectuará uma visita de estudo pelos estabelecimentos prisionais da Bélgica e da Holanda como bolseiro do Instituto de Alta Cultura.

À VENDA NAS LIVRARIAS:

COBRANÇA FÁCIL... ...DE DÍVIDAS DIFÍCEIS!

ESC. 50$00

PEDIDOS A:

JOAMOR

Rua Carlos Márdel, 98, 4.º-Dt.º

— 720919 —

LISBOA — (1)

VENDE-SE

Propriedade rustica situada no privilegiado lugar de Charneca da Cotovia, a 4 kms de **Sesimbra**, servida por estrada, com uma área, cerca de 20.000 m2. A poucos metros encontra-se água canalizada e electricidade. Tratar com os Herdeiros de João Maria dos Anjos, em Sesimbra ou com a **Socomir** — Rua dos Arameiros, 11-3.º, em Lisboa (Telef. 366848).

A SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento com juros da mora de 1,45 por cento as seguintes:

Contribuição Predial. — A totalidade da contribuição inferior a 100$00 e a 1.ª prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro. A contribuição inferior a 100$00 se não for paga este mês, relaxa e só poderá ser liquidada, posteriormente, com custas e selos do processo.

Contribuição Industrial — Imposto Profissional de Profissões Liberais, de Empregados por Conta de Outrém e de *Assalariados.* — A totalidade da contribuição ou imposto, uma vez que não tenha sido paga a primeira prestação no passado mês de Janeiro. Se o pagamento se não efectuar até ao fim deste mês, dar-se-á o relaxe e só nas Execuções Fiscais o pagamento poderá ser feito.

Imposto Sobre a Aplicação de Capitais — Secção A — A totalidade, qualquer que seja o seu quantitativo, relaxando em seguida.

TAXA MILITAR — A taxa está a pagamento nos próximos meses de Abril e Maio.

A anuidade da taxa militar relativa ao ano de 1961, findo, pode ainda ser paga pela taxa simples (60$00), em conjunto com a do ano de 1962 — artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 44 155, de 17 de Janeiro de 1962.

IMPOSTO COMPLEMENTAR — *Declaração modelo 3* — Durante este mês, as sociedades por quotas e outras que não sejam anónimas ou em comandita por acções, incluindo os organismos corporativos, deverão apresentar esta declaração devidamente preenchida na Secção de Finanças da área da sua sede. A renovação só é de efectuar no caso em que haja alteração aos elementos da apresentada anteriormente.

Declaração modelo 2 — Os contribuintes em nome individual deverão apresentar esta declaração até ao dia 15 de Abril, próximo, desde que aufiram de propriedades, usufruto, pensão, renda temporária ou vitalícia, bem como de seu trabalho ou industria, rendimento total superior a 60 000$00. A renovação da declaração só é de efectuar se tiverem havido alterações nos elementos da já entregue nas Secções de Finanças, inclusivamente se, por virtude de diminuição de rendimentos, estes passarem a ser inferiores a 60 000$00.

Declaração modelo 4 — As sociedades anónimas e comanditas por acções deverão apresentar este modelo na Secção de Finanças do concelho ou bairro da sede até ao dia 15 de Abril próximo.

Declaração modelo 6 — As sociedades que distribuirem dividendos farão a apresentação deste modelo nas Direcções de Finanças da área da sede até ao dia 15 de Abril p. p. Se não tiver havido atribuição de dividendos, basta comunicar o facto ao mesmo director de Finanças, por simples carta.

Graetz
RÁDIO
TELEVISÃO
GRAVADORES
ELECTRO-LISBOA, LDA.
Rua Augusta, 248 — Telef. 20568

BOLETIM DO DIA

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 24 de Março de 1932 publicava, pela pena do seu correspondente particular em Madrid:

— *A reforma eleitoral suscita neste momento a discussão de todos os sectores políticos. O projecto redigido pela comissão jurídica baseia-se na lei alemã.*

As Cortes, influenciadas pelos oitenta catedráticos que nelas têm lugar, sentem uma predilecção especial por tudo o que é germanico. Muito embora as pessoas de senso comum não expliquem a similitude que possa haver entre o povo alemão e o espanhol, os catedráticos parece que descobriram, com o seu subtil tacto, uma afinidade entre as duas raças.

E, como tal, resolveram dotar a Espanha com uma organização política teutónica. A lei eleitoral será possivelmente aprovada, apesar da brilhante campanha que no «Liberal» vem fazendo A. Francisco Villanueva, para provar a sua inaplicabilidade.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — A's 18: Noticiário; 18 e 10: Rádio Rural; 18 e 30: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Canconetas portuguesas; 19 e 15: Espectáculo, «magazine» de teatro e cinema; 19 e 45: A pianista Beatriz de Sousa Santos; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: A orquestra de George Melachrino; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Crónica de Angola; 21 e 40: O pianista Michael Danziger e conjunto; 21 e 50: Carta de Madrid; 22: 1.ª parte de um serão para trabalhadores; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 23: A Voz do Ocidente fala-vos de Lisboa; 1: Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Ciclo do Barroco Italiano: dois concertos de «As Quatro Estações», de Vivaldi; 19 e 20: Temas ultramarinos; 19 e 30: Trechos de óperas, de Massenet, de Thomas, de Gounoud e de Offenbach; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica portuguesa: «Três Responsórios da Semana Santa», de Francisco Martins; «Ária de Penépole», de Sousa Carvalho; «Sinfonia n.º 1, em mi bemol maior», de João Domingos Bontempo; «Dedicatione Templi», responsório de Francisco António de Almeida; 21: Noticiário; 21 e 15: Recital, pela cantora Natália Santos Clara, com a colaboração da pianista Fernanda Losa; 21 e 36: «Pastoral, op. 19», de César Franck, pelo organista Jeanne Demessieux; 21 e 45: Os Grandes Momentos da História do Mundo; 22 e 15: Obras-primas da musica francesa; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: 2.ª parte de um serão; 23 e 50: Noticiário; 23 e 58: Musica de dança; 1: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 30: Orquestras; 17 e 45: Noticiário; 19 e 15: Canconetas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Artista; 21 e 15: Imagens por musica; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22 e 1: Banda da Marinha; 22 e 15: Motivos portugueses; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Revista da actualidade peninsular; 23: Asi es España; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 45: Noticiário; 19: Motivos portugueses; 19 e 30: Um artista do teclado; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Opereta; 22 e 15: Artistas portugueses; 23: Baile dos sábados; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Transmissão da basílica dos Mártires, do terço, bênção e missa vespertina, comemorativa do dia de S. Gabriel, padroeiro das Telecomunicações; 19 e 50: Boletim do S. C. R.; 20: Programa comemorativo do dia de S. Gabriel; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Presença do Brasil; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário; 2: Encerramento.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30, abertura; 19 e 32, Telejornal (edição da tarde); 19 e 45, Programa Juvenil: Episódio da série Robin dos Bosques: «O que um homem pensa...» (Modelismo); Juventude no Mundo; Cuidado com a Primavera. (Apresentação de Maria João, Lobo Antunes e Julio Isidro. Colaboração de Teresa Mota); 20 e 40, Teledesporto (revista semanal dos acontecimentos desportivos); 21 e 10, Viagens e canções (colaboração de Artur Agostinho, Camilo de Oliveira e o Conjunto de Shegundo Galarza); 21 e 30, Telejornal (edição da noite); 22 e 5, Fados, por Manuel de Almeida e Mariana Silva; 22 e 25, Bonanza»; 23 e 15, «Lux in Tenebris»; e 23 e 25, Telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

MARIA VITÓRIA — «Badaróscope».

CINEMAS

MONUMENTAL — «Madalena».
SÃO JORGE — «Pequeno homem grande Norman».
ODEON — «A noiva».
CONDES — «O conde de Monte Cristo».
ROMA — «O conde de Monte Cristo»
CAPITOLIO — «Todos morreram calçados».
COLISEU — «O senhor do Mundo».
IDEAL — «Ama Rosa».
ARCO IRIS — «Corrida da vingança».
RESTELO — «Chegou um anjo».
CHIADO TERRASSE — «O milagre dos lobos».
CINE MOSCAVIDE — «Capitão sem medo».
CINE-TEATRO ODIVELENSE — «Tony e a princesa».
SALÃO LISBOA — «Hercules».
ROYAL — «Os dois garotos».
CAMPOLIDE — «Laura».
JARDIM CINEMA — «Os Cossacos».
V. OPERÁRIO — «Os dez mandamentos».
PROMOTORA — «Por favor não comam os malmequeres».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O pai».
VARIEDADES — Às 20.45 e 23 — «Aqui há fantasmas».
ABC — A's 20.45 e 23 — «Saude e Totobola».
NACIONAL — A's 21 e 45 — «Blusões negros».
MONUMENTAL — Às 21.45 — Jazz Ballet Rodney.

CINEMAS

S. LUIZ — «O maior roubo da história».
TIVOLI — «Os canhões de Navarone»
EDEN — «Carne da minha carne».
ALVALADE — «O maior roubo da história».
POLITEAMA — «Os canhões de Navarone».
AVIS — «A América vista por um Europeu».
IMPÉRIO — «Do alto da ponte».
OLIMPIA — «O quimono misterioso».
LYS — «A vida é um jogo».

MARES

PREIA-MAR

Dia 24 — A's 4 e 57 (3,88 m.); 17 e 10 (3,82 m.).
Dia 25 — A's 5 e 30 (3,79 m.); 17 e 50 (3,75 m.).
Dia 26 — A's 6 e 01 (3,67 m.); 18 e 24 (3,65 m.).

BAIXA-MAR

Dia 24 — A's 10 e 38 (0,90 m.); 22 e 58 (0,94) m.).
Dia 25 — A's 11 e 20 (0,97 m.); 23 e 38 (1,04 m.).
Dia 26 — A's 11 e 54 (1.12 m.).

FARMÁCIAS

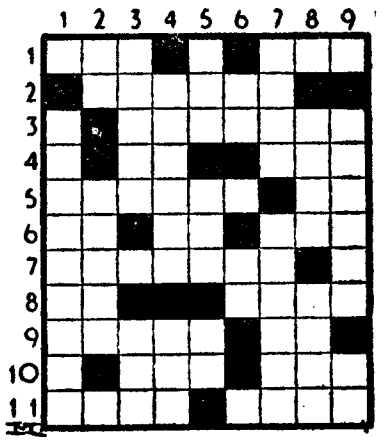
TURNO A

AJUDA — Caramão Ajuda, Est. Cruz 20 (633248).
ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Aven. Igreja, 9 (711780) ✲ **Celta,** R. Moura Girão, 3 (710621).
AMOREIRAS — Britanica, T. Légua da Póvoa, 5 (689250)
AREEIRO — Roma, Av. Roma, 85 (772466) ✲ **Garantia,** Av. P.e Manuel Nóbrega, 5 (727300) ✲ **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30 (726860).
ARROIOS — Veral, R Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. Republica, 74 (771379) ✲ **Vale,** Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva,** Av. Duque d'Avila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião,** L. S. Sebastião, 1 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389215).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (324816) ✲ **Oliveira,** R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, I Memória, 55 (630944).
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria,** Est. Benfica, 180 (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (27284).
CAMPO OURIQUE — Lobel, R. Infantaria, 16, n.º 98 (688807) ✲ **União,** R. de Infantaria 16, n.º 98-B (688807).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B. 75 (Bairro Liberdade) (683694) ✲ **Pinto,** R. Campolide, 11 (682610).
CHARNECA — Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins 25 (53468).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, Lote 4, Loja B (666971) ✲ **Paiva Costa,** R Lapa, 105 (664414).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54 (8862835) ✲ **Central,** R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro,** Al. Linhas Torres 93 (791131).
MADRAGOA — Lys, R. Esperança, 17 (660913).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras, 202 (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 15 (728395).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha,** Est. Chelas, 173 (382241) ✲ **Frazão,** R. Cruz de St. Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, Rua S. José, 187 (26476).
SANTO AMARO — Biotifar, R. D João Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo,** R. Luís Camões, 48 (638625)
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199 (660513).

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2619



HORIZONTAIS: 1 — Abjectos. Prestimosa. 2 — Surripia. 3 — Naturais da Croácia. 4 — Arguida. Pronome pessoal. 5 — Empregaste. Antes de Cristo. 6 — Apenas. A si. Reza. 7 — Língua do grupo decânico. 8 — Figura. Animação. 9 — Cumprimenta. Laço. 10 — Recusa. Localidade do concelho de Alenquer. 11 — De bronze. Pretende.

VERTICAIS: 1 — Obscurecesse. 2 — Partir. Ecoara. 3 — Sagrada. Liga. 4 — Açodamento. Rio afluente do Mondego. 5 — Escudeiro. Haver. Preposição e artigo. 6 — Nada. Quarto. 7 — Vence. Detestou. 8 — Içar. Bens. 9 — Enxugava. Atmosfera.

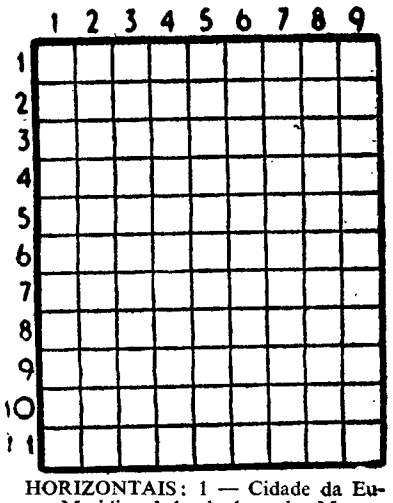
Solução do problema n.º 2618

HORIZONTAIS: 1 — Magoarias. 2 — Emoliente. 3 — DA. 4 — Rs. Alhada. 5 — OSTRA. Sir. 6 — Ser. Te. 7 — Alçado. 8 — SAI. Anosa. 9 — A. Uma. 10 — PÉROLA. 11 — Nome. Arme.

VERTICAIS: 1 — Medrosos. 2 — Amasse. Aipo. 3 — Go. Trai. Em. 4 — Olhar. Are. 5 — Ai. Lança. 6 — Re. Anula. 7 — Inças. Domar. 8 — Tá. Ditosa. 9 — Separe. Pé. (Provérbio: DA OSTRA SAI A PÉROLA).

NOVA MODALIDADE

Problema n. 4664



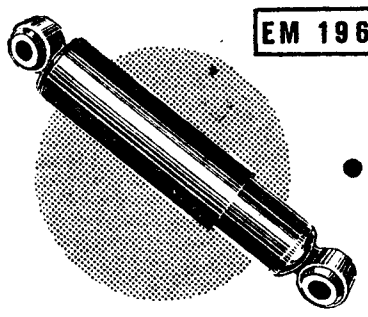
HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Europa Meridional banhada pelo Manzanares. 2 — Língua antigamente falada ao sul do Loire. 2 — Praia. Jogo de cartas. 3 — Ave pernalta. O mais alto pico do Algarve. 4 — Sustento. Maior. 5 — Viração. Província da França. 6 — Guardar segredo. 7 — Estimaras. Rio de Itália. 8 — Fluído aeriforme. Conjunção. 9 — Larvas que se criam nas feridas dos animais. Bigorna de ourives. 10 — Cincho. Freguesia do concelho de Vila Nova de Ourém. 11 — Seguia. Manos.

VERTICAIS: 1 — Ruim. Republica latina da América. 2 — Limpar com areia. Porca nova que deixou de mamar. 3 — Diabo. Alfaiataria do regimento. 4 — Esteiro. Pátria. 5 — Caminhava. Aves columbinas. Senhor. 6 — Chefe etíope. Possui. 7 — Ingerir alimentos. Vila e concelho do distrito do Porto. 8 — Constelação austral. Parte do teatro onde se faz a representação. 9 — Filtráramos. Artigo definido.

Solução do problema n.º 4663

HORIZONTAIS: 1 — Herculano. 2 — Grei. Anás. 3 — Miasses. 4 — Sam. MCI. 5 — Isomerias. 6 — Sã. AC. 7 — Mar. Não. 8 — Da. MXC. Sb. 9 — Oriá. Isto. 10 — Açor. Dera. 11 — Rana. Oral.

VERTICAIS: 1 — Hg. Sia. Doar. 2 — Ermas. Marca. 3 — Reimosa. Ion. 4 — Cia. Mármara. 5 — Sue. 6 — Lãs. Rancido. 7 — Anémica. Ser. 8 — Nasça. Ostra. 9 — Os. Isa. Boal.



EM 1962 → 50% DOS CARROS "TAUNUS" SÃO EQUIPADOS ORIGINALMENTE COM

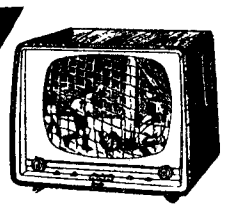
AMORTECEDORES

MONROE

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

AUTO-LUSITANIA AV. DA LIBERDADE, 73—LISBOA

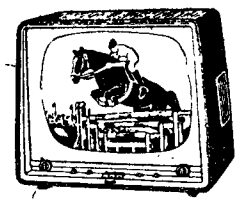
Graetz



FÄHNRICH

Alto rendimento — Ecran de 43 cms. — 110° — 18 válvulas e 7 diodos de germânio — Muitos automatismos — Caixa de preciosa madeira de 50,5×42×38.5 cms

Esc. 6.990$00



MARKGRAF

Alto rendimento — Ecran de 53 cms. — 110° — 18 válvulas e 7 diodos de germânio — Muitos automatismos — Caixa de preciosa madeira, de 61×52,5×39 cm. — Previsto para aplicação de pernas

Esc. 7.990$00

Graetz

ESMAGAR A O. A. S.
É AGORA O OBJECTIVO DO GENERAL DE GAULLE

PARIS, 24. — O presidente de Gaulle lançou uma ofensiva total na Argélia contra a Organização do Exército Secreto.

Os 400 mil homens que constituem as forças de segurança francesas naquele território receberam ordens do presidente para esmagarem rápidamente e «sem piedade» a insurreição chefiada pela O. A. S.

O novo alto comissário da França, Christian Fouche, que chegou hoje, de avião a Argel, recebeu do chefe do Estado instruções idênticas para esmagar a revolta e punir os dirigentes.

Entre as primeiras medidas previstas nesse sentido, figura a nomeação de novo comandante supremo francês, que irá substituir o general Charles Ailleret, naquele cargo desde Abril do ano passado. O nome indigitado para o lugar é o do general Jacques de Guillebon, que, além de ser, aos 51 anos, um dos generais mais jovens do Exército francês, comandava até há pouco uma das dez regiões militares da Argélia.

FOI SECRETAMENTE QUE FOUCHET DEIXOU PARIS

A partida do alto comissário francês na Argélia e do seu estado-maior para aquele território só foi anunciada, em Paris, esta manhã, depois da sua chegada a Rocher Noir, o centro administrativo fortemente armado e protegido que fica situado a Leste de Argel.

No porto de Bone entraram ontem o cruzador «Colbert», navio-chefe da esquadra do Mediterraneo, o porta-aviões «La Fayette» e alguns contratorpedeiros.

Outras unidades navais continuam a cruzar o Mediterraneo, ao longo da costa argelina. — (A.N.I.).

MONTGOMERY na berlinda

BONN, 24. — «Montgomery foi um grande soldado — sob o sol escaldante da Africa, mediu-se com Rommel. Parece sofrer ainda dos efeitos do calor» — escreve o «Bild Zeitung», um dos jornais da Alemanha Ocidental, que alude as recentes declarações a propósito do chanceler Adenauer.

Na presença de 42 generais e 400 oficiais superiores britanicos, Montgomery, depois de afirmar que o chanceler alemão deveria reconhecer, finalmente, que «nunca mais haverá Alemanha reunificada», disse que o dr. Adenauer deveria ser levado a tomar... um «herbicida «em doses pequenas» — palavras que causaram certa agitação numa parte da Imprensa alemã. — (F. P.).

APREENDIDO o semanário «Aux Écoutes»

PARIS, 24. — A Polícia apreendeu hoje o semanário conservador «Aux Écoutes du Monde», pela segunda vez em dois dias.

O jornal foi apreendido ontem antes de sair a sua edição regular, aparentemente por causa de um artigo acerca do Exército. O editor reviu essa edição numa tentativa para pôr hoje á venda o semanário, mas a nova tiragem não agradou, também, ás autoridades que, de ambas as vezes, não revelaram a razão das apreensões. — (R.).

«L'UNITÀ» ameaçado pela O.A.S.

GÉNOVA, 24. — A delegação local do jornal «L'Unità», órgão do Partido Comunista italiano, notificou a Polícia de que havia recebido uma carta com ameaças, deitada nos correios de Génova, no dia 22 e atribuida á Organização do Exército Secreto. — (A.N.I.).

AVA E FRANK SINATRA reataram o seu romance?

A famosa Ava Gardner e o não menos famoso Frank Sinatra, seu ex-marido

HOLLYWOOD, 24. — Os casamenteiros da capital do Cinema estão ocupados em discutir a aparição na noite de quinta-feira de Frank Sinatra numa festa particular no restaurante Romanoff, nesta cidade, acompanhado da sua antiga mulher a famosa vedeta Ava Gardner.

É a primeira aparição em publico do célebre artista e cantor com uma mulher desde que pôs termo recentemente ao seu noivado com a bailarina sul-africana Juliet Prowse.

Tratou-se de uma festa de despedida oferecida a Sinatra, que mais tarde partiu para as Bermudas.

O aparecimento de Frank Sinatra e de Ava Gardner juntos provocou o rumor de que os dois poderiam recomeçar um romance de amor e, possívelmente, voltarem a casar-se. — (R.).

DURANTE A MANHÃ APERTOU-SE O CERCO AOS HOMENS DA O. A. S. NO BAIRRO DE BAB-EL-OUED

ARGEL, 24 — Quando o dia de hoje rompeu o Exército e os gendarmes montavam guarda á volta do bastião da O. A. S., o bairro europeu de Bab-El-Oued.

Foi decretado um recolher obrigatório de duração indefinida em todo o bairro, completamente isolado do resto da cidade.

Segundo fontes oficiais, as forças de segurança planearam para hoje uma limpeza sistemática na área.

Ouviram-se esta manhã alguns tiros isolados enquanto os gendarmes pasavam buscas em todos os apartamentos de Bab-El-Oued, procurando armas, granadas e explosivos.

O bairro esteve encerrado por tropa e gendarmes durante toda a noite.

Por volta do meio da manhã, as lojas começaram a fechar na parte central de Argel e a O. A. S. fez circular ordens para uma «greve geral de protesto contra a acção das forças governamentais em Bab-El-Oued. Carros blindados guardavam todos os cruzamentos.

No interior do bastião da O. A. S., gendarmes deslocavam-se de edifício para edifício, apoiados por carros blindados e «half-tracks» com metralhadoras pesadas apontadas para as janelas dos edifícios a que estava sendo passada busca.

Também a meio da manhã, uma parte do bairro fora já «purgada», se bem que as autoridades não tivessem anunciado os resultados obtidos, e voltou novamente a ser autorizado o transito nas ruas.

Os gendarmes deslocaram-se depois para um novo sector a fim de continuarem as buscas.

Um terceiro sector em que os gendarmes não tinham ainda penetrado continuava encerrado, separado do restante da cidade por barragens de arame farpado e carros blindados. Havia notícia de franco-atiradores da O. A. S. com armas automáticas, escondidos nos edifícios dessa parte do bairro. — (R.).

A acção da O. A. S. compromete o futuro dos europeus da Argélia

PARIS, 24. — Discursando, esta manhã, no Conselho Nacional da U. N. R. (partido gaullista), o ministro de Estado, Louis Terrenoire, depois de falar da próxima consulta popular, tratou dos acordos de Évian, declarando, nomeadamente: «No domingo passado, recebemos a notícia do cessar-fogo sem verdadeira alegria, mas com a satisfação que um acto de razão proporciona.

Depois de notar que o escrutínio sobre a autodeterminação é absolutamente livre, o orador acrescentou: «Sabemos perfeitamente para que lado a balança se inclinará. Se não se houvesse premeditado o futuro, há que dizê-lo, os muçulmanos podiam caminhar simplesmente para a secessão. O general de Gaulle, graças á sua obstinação, conseguiu fazer triunfar o bom senso, que é a solução da cooperação entre a França e a Argélia».

A propósito dos incidentes de Oran e de Algel, o orador afirmou: «Ontem, sucedeu qualquer coisa abominável: a O. A. S., que contava com um tumulto nas massas muçulmanas, julgou poder desarticular um Exército francês que seria apanhado entre dois fogos. Finalmente, foi contra os soldados do contingente que os atiradores e os destacamentos de choque da O. A. S. abriram fogo. Estão agora votados á execração do povo inteiro.

«Os homens de Argel e de Oran hão-de voltar á razão, caso contrário, comprometerão o seu próprio futuro. Mas antes que se torne demasiado tarde, a O. A. S. será quebrada. Assim o ordenou o General de Gaulle».

Espera-se que o chefe do Governo fale ao Conselho da U. N. R.

Rigorosas medidas de segurança foram tomadas em Neuilly, onde decorrem os trabalhos do Conselho. A Polícia instalou barragens na rua do edifício onde se realiza a reunião, não deixando passar automóveis e «controlando» a identidade dos peões. — (F. P. e R.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **A Itália prepara planos para lançar o seu primeiro satélite em 1964, de uma plataforma no Golfo de Aden, a fim de estudar a atmosfera terrestre, raios cósmicos e fenómenos meteorológicos.**

● Um «encontro mundial das mulheres para o desarmamento» começou ontem em Viena, sob a égide da «Federação Internacional das Mulheres», organização de tendências progressistas, cuja presidenta (francesa) e vice-presidenta (italiana) se encontram na capital austríaca. Trezentas mulheres de 60 países, da Ásia, da África e da América participam no encontro, que termina amanhã.

● **«Não produziram quaisquer progressos» as conversações secretas entabuladas acerca da Nova Guiné Ocidental, nos Estados Unidos, com representantes holandeses — declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio.**

● O presidente Kennedy deverá avistar-se hoje com o general Dwight Eisenhower, num encontro, sem carácter formal, na residência de Inverno do segundo. E' a quarta vez que Kennedy se avista com Eisenhower, desde que foi empossado.

● **A junta militar que governa o Coreia do Sul, aceitou hoje a demissão do presidente da Republica, Yun Bo Sun. O general Park, chefe da junta, assumiu as funções presidenciais.**

DRAMÁTICO APELO DO PREFEITO DE ARGEL

ARGEL, 24 — O prefeito da Polícia de Argel, Vitalis Cros, lançou á meia-noite, pela Rádio, o seguinte apelo:

«Após inqualificáveis atentados cometidos contra muçulmanos e contra europeus, tanto antes como depois do cessar-fogo, após os recontros das duas ultimas noites, esta manhã, um pelotão de jovens soldados foi covardemente agredido quando passava de camião por Bab-El-Oued. Seis soldados franceses morreram e onze ficaram feridos. Assim, já não se limitando aos ataques isolados contra as forças da ordem, os grupos de desordeiros provocaram o Exército, que há tantos anos garante a segurança das populações da Argélia. A traição lança-se assim contra os franceses que servem sob o uniforme que ela usurpa para mascarar os seus bandidos, enquanto uma parte da população, aterrorizada ou cumplice, tolera e abriga os assassinos. Os chefes da quadrilha lançaram a mentira de uma organização sediciosa que pretende ter com ela a maior parte do Exército e proclamam, em nome da França, a nulidade do cessar-fogo e o prosseguimento da luta.

«Tudo isso é falso e estéril porque o Exército se encontra unido e firme, tal como todas as outras formações que participam na manutenção da ordem e se recusam a tolerar uma loucura que se traduz na insurreição, no crime e no assassínio. As forças da ordem saíram da gente francesa, do povo, pensam como ele e obedecem ás ordens do Governo francês.

«Habitantes de Bab-El-Oued, os acontecimentos de hoje provam que as forças da ordem irão, sem restrições nem reservas, até ao fim do seu dever. Conheceis as garantias que vos foram dadas.

«Reconsiderai.

«Ponde fim a este combate fratricida.

«Pela grandeza do vosso país, pelo futuro dos vossos filhos, pelo mundo civilizado que vos observa e vos julga, entregai as armas e ponde termo á luta». — (F. P.).

A SITUAÇÃO DE GIZENGA

LEOPOLDVILLE, 24. — A mãe de Antoine Gizenga e as suas duas esposas escreveram ao chefe da operação da O. N. U. no Congo protestando contra o tratamento aplicado ao dirigente lumumbista.

Na carta afirma-se que Gizenga só recebe alimento uma vez por dia e que vive confinado numa pequena cela onde se mantêm permanentemente os soldados que o guardam, numa pequena ilhota da embocadura do rio Zaire. O clima que aí reina é nefasto ao prisioneiro, que sofre dos pulmões. — (F. P.).

TUKHATCHEVSKY FOI REABILITADO

MOSCOVO, 24. — Por motivos de «talento e coragem», foi hoje reabilitado pelo «Krasnaya Zvezda» — o jornal do Exército soviético — um antigo dirigente militar russo: M. N. Tukhatchevsky, que, «sem qualquer fundamento sério» (segundo o jornal afirma), foi liquidado por ordem de Estaline em 1937. — (A. N. I.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Portugal Continental: o vento era fraco, a moderado do Norte. O céu estava pouco nublado por acção duma massa de ar transportada na circulação conjunta duma depressão centrada a sueste da Península Ibérica e dum anticiclone centrado a norte dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 8°; Portalegre, 4°; Coimbra, 8°; Lisboa, 9°; Faro, 11°.

TEMPERATURAS REGISTADAS HOJE, ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 10°; na água do mar, 14°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13°,1; mínima, 7°,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,5; mínima, 12°,3.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ—Bom tempo, com céu pouco nublado a limpo. Vento fraco a moderado de Norte. Continuação do tempo frio.

CAFÉ RESTAURANTE EXPRESSO TERMINUS

Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 324597

Amanhã: Domingo

Lampreia à Moda do Minho
Paelha Valenciana
Pato com Arroz no forno á Portuguesa
Frango Grelhado no Espeto com Piripiri

O «Diário de Lisboa», é vendido por Martinho Fontinha, em SANGALHOS, no «Café Sport».

BEBA ÁGUA das Caldas de Monchique De mesa e gaseificada

UM VERME CORTADO EM DOIS destrói as teorias da memória

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

A reconciliação é um momento de ternura de que o amor dir-se-ia sair mais fortalecido

Diario de Lisbôa
magazine

A PRIMEIRA IMAGEM TRANSMITIDA PELA TV ASSOMBROU A INGLATERRA

onde em 1926 já existia um programa regular de televisão

A televisão (a que se pode chamar, também, em bom português, telopsia) teve os seus obstinados precursores, alguns dos quais — dos que deram na fase heróica das pesquisas e dos indecisos ensaios notável contributo para a sua realidade — ficaram no olvido, ou são pelo menos ignorados da multidão de telespectadores.

«Os primeiros trabalhos realizados foram puramente de ordem teórica, e os práticos que se lhe seguiram não levaram a qualquer resultado positivo, nem mesmo dentro do campo experimental. Passou-se isto em 1848. Seguidamente ás experiências de Bain, Blakwell, May (1848-1854), e muito especialmente após a descoberta a fotossensibilidade do selénio em 1873, o problema da televisão começou a ser sèriamente considerado, e foi graças a Nipkow, em 1884, com a invenção do disco, que ainda hoje conserva o seu nome, que foi possível decompor a imagem em linhas sucessivas, linhas estas que são o fundamento da televisão. Porém, só em 1925 se fizeram os primeiros ensaios de transmissão de silhuetas na Inglaterra e na América. No dia 27 de Janeiro de 1926, Bird, em Inglaterra, fazia a primeira transmissão a distancia de uma imagem móvel».

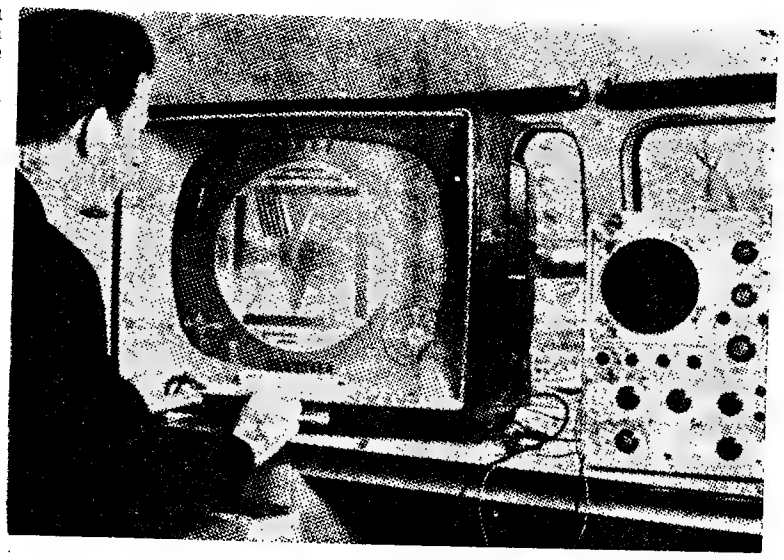
Na verdade, pouca gente saberá do nome desse inglês, John Logie Bird, que, pela primeira vez, conseguiu materializar em imagens esse sonho, por muitos, até então, considerado «de loucos». Por isso lhe chamam o «inventor da televisão». Ele morreu, de resto, em 1946, precisamente quando a TV começava já a popularizar-se em diversos países, com positivos resultados materiais no campo comercial.

Fora vinte anos antes, em 1926, que Bird, na pequena localidade de Hastins, perto de Glasgow, conseguira transmitir, pela primeira vez, a imagem de um ser humano. Tendo-se apercebido da descoberta, saiu, em delirante entusiasmo, para a rua e, encontrando um rapaz chamado William Tayton, levou-o a sua casa, e assim aquele jovem também ficou na história da TV por ter sido a primeira pessoa televisada. Bird dedicou-se, depois, apoiado e subsidiado por várias empresas, inteiramente a «aperfeiçoar a maravilha que descobrira», tornando possível, uns dez anos depois, a primeira estação publica de Televisão. Teve, porém, o mesmo destino de outros inventores e precursores, pois quando a TV começava a conquistar entusiástica popularidade mundial, «ele morria, como sempre vivera, na sombra».

Berlim teve o primeiro programa regular

No ano seguinte ao da sensacional descoberta de Bird, isto é, em 1927, fizeram-se na América do Norte transmissões de imagens,

(Continua na ultima página)



Para saber se uma recepção é perfeita recorre-se á sintonia da imagem de «teste»

Não deixe que as discussões destruam o seu lar

por VIOLETTE MARIAND

(Especial para «Diário de Lisboa» — Magazine)

Por mais extraordinário que possa parecer, há duas espécies de discórdias conjugais: as boas e as más...

Uma discórdia boa não é senão uma discussão sincera, sem elevar a voz, que acaba quase sempre com riso franco e um beijo amoroso. Tem o mérito de pôr as coisas no seu devido lugar.

Uma discórdia má... Bem: essa é a que provoca lágrimas, entristece e, por isso, faz mal. Num instante, degenera numa cena que jamais se esquece, ou pior, que não se perdoa. Cava um abismo entre os cônjuges.

Há ainda a considerar, nas disputas entre marido e mulher, as cenas *históricas*, aquelas de que se fala, vinte anos depois, a propósito de tudo e de nada. Um bife muito passado ou uma camisa mal engomada são pretextos para as recordar...

— Sim, eu sei, julgas-me idiota! Não te faltou a coragem para o insinuares mesmo diante da tua mãe, ao jantar, recordas-te? É que eu tenho boa memória! Tu sabes.

Sempre que entra na dança o *disco* da «boa memória», está tudo estragado.

Por uma coisa de nada, chega-se a uma discórdia má, das que tornam um casal infeliz. Se não desejais que o vosso amor morra, evitai-a como se se tratasse de uma peste. É preciso ter sempre presente que, se há coisas que o amor perdoa, outras não. Há limites que não podem ser ultrapassados, sob pena de se arriscarem os esposos a sofrer o pior.

À cabeça das discórdias más colocam-se as que ferem o orgulho de qualquer dos cônjuges.

Uma mulher queixava-se:

— Meu marido zanga-se por uma insignificancia: por um atraso de dez minutos, ou pela falta de um botão na camisa. Não me desconsolo com isso, tudo esqueço. Há duas coisas, porém, que não lhe perdoo: ter afirmado que eu não valia muito como dona de casa e que, a propósito de carácter, teria sido mais feliz com a Odete, uma rapariga com quem saía antes do nosso casamento.

Nada de testemunhas!

Outras zangas más são aquelas em que um dos cônjuges explode na presença de testemunhas. Vale mais trincar a língua ou roer as unhas! Perdoa-se mais fácilmente uma palavra mordaz proferida na intimidade, do que deixada escapar diante de uma terceira pessoa.

Se no auge da cólera o leitor pensar sinceramente que sua mulher não veio ao mundo senão para o enfadar, e se a leitora julgar verdadeiramente que o seu marido é grosseiro, não o digam a Pedro nem a Paulo, para que não trocem do vosso lar.

Os cônjuges devem evitar certas cenas gratuitas, e sobretudo não esquecer o respeito que devem um ao outro.

Um rapaz cujo ciume chegava a ser agressivo, sempre que ia com a mulher jantar a casa de amigos, no regresso acusava-a de o enganar com este e com aquele.

— Não te defendas. Eu surpreendi os vossos olhares de entendimento, que não enganam!

Este género de cenas revelam muitas vezes a mania da perseguição. Mas há muitas mulheres que se portam de maneira imprópria diante dos maridos. Que estas cenas nasçam de faltas positivas, é condenável, mas ainda se justifica. Que resultem da inconsciência de certas mulheres, que

(Continua na ultima página)

O FUTURO DA ARGÉLIA

O acordo de cessar-fogo na Argélia, assinado em Évian, no passado dia 18, tem de ser saudado como um acontecimento importante da história contemporanea. Constituiu o fim de uma guerra que durou exactamente sete anos, quatro meses e dezoito dias.

Infelizmente, o acordo não significa a paz para o povo argelino, para quem a independência ficará marcada a letras de sangue nos anais da história nacional.

A O. A. S., numa manifestação, demais conhecida, de um nacionalismo exacerbado e tornando-se a expressão de um importante sector da burguesia francesa que não deseja abdicar dos seus privilégios e das suas importantes fontes de riqueza, ainda que usufruindo-as em detrimento dos direitos de outros povos, lançou-se numa luta de morte disposta a toda a espécie de crimes para lançar a Argélia no caos e impedir, pela intervenção do Exército, a aplicação do acordo de Évian.

Só a paixão cega que domina os dirigentes e mentores da O. A. S. pode explicar o tipo repulsivo de acção em que se lançou a sinistra organização. A descrição de alguns dos seus atentados, em que se não poupam as mulheres e as crianças, é de maneira a produzir a mais violenta reacção dos espíritos em que existam ainda sentimentos de justiça e de humanidade.

Significativo é que sejam as correntes de opinião que há dois anos atrás se insurgiam contra o caos existente no Congo, como expressão da incapacidade dos congoleses para a independência, a aprovarem e a estimularem agora a onda terrível de crimes e atentados que pretende criar na Argélia um clima de insegurança e de instabilidade, impossibilitando assim o seu acesso á independência.

Os poucos dias que se seguiram á proclamação do cessar-fogo, ansiosamente aguardado pela população argelina, têm sido ensombrados por uma intensa e desesperada actividade terrorista. É forçoso concluir-se que o povo argelino, que precisou de mais de sete anos de luta para ver reconhecidos, pelo menos em princípio, os seus direitos á próxima independência, vê sob maus augurios as primeiras horas de uma meta que há tanto desejava alcançar.

Tanto o povo argelino como os franceses que assistem, amargurados, ao mar de sangue que inunda a Argélia, sabem que nas mãos do presidente de Gaulle se encontra, em grande parte, a solução para o terrorismo da O. A. S. Continuará o chefe do Estado francês a hesitar em tomar as decisões que a situação exige? Não se compreende bem como tendo as negociações terminado de acordo com o pensamento e a vontade de de Gaulle (que declarou ter vencido a razão da França) este se oponha a disposições drásticas que, a serem tomadas, lograriam exterminar ou, pelo menos, diminuir a força e o desplante da criminosa organização.

No discurso que pronunciou em Tunes, ao proclamar o cessar-fogo, o chefe do G. P. R. A., Ben Khedda, proferiu palavras sensatas e dignas da luta em que os argelinos se empenharam durante os ultimos sete anos, relativamente á convivência amigável e compreensiva das comunidades europeia e muçulmana, após a independência da Argélia. Esquecerão os elementos da O. A. S. que a luta terrível em que se empenham só prejudica os interesses e o futuro dos europeus que desejem permanecer na Argélia independente?

BRASÕES

ANÍBAL, grav. Unico especializado Rua Nova do Almada, 64. T. 326162

INTERNACIONAL

Prossegue em Londres, a conferência constitucional do Kénya — iniciada no dia 14 do mês passado — e que decidirá das etapas a percorrer até á independência do país. Os trabalhos têm sido prejudicados pelas teses opostas dos chefes nacionalistas. Enquanto Jomo Kenyatta defende o sistema de Governo unitário, Ngala advoga o princípio do sistema federativo

À MARGEM DO NOTICIÁRIO

● Debré continua

Finalmente, o Governo Debré parece permanecer no Poder até ao final da presente legislatura. A explicação do facto, segundo os observadores políticos é a seguinte: uma mudança de primeiro-ministro, mesmo numa situação transitória, obriga, de acordo com a Constituição francesa actual, a pedir a investidura do Governo á Assembleia Nacional. Diz-se nos meios políticos parisienses que ao ter sido recordada esta exigência constitucional ao general de Gaulle, o chefe do Estado mostrou por ela uma tal repugnancia que a considerou mais uma razão para que Michel Debré continue á frente do Gabinete.

● Negociações sobre a Nova Guiné

Estão a decorrer em Washington negociações secretas entre a Indonésia e a Holanda, as quais, segundo se afirma, prosseguirão depois em Genebra. Segundo círculos políticos da Haia e de Djakarta, ambas as partes aceitam o princípio da autodeterminação para o povo Papua, apesar do Governo de Haia exigir garantias especiais de segurança para os 20 000 holandeses estabelecidos na Nova Guiné.

● Dificuldades em Cuba

O corte de relações comerciais de Washington com o regime de Ha exporta açucar e tabaco, mas necessita de importar numerosos artigos — de não descurar a aquisição de material bélico, depois da malograda tentativa de invasão, em Abril do ano passado, tem-lhe criado uma situação económica cada vez mais difícil.

Por uotro lado, erros na gestão económica do país parece agravarem as dificuldades ingentes com que se debate o povo cubano: a colheita da cana de açucar será bastante inferior á do ano passado.

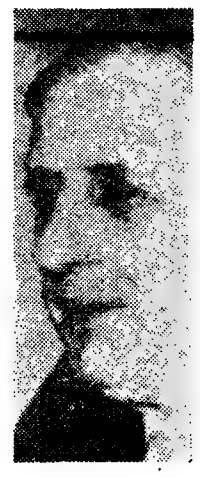
São reveladoras dessa crise as restrições impostas aos habitantes da cidade de Havana que não podem adquirir mais do que 150 gramas de carne por semana e determinada quantidade de peixe por mês.

● Kennedy e os trabalhistas britânicos

Ao falar-se em eleições na Grã-Bretanha é opinião crescente, nos círculos políticos de Londres, que as simpatias de Kennedy dirigir-se-iam, em particular, para o Partido Trabalhista, o que não deixaria de ter uma influência considerável no eleitorado britanico. Essa opinião, reforçada após a visita de Gaitskell aos E. U. A., parece basear-se, sobretudo, nas razões seguintes: á frente do Partido Democrático norte-americano (a que pertence Kennedy), como do Partido Trabalhista britanico, encontram-se hoje os chamados intelectuais; por outro lado, os trabalhistas parecem dispostos, muito mais que os conservadores, a concertarem a política atómica da Grã-Bretanha com as concepções e as grandes linhas seguidas até agora pelos Estados Unidos.

FIGURAS DA SEMANA

DE GAULLE



Chamado ao **Poder em Maio** de 1958 para resolver o problema da Argélia e evitar a guerra civil, para a qual o país parecia caminhar a passos largos, de Gaulle foi o homem que, efectivamente, conduziu as negociações de Évian. A caminhada percorrida de então a esta parte é longa e sinuosa. De Gaulle deve ter chegado ao Poder, ciente do prestígio que o seu nome representava na vida política francesa, de que conseguiria ainda salvar a «Argélia francesa». A certeza disso é-nos dada pelo actual chefe de Estado francês que várias vezes, depois de ter reassumido o poder, empregou essa fórmula. Mas os acontecimentos encarregaram-se de lhe fazer perder todas as ilusões e as esperanças que lhe poderiam restar. De Gaulle encetou então uma nova linha política que conduziu á presente situação, ou seja o reconhecimento do direito dos argelinos á independência. Sòmente é de lamentar que para o atingir tenham sido precisos mais de três anos, com todo o caudal de vítimas e de prejuízos que tal período representa.

O acontecimento do passado dia 18 é, no entanto, suficientemente significativo para o povo argelino e para o futuro do território africano para que seja dado o devido realce á influência que a acção e o esforço sincero de de Gaulle representarão na independência da Argélia.

BEN KHEDDA

O primeiro-ministro do «Governo» Provisório da Republica Argelina, Ben Khedda, um dos «duros» da Frente de Libertação Nacional, foi o homem forte, de espírito clarividente, a quem coube a direcção dos chamados rebeldes argelinos nas mais importantes negociações com o Governo de Paris. A situação não era fácil nem diminuto o numero de problemas para que as conversações franco-argelinas fossem dirigidas com inteligência e profundo bom-senso. No entanto, para quem seguiu atentamente a acção do G. P. R. A. é essa, possívelmente, a impressão que retém de Ben Khedda. E' provável que dentro em pouco o actual chefe do «Governo» argelino deixe de ser figura de primeira plana na vida política da Argélia. Não lhe caberá, a ele, segundo tudo indica, a chefia do executivo provisório que conduzirá a Argélia á independência e, relativamente, ás futuras instituições políticas argelinas, caberá ao povo decidir o grau de atribuições que pensa confiar-lhe No entanto, Ben Khedda ficará, certamente, na história do seu país, como uma figura eminente e esclarecida a quem não faltou inteligência e vontade para servir a causa da independência argelina.

A SITUAÇÃO DE BERLIM

A situação da antiga capital alemã tem constituido, ultimamente, um dos maiores anseios da humanidade, que não poucas vezes viu nela o rastilho de uma terrivel tragédia. A situação proveniente da **partilha da Alemanha** e da **divisão de Berlim**, **desempenhou papel de particular relevo** na chamada guerra fria, que tanto atormentou o Mundo e quase o colocou á beira de profundo e mortal abismo.

Referiremos a seguir, alguns dos principais instrumentos de acordo entre as potências aliadas da ultima grande guerra, que constituem o processo da divisão de Berlim e ocupar-nos-emos da evolução desse processo e dos termos em que ela se registou á luz dos documentos assinados.

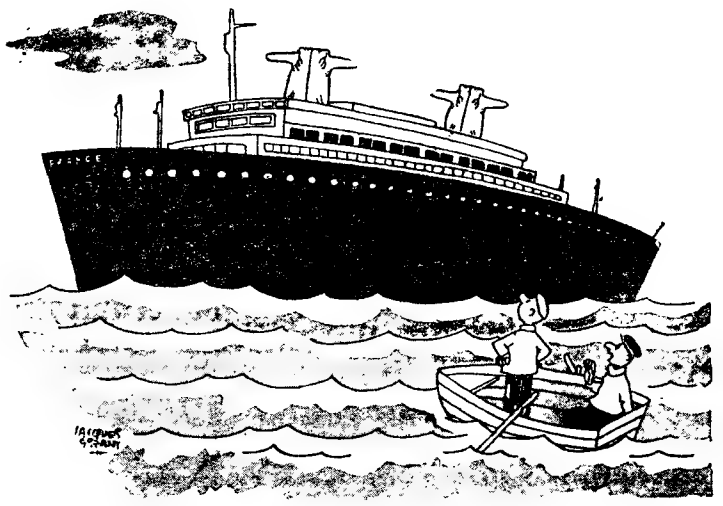
Em Outubro de 1943, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. instituiram uma «Comissão Europeia de Conselheiros» que, em 12 de Setembro de 1944, concordou em que a Alemanha devia ser dividida em três zonas, constituindo Berlim um «domínio especial» que seria ocupado pelas três grandes potências» (E. U. A., Grã-Bretanha e U. R. S. S.). A administração comum de Berlim devia ser confiada a «uma autoridade governamental constituida pelos três comandantes da cidade», o que foi objecto de um regulamento especial nas negociações de 14 de Novembro de 1944 e de 1 de Maio de 1945. Mas posteriormente, Berlim foi dividida em quatro sectores: além de fixados os limites de cada um dos Reich, na qualidade de quarta potência vencedora da segunda guerra mundial.

Os acordos referidos constituem a base do chamado estatuto quadripartido de Berlim. A antiga capital é, assim, um grande sector isolado da zona de ocupação soviética.

Em **Junho de 1948**, sob a **explicação de «dificuldades técnicas»** na **rede de estradas, de caminhos de ferro** e das vias fluviais entre a Republica Federal e Berlim-Oeste, os russos isolaram completamente os sectores ocidentais da antiga capital alemã. Foi então que os norte-americanos, ajudados pelos ingleses, organizaram uma ponte aérea, a qual durou cerca de um ano (até Maio de 1949) data em que o sector soviético deixou de estar bloqueado.

O ano passado, o primeiro-ministro soviético, Nikita Kruchtchev, anunciou, a intenção de concluir um tratado de paz com sectores. em Julho de 1945, foram atribuidos á **França** dois bairros da antiga capital do a Alemanha Oriental, ou seja a transmissão ao regime de Pankov da responsabilidade e da garantia de livre circulação em Berlim-Oeste.

A forma como as grandes potências vão resolver este problema apresenta-se decisiva e tem dado margem a diversas negociações entre os quatro governos em questão, e nomeadamente, a consultas e sondagens do embaixador norte-americano em Moscovo. O desfecho não parece fácil, apesar da situação existente em Berlim, dividida por muros e barreiras de arame farpado, reclamar uma solução que respeite a vontade e os interesses dos berlinenses.



— A política de prestígio, tu sabes, e sabe-se quando começa...
(Desenho de Jacques Faizaut)

QUESTÕES DE LINGUAGEM

Túlipa ou tulipa?

Muitas são as pessoas que confessam dúvidas a respeito da acentuação de *túlipa*, daí naturais hesitações na pronúncia e na escrita da mesma palavra.

Para mais os trabalhos que poderiam ser grande e decisivo tira-teimas não facilitam a resolução do problema, pois o *Vocabulário Resumido* da Academia das Ciências de Lisboa (publicado em 1947) regista as duas formas mas cada uma com a sua acentuação, o que parece inadmissível, para mais em trabalho que, além de naturalmente esclarecedor, se propõe evitar escritas duplas. De resto, qualquer tipo de ambiguidade deve estar fora de textos legislativos.

Antes, em 1940, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado pela mesma instituição científica, apenas registou *túlipa*, apesar do seu desenvolvimento, de não ter carácter de resumo.

Não admira, por tudo isto, que duas pessoas nos perguntassem «o que há a respeito da acentuação desta palavra«: os Senhores Domingos H. C. Aniceto e Chico do Mato (pseudónimo, evidentemente).

Tudo nos leva à conclusão de que, pelo menos por ora, é preferível usar a forma esdrúxula, isto é, *túlipa*. Eis, em poucas palavras, as razões de tal parecer, baseadas em estudo de Gonçalves Viana (*Apostilas*, II, p. 511): a origem do vocábulo estará no persa ou no turco, mas o vocábulo em questão parece ter entrado em português por via holandesa. «Note-se, afirma o notabilíssimo investigador, que a palavra holandesa *tulp* (pr. *tölp*) nos leva a crer que a forma alatinada se há de ler *túlipa*, com o acento na primeira sílaba, visto que entre o *l* e *p* não há vogal, e a flor predilecta dos Holandeses de lá é que veio, com o nome que lhe eles deram e os mais povos imitam».

Sem pretender contradizer toda a doutrina exposta nesta notazinha, sempre aventamos um estudo pormenorizado desta palavra, sobretudo no que respeita à época e à forma por que ela entrou no nosso idioma, a fim de averiguar até que ponto o francês *tulipe* é responsável pela sua presença em português. Se o francês foi na verdade o intermediário ou a fonte directa do nosso vocábulo, teríamos de rever a posição tomada pelo documento académico, embora *túlipa*, entretanto, continuasse a ser forma oficial, produto da obediência que se deve a depoimentos oficiais ou oficializados, quanto mais não seja para haver uma norma. Conviria, no entanto, que, no caso de se averiguar fundamento na doutrina contrária, as autoridades responsáveis corrigissem a sua posição.

A propósito e para terminar, anote-se que o excelente *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, supervisionado e aumentado (na 10.ª edição) por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, regista a forma *tulipa*, com acentuação grave, na penúltima sílaba.

Graças, porém, à doutrina de Gonçalves Viana, à letra de um dos vocabulários académicos e à ausência de estudo pormenorizado que demonstre o contrário, continuemos a dizer e a escrever *túlipa*.

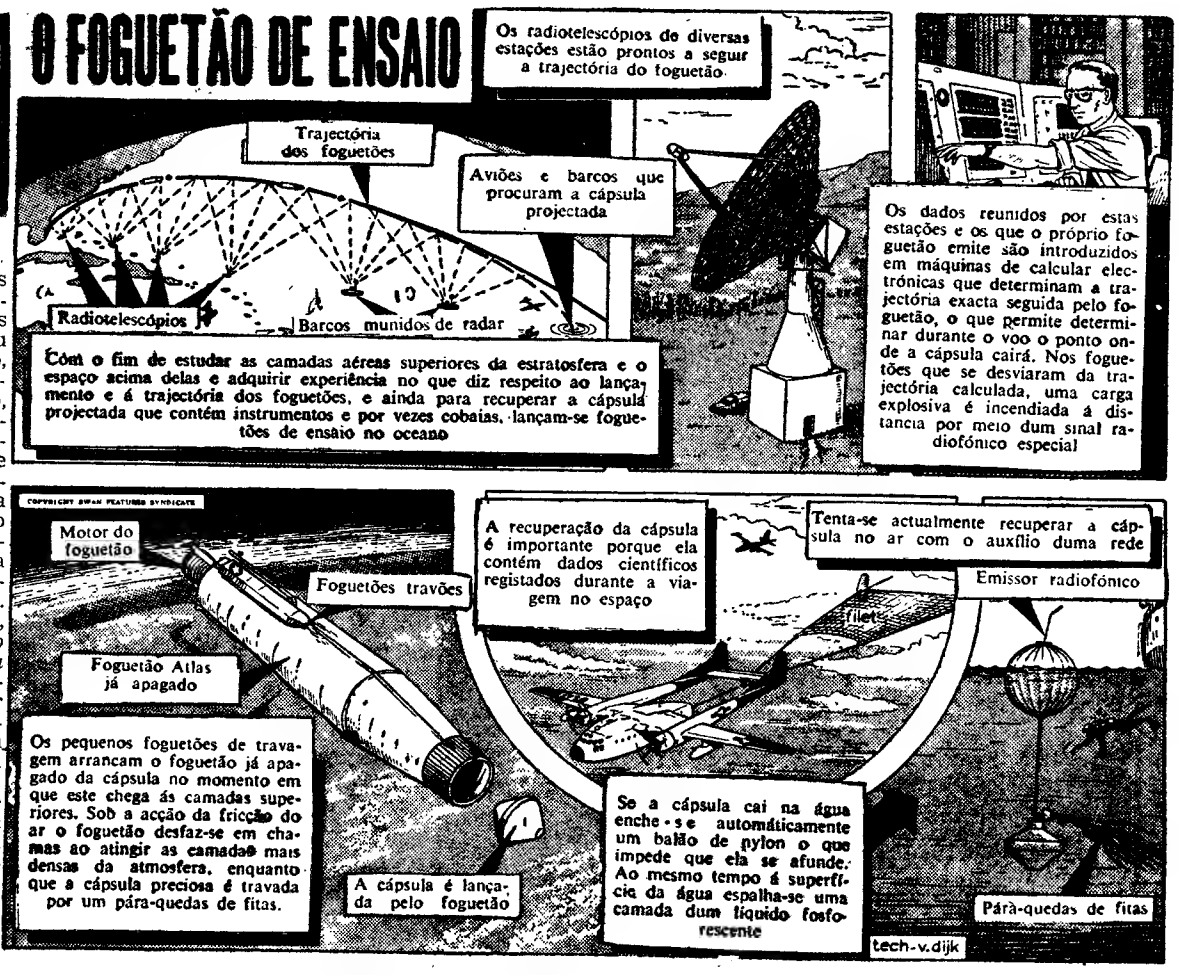
Poeta e Poetisa

Em boa verdade, Senhor Vítor Manuel Lopes Gomes, nós não podemos admitir essa palavra *poeta*, do género feminino, na frase «as melhores poetas portuguesas», apresentada na sua prezadíssima carta e que muito agradecemos.

Poetisa continua a ser o feminino de poeta, tanto aqui como no Brasil, como, de resto, se pode verificar no que registam o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e o *Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa* (ambos editados pela Academia das Ciências de Lisboa), o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, pelo menos na 10.ª edição, e as *Dificuldades da Língua Portuguesa* (II, p. 469) do eminente investigador brasileiro que é o Prof. Zélio dos Santos Jota.

JOSÉ PEDRO MACHADO

O FOGUETÃO DE ENSAIO



HASSAN II VAI SER PAI

mantendo-se porém o segredo do seu casamento

Há pouco mais de um ano que Hassan II é o soberano do reino de Marrocos, tendo subido ao trono por morte de seu pai. Diz a tradição islamica que um sultão não pode ascender ao trono «antes de ter tomado mulher», o que equivale a dizer, nos nossos dias, que só poderá reinar se for *casado*. O jovem principe Hassan nunca pensara nesse problema enquanto vivia o pai. Outras questões mais importantes o preocupavam.

Entretanto, no dia 26 de Fevereiro de 1961, poucas horas antes de morrer o pai, Mohammed V, o principe casava no meio do maior segredo. Hassan, no entanto, havia sido já entronizado como principe herdeiro em vida do pai. Mas os chefes do Marrocos só iriam ao palácio real render-lhe homenagem e reconhecê-lo como seu novo rei, se o principe estivesse casado. Assim, no faustoso palácio branco de Rabat, antes da morte de Mohammed ser anunciada, Hassan cumpria o preceito dinástico e, pouco depois, era reconhecido pelos «grandes» muftis e chefes políticos como soberano do reino de Marrocos.

Nem nessa altura, nem depois foi revelado o nome da mulher com quem casara. Falou-se de uma jovem rapariga, filha de um oficial da guarda real. Mas ao certo nunca se soube nem se sabe ainda hoje. De resto, não tem havido qualquer espécie de curiosidade a esse respeito em Marrocos, ou no mundo islamico. A tradição marroquina não reserva qualquer lugar de destaque á mulher do sultão, tanto mais que, a maior parte das vezes, há várias no harem. E a ninguém é dado o direito de se interessar pelas esposas de Sua Majestade e menos ainda de pensar na sua existência. Por isso, se têm fechado todas as bocas e portas que levessem a desvendar o mistério do casamento secreto e inesperado de Hassan, a despeito do interesse que tem havido nisso em vários centros ocidentais.

Por outro lado, Hassan II, que tem incrementado a evolução formal do sultanato marroquino para um reinado do tipo ocidental, não teria querido rodear o seu casamento deste mistério e silêncio se a isso não tivesse sido obrigado por razões de Estado. Mas como não pôde dar fausto e gala á festa do seu casamento, fê-lo com o de seu irmão, o príncipe Moulay Abdallah, que casou com a princesa Lamia Sohl, em cerimónia que encheu as páginas de jornais e revistas de todo o Mundo.

Entretanto, soube-se recentemente que um enviado de Hassan II se deslocou a Londres e a Paris, tendo visitado as casas mais famosas da moda. Segundo algumas inconfidências, sabe-se que Hassan II vai ser pai esta Primavera e pensa-se que quer assinalar o facto com festas estrondosas, convidando para as cerimónias os grandes chefes do mundo árabe e apresentando, na altura, a sua esposa que ninguém conhece. Será, finalmente, desvendado o mistério do casamento do jovem rei de Marrocos?

NA BIBLIOTECA DOS RAPAZES

A MELHOR COLECTÂNEA DE LIVROS PARA A JUVENTUDE

ACABA DE APARECER

ROBIN DOS BOSQUES

GRANDE ROMANCE DE

ALEXANDRE DUMAS

A HISTÓRIA EMOCIONANTE DO CÉLEBRE PALADINO INGLÊS

AVENTURAS DE UM RAPAZ NAS FLORESTAS DO AMAZONAS

romance de

BALLANTYNE

4.ª edição

DUAS OBRAS CLÁSSICAS DA LITERATURA JUVENIL EDITADAS PELA

PORTUGÁLIA

A OBRA DE

ALDOUS HUXLEY

CONTINUA A SER INTEGRALMENTE REVELADA AO NOSSO PÚBLICO

POR

LIVROS DO BRASIL

QUE ACABA DE PUBLICAR

O GRANDE PROBLEMA

COLECÇÃO

DOIS MUNDOS

Na colecção

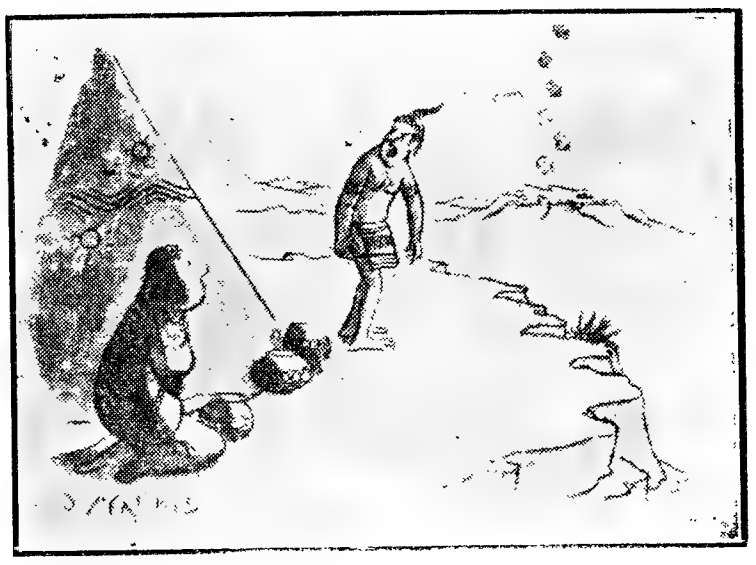
VAMPIRO

mais um dos mestres consagrados da literatura policial

A FESTA DA ENFORCADA

romance de

ANTHONY BERKELEY



— E' para ...

O riso da semana

REVOADA DE GRAÇAS

A COR DO SANGUE

O sangue das mulheres é menos vermelho do que o dos homens, porque enquanto o destes contém em cada milímetro cubico cerca de cinco milhões de glóbulos vermelhos o daquelas tem menos meio milhão no mesmo volume

E aqui está a razão pela qual as mulheres se pintam.

As que carregam nas tintas chamam-se pessimistas ou modestas.

CARTAS ANÓNIMAS

Há pessoas que têm por hábito assinar as suas cartas três vezes. E' um protesto solene contra as cartas anónimas.

MODOS DE DESLUMBRAR

Segundo Vargas Villa um génio deslumbra com o seu talento; um sábio deslumbra com o talento dos outros.

MODÉSTIA

As moscas não compreendem que um mestre de obras passe uma vida a construir tectos e continue a andar pelo chão.

UMA DA MARK TWAIN

Mark Twain, ao fim de uma vida de lutas, achou-se mais prudente do que na mocidade e aconselhava a um amigo: «Quando um valentão quiser lutar contigo, tira com todo o vagor e deliberadamente o teu casaco e crava os teus olhos nos dele. Depois, sempre de vagar e calmamente despe o colete. Em seguida arregaça as mangas e não despregues nunca os olhos dele. Se, por esta altura, o teu competidor não tiver fugido, é preferivel que sejas tu a fazê-lo.

UM PENSAMENTO

E' do padre António Vieira, que também tinha a sua piada e parece entendido em matéria de amores, este pensamento: «Dizem que um amor com outro se paga e mais certo é que um amor com outro se apaga».

— Tenho a impressão de que eles estão a estragar aquela criança com mimo.

Enfim! Não pode haver guerra!

Cabo CANAVERAL, E. U. — O almirante do povo mais belicoso do mundo ocidental, mas fundamentos dizem ser virtualmente ilimitado e que o seu sistema de defesa não pode ser interceptado por nenhum inimigo, pelo que o engenho tem carácter invencível, não podendo ser interceptado.

MOSCOVO, U. R. S. S. — No discurso que pronunciou hoje no Palácio do Congresso, Kruchtchev anunciou que os cientistas soviéticos inventaram um foguetão «invencível». Esse foguetão é portador de armas defensivas antifoguetões. Assim todas as instalações defensivas criadas nos Estados Unidos para defesa contra foguetões são inúteis.

Há-de ser muito engraçado
Ver estes dois foguetões.
Qualquer deles espantado
Nos altos céus colocado
Em grandes indecisões.

Sem saberem que fazer.
Apesar de bem terriveis
E com o mesmo poder.
Por cada um conhecer
Que são ambos invenciveis.

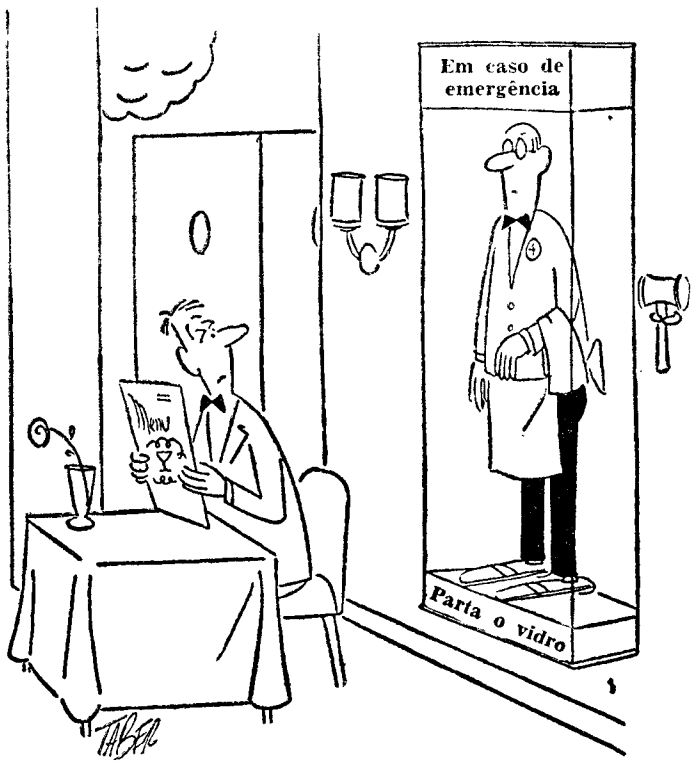
Quem havia de dizer
Que se havia de chegar
A ter tão grande prazer
Por a guerra não poder
Neste caso deflagrar.

Nenhum deles poderá
Ser acaso posto em p'rigo
Porque o que um deles terá
Também no outro haverá
P'ra atacar o inimigo.

De modo que, nessa altura,
P'ra saber quem vai á morte,
A maneira mais segura
De evitar uma loucura
E' tirar a coisa á sorte.

Ou se estão com insistência
A dar volta á cachimónia
Ha-de dar-se a coincidência
De repetir-se a experiência
Do bom Padre Patagónia.

A. F.



CADA UM DÁ O QUE PODE

OPTIMISMO

ANEDOTAS

DUAS ANEDOTAS ITALIANAS

Mussolini dava 1000 liras por cada filho nascido em Itália e, depois da sua morte, depois da guerra, enfim, havia pessoas que explicavam:

— Agora temos que aturar estes miudos que fizemos vir ao mundo só porque Mussolini pagava 1000 liras por cada um!

Quando em Itália se davam requentes mudanças de Governo e de ministros contava um jornal italiano: «Para o novo Governo há homens novos em todas as pastas: Tupini para lugar de Piccioni; Piccioni para o lugar de Fanfani; Fanfani para o lugar de Andreotti; Andreotti para o lugar de Scelba e Scelba para o lugar de Tupini.

ADIVINHAR O FUTURO

** Algumas senhoras conversavam num chá de caridade com alguns cavalheiros que tinham promovido a festa.*

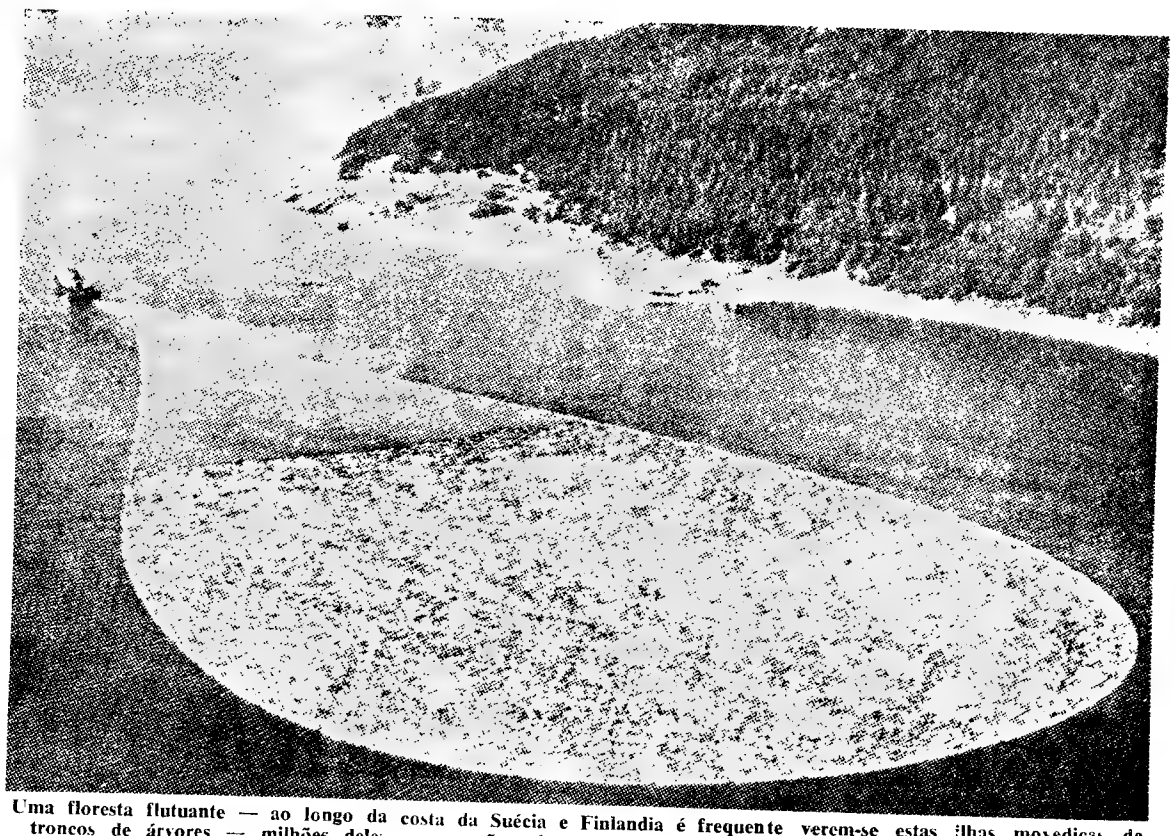
Uma das senhoras presentes filosofava:

— Quem pode adivinhar o que o futuro lhe reserva. Eu, por minha parte, sei que esta noite dormirei nos braços de meu marido. Talvez amanhã durma nos braços de Nosso Senhor.

Um dos presentes acudiu logo:

— E, diga-me, minha senhora, estará livre depois de amanhã?

Quatro décimos do globo terrestre estão cobertos por florestas



Uma floresta flutuante — ao longo da costa da Suécia e Finlandia é frequente verem-se estas ilhas movediças de troncos de árvores — milhões deles — que são rebocados para fábricas, onde os transformam em pasta para papel

As florestas constituem um dos recursos primários e mais preciosos do Mundo, não apenas por fornecerem matérias primas de grande importância, mas porque a sua repartição racional é indispensável á agricultura. As florestas protegem as culturas, abrigando-as, conservando a fertilidade dos solos, regularizando o clima e reservas de água, assim como os débitos dos rios e ribeiros. Por toda a parte onde desapareceram as árvores, o solo empobreceu-se consideràvelmente e o deserto acabou por tomar o lugar das terras férteis.

Assim, na América do Norte, as florestas, cuja exploração fornece quantidades consideráveis de madeira para construção e pasta celulósica, são ainda mais importantes pela sua influência determinante na hidrografia do continente. Ali, como noutros países, plantam-se novas florestas, menos pelo que possam produzir em madeira, mas pelo seu papel protector, aumentando a fertilidade do solo e facilitando a cultura de terras vizinhas.

No decurso dos ultimos séculos, o homem procedeu, imprudentemente, ao corte excessivo das florestas deixando-as desaparecer. As árvores eram tão numerosas á superfície da terra que se chegou a pensar serem inesgotáveis. Assim se sumiram as enormes florestas da Europa e as unicas ainda existentes do tempo da povoação do continente e que se têm conservado intactas, são as das vastidões siberianas no hemisfério boreal, por estarem longe de todas as comunicações terrestres e marítimas. A história fornece inumeros exemplos das consequências desastrosas do desbaste indiscriminado das florestas. O Sahara, assim como outros desertos da Africa do Norte e do Próximo-Oriente, foram outrora terras providas de árvores, verdes e férteis. Dos famosos cedros do Libano poucos subsistem hoje. No Norte da India, ao longo do Djemna, desapareceu totalmente a histórica floresta dos sandalos, onde há quinhentos anos caçava o imperador Baber — actualmente, não é mais do que um vulgar deserto. A destruição das matas que cobriam certas regiões do Himalaia teve consequências nefastas, que se fazem sentir a muitas centenas de quilómetros de distancia no clima de vários países que as montanhas dominam.

A regeneração das matas

Actualmente, as superfícies de matas representam um quinto do conjunto das terras na Asia, um terço na América do Norte, menos de um terço na Europa e na Africa. As florestas estão repartidas, na Asia, de maneira muito desigual, o que explica, em parte, o nível de vida pouco elevado das suas populações.

Os países do Extremo-Oriente dispõem de recursos florestais suficientes, mas no Próximo-Oriente, China, India e Paquistão há milhares de quilómetros quadrados desprovidos de florestas.

No século passado, quase todos os países começaram a compreender que era um erro perigoso submeter as matas a uma exploração desastrada e cortá-las indiscriminadamente. E é curiiso saber-se que, em todo o Mundo, se abate hoje mais madeira e lenha do que em qualquer outra época, mas a maior parte das nações adoptaram métodos racionais de silvicultura, cujo duplo objectivo é conseguir o aumento do rendimento por hectare dos produtos florestais, assegurando a conservação das florestas. Para isso, regeneram-nas e fazem-se novas plantações.

Depois da ultima guerra, a O. N. U. criou um organismo destinado á agricultura e seus complexos problemas marginais — a F. A. O. Em 1947-48, a F. A. O. levou a cabo o primeiro inquérito sobre os recursos florestais no Mundo. Este trabalho tem sido realizado de quatro em quatro anos, tirando-se conclusões e indicando-se normas para a sua exploração. Ensinamentos recolhidos por inumeros técnicos e cientistas são fornecidos a todos os países.

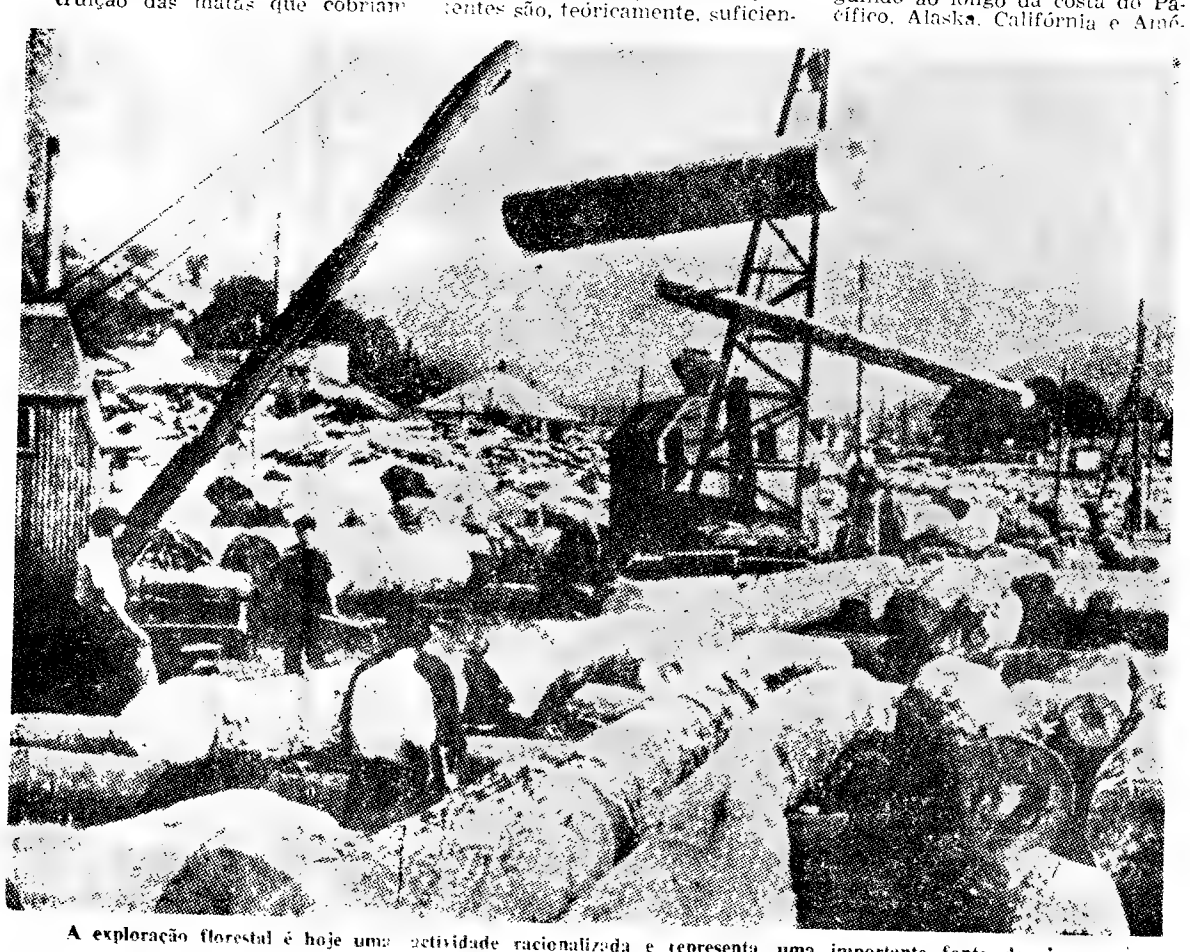
Verificou-se que trinta por cento das terras do globo têm matas, mas apenas um terço é explorado. O ultimo inquérito da F. A. O. demonstrou que as florestas existentes são, teòricamente, suficientes para fornecer, com abundancia e de maneira regular, os produtos florestais necessários á população mundial.

O abastecimento de madeira origina problemas em diversos países, porque as florestas estão repartidas irregularmente e, por outro lado, os países subdesenvolvidos, como os da Africa ou da América do Sul, não estão ainda em condições de explorar as suas importantes riquezas florestais. Assim, a Africa importa madeiras da Europa, onde a exploração florestal está relacionada, quando a verdade é que o continente africano possui uma superfície florestal, por habitante, maior do que o europeu.

A zona florestal do globo

Os bosques, que fornecem a contrução, as fábricas de papel, etc., são constituidos pelas coníferas de folha verde permanente e ocupam metade das florestas do Mundo. Estendem-se numa larga zona que principia no hemisfério Norte, passa á Russia (que possui metade das plantações coníferas de todo o mundo), segue pela Escandinávia, países bálticos, Escócia, prolonga-se para lá do Atlantico, atravessa o Canadá até ás Montanhas Rochosas, seguindo ao longo da costa do Pacífico, Alaska, California e América Central. Representa 90 por cento dos recursos mundiais de madeira resinosa. Espécies novas têm sido levadas de um continente para o outro. Mas, actualmente, é na América Latina que mais se tem detido a atenção dos técnicos silvicultores, tendo em vista as suas abundantes reservas florestais. Abrem-se estradas e caminhos de ferro, adoptam-se modernos processos de abate, de desramificação e transformação da madeira. Os países latino-americanos esforçam-se por fazer seguir a silvicultura pelo mesmo caminho de progresso técnico dos países mais avançados, tendo-se criado comissões regionais sob os auspícios da O. N. U. e Estados Unidos. Fundaram-se escolas florestais e a matéria foi incluida nos programas das Universidades do Chile, Venezuela, Colómbia e Uruguai.

Dentro de anos, a América do Sul fornecerá ao continente a madeira de que necessita, contribuindo largamente para o fornecimento das regiões longínquas e povoadas, que são desprovidas destas preciosas riquezas. Nenhuma outra região do Mundo oferece mais vastas possibilidades para o desenvolvimento da silvicultura até ao fim deste século.



A exploração florestal é hoje uma actividade racionalizada e representa uma importante fonte de riqueza

(CONVERSA ÍNTIMA)

CONSULTA

Tenho um problema que bastante me preocupa e não me sinto com coragem para pedir conselho a uma pessoa de família; por isso peço á Telma que me dê a sua opinião.

Tenho 25 anos, e há tempos comecei a namorar um rapaz que se me apresentou como solteiro e pouco mais velho do que eu. Mas qual não foi o meu espanto, e o meu aborrecimento, quando vim a saber que ele era casado, embora não viva com a mulher há muitos anos, e a respeito de idade, é muito mais velho do que aquilo que me disse.

Quando soube que ele me tinha mentido, acabei com o namoro, mas ele continua a perseguir-me, e diz que procedeu assim pelo muito que gosta de mim.

Reconheço que ele tem bastantes qualidades, e é muito delicado, e eu gosto dele, mas receio que amanhã me surjam complicações. Estou nesta indecisão e sinto-me incapaz de resolver este assunto.

RESPOSTA

É possivel que ó rapaz em questão tenha procedido levianamente, mas sem má intenção, embora já tenha idade para saber como deve conduzir-se. Parece-me prudente a minha amiga procurar saber com segurança quem é ele e o que se passou com a mulher. Quem lhe garante que ele não continua mentindo?

Uma vez que tem receio das complicações que possam surgir, e da recção da sua família, em face de tudo o que me conta, o melhor para si seria manter a sua decisão e não recomeçar o namoro.

Não lhe faltarão pretendentes de idade mais aproximada da sua, livres e sinceros.

Também me parece que o seu «amor» por ele, é mais uma necessidade de amar do que próprio amor.

Assim, a minha opinião é que persista na resolução que tomou, e não dê mais ouvidos a um homem que não é livre, e não hesitou em mentir-lhe, iludindo a sua confiança.

●

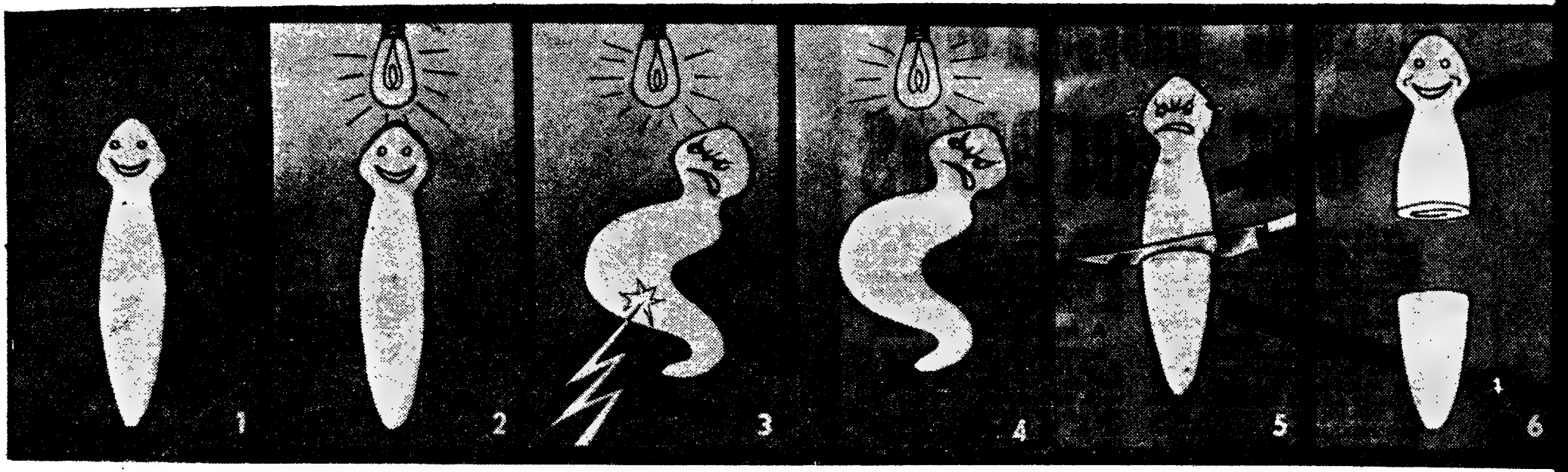
JULIANA — Se ele se mostra preocupado, restitua-lhe quanto possível a tranquilidade, não tanto por meio de palavras, mas principalmente pela sua atitude, pelo tom da voz e até pelo olhar... Deixe-o supor, á medida que a boa disposição volta, que essa vitória espiritual não é obra sua, que foi ele mesmo quem encontrou a força para se dominar.

E, quando ele disse: — «Deixa lá os teus afazeres, fica ao pé de mim este serão!» —, sorria-lhe, feliz, e, por muito que tenha a fazer, obedeça. É preciso saber, de quando em quando, perfumar a vida de sonho...

TELMA

UMA LIÇÃO BEM APRENDIDA

NÃO PRECISA DE CÉREBRO PARA SOBREVIVER



Aqui vemos, esquematizadas, as experiências do professor Mac Connell, da Universidade de Michigan. Normalmente, um neoblaste não reage á luz (fig. 1 e 2). Pode, contudo, provocar-se-lhe um reflexxo condicionado, associando a luz a um choque eléctrico (fig. 3). Ao fim de um certo numero de experiências, o verme associa a luz ao choque eléctrico e contorce-se quando a lâmpada se acende, embora não haja choque eléctrico (fig. 4). Corta-se, então, o neoblaste ao meio (fig. 5 e 6). Mas este verme marinho tem o poder de se regenerar e, quer a parte da cabeça (fig. 7), quer a parte da cauda (fig. 8), virão a dar um novo animal completo. E chega-se, então, ao ponto culminante da experiência: submetem-se os vermes regenerados á luz da lâmpada. O que resultou da parte da cabeça contorce-se (fig. 9), o que nada tem de extraordinário, pois conservou o cérebro que aprendeu a lição. Mas o animal que proveio da regeneração da cauda também se contorce (fig. 10), apesar de possuir um cérebro reconstituido e que deveria estar virgem de «recordações». De qualquer modo, a recordação registada pelo cérebro do verme-mãe transmitiu-se ao verme-filho

CAEM POR TERRA AS TEORIAS DA MEMÓRIA

No ultimo congresso de biologia de Madrid, o professor Pierre Grassé, da Academia das Ciências e director do Laboratório da Evolução de Seres Organizados, de Paris, exprimiu claramente as duvidas e incertezas da biologia moderna ante o problema da evolução: «Temos pessoalmente a convicção profunda de que a nossa ignorancia dos factores evolutivos reais é grande, e que até os mecanismos de importancia capital nos escapam, ainda».

Esta confusão é a causa de uma extrema desconfiança da parte dos biólogos perante novas experiências que tentam trazer soluções para estes problemas. E com manifesta reserva que acolherão as observações feitas por jovens investigadores da Universidade de Michigan, Estados Unidos, sobre os «efeitos da regeneração da memória» do reflexo condicionado a partir de experiências com os neoblastes.

A conclusão destas interessantes experiências pode ser assim resumida: um reflexo condicionado, adquirido por estes vermes, transmite-se aos seus descendentes obtidos por reprodução assexuada, a partir de um fragmento do corpo não contendo o cérebro.

Eis, exactamente, como se passa a experiência: o neoblaste («planaire») é um verme chato, de 10 a 24 milímetros de comprimento, identificável pela ausência total de segmentação exterior do corpo, coberto de silos vibráteis e sem aneis. Sob o ponto de vista de evolução, é particularmente significativo, pela sua grande capacidade de regeneração; cada um dos fragmentos de um neoblaste, cortado em seis, dá origem a um novo verme.

Estas duas fotos foram obtidas na Universidade de Michigan. Na foto de baixo vê-se o neoblaste em repouso. Na foto de cima aparece-nos o verme contorcido depois de sofrer o choque eléctrico. Em ambas as fotos, o verme foi ampliado dez vezes

Capturados alguns dias antes da experiência, quinze neoblastes marinhos foram colocados em pequenos aquários de «pyrex», contendo 20 centímetros cubicos de água salgada a 22°. Em cada um destes aquários foram colocados uma lampada de 100 W e um dispositivo eléctrico permitindo fazer passar uma descarga na água.

A luz da lampada, antecedendo dois segundos a descarga eléctrica, determinava, após um numero variável de repetições, a reacção antecipada do verme ao estímulo eléctrico. O reflexo condicionado estava adquirido.

Rápidamente, o verme tinha aprendido a reconhecer na luz o sinal anunciador da descarga eléctrica, e logo que a lampada se acendia o animal começava a contorcer-se.

E' conhecida a experiência de Pavlov, que provocava a salivação de um cão, pelo som de um sino anunciador da refeição.

Aqui, a luz desempenha o lugar do sino e a descarga eléctrica o da refeição.

Os autores da experiência puderam assim verificar que eram necessárias, em média, 134 operações para que este reflexo fosse verdadeiramente adquirido (o reflexo condicionado só era considerado adquirido quando o verme, estimulado unicamente pela luz, se enrolava 23 vezes em 25).

Depois, colocando os vermes sobre papel de filtro que, ao absorver a água os imobilizava, com a ponta do bisturi cortaram-os em duas partes. Cabeças e caudas, ao fim de quatro semanas, regeneravam-se em aquários separados, transformando-se, de novo, em animais completos.

Utilizando os neoblastes regenerados, repetiu-se a experiência. Qual não foi a surpresa dos investigadores ao verificarem que, tanto a «cauda» como a «cabeça» haviam conservado o reflexo condicionado. Alguns desses vermes regenerados reagiam á primeira vez. Mas, em média, os que provinham da cabeça, ao fim de 40 operações, e os que provinham da cauda, ao fim de 43 vezes.

Ao fim de todo o processo de regeneração eles haviam conservado, de qualquer modo, a «recordação» latente das primeiras experiências. Foi por intermédio do sistema nervoso do verme que se transmitiu a «recordação» (falar de «recordação» ou de «memória» a propósito destes animais é asneira, mas é necessário tornar compreensível estes processos fisiológicos).

O sistema nervoso destes vermes é extremamente rudimentar mas já completo, pois consiste num pequeno cérebro, formado por dois gânglios cerebrais, de onde partem para a cauda dois longos nervos longitudinais munidos de ramificações transversais. Dois nervos curtos ligam o cérebro aos olhos, os quais, embora não formando imagem, são sensíveis á mudança de iluminação.

Há, portanto, nos neoblastes o começo de um sistema nervoso central bem definido, e é na cabeça que se encontra a origem das sensações nervosas. Experiências anteriores haviam estabelecido que a cabeça era indispensável para a aquisição de reflexos, nestes vermes. Mas a experiência do laboratório de psicologia da Universidade de Michigan traz um elemento novo, mostrando que a cabeça já não é essencial á conservação dos reflexos condicionados.

Hereditariedade de caracteres adquiridos: Lamarck teria razão?

E esta conclusão fazia surgir uma série de problemas importantes: a) Como pode a cauda, separada, reter o reflexo? b) A parte da cauda, tendo regenerado uma nova parte cefálica, incluindo olhos e gânglios cefálicos, como lhes pode transmitir esta «memória»?

A recuperação do reflexo condicionado (muito rápida, pois que

dois anim
tir da cau
imediata
mulo lum
vamente,
bora virg
teste inic

Estas
solvidas.
lan Jacob
tencionam
riências,
de conclu
hereditari
quiridos,
regenera
res — co
Théodore
cias natu
blastes —
gias com
vimento
despertam
briologist

As célu
tes verm
las emb
num esta

A permeabilid
pode explic
e certas doe

Um especialista berlinense de doenças do estômago e dos intestinos, o dr. Volkheimer, verificou, após uma série de experiências, a permeabilidade das paredes dos intestinos, quer no homem, quer nos diferentes animais. Os resultados destes trabalhos de investigação foram recentemente divulgados na Alemanha Ocidental e admite-se que tragam inesperadas e importantes consequências para a sua aplicação á medicina prática.

Até agora, segundo a opinião geralmente admitida, os alimentos eram absorvidos do seguinte modo: trituração dos alimentos na boca, dissolução no ácido gástrico sob o efeito de pepsinas e passagem para as vias sanguíneas e linfáticas pelas paredes dos intestinos. Não se admitira, ainda, a possibilidade de passarem também para o sangue particulas da alimentação que não tivessem sofrido alterações químicas.

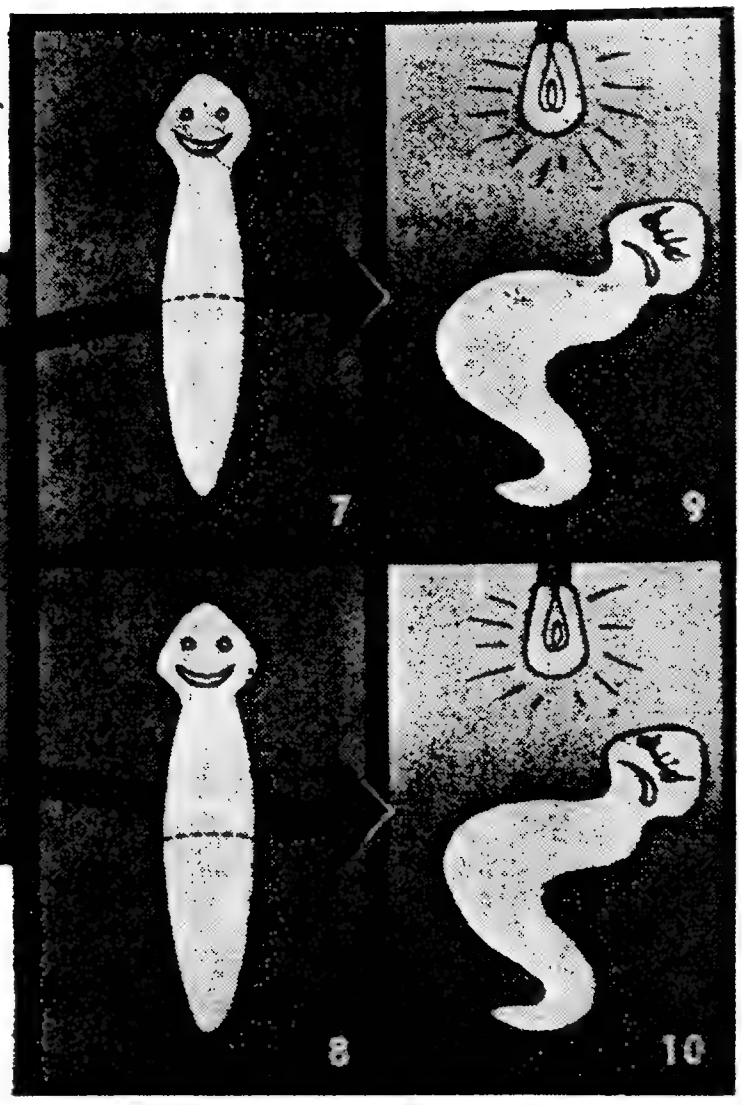
Ora foi precisamente sobre este ponto que incidiu o trabalho de investigação do dr.

**Volkhei
mentar
e depoi
de bata
na ulti
riência,
livinilo.**

**Estas
nistrada
e a in
exacte
do-alim
des c
mais. D
les de
sou, se
pelas p
sando
pelas v
po hum
mais, p
ficações
rio nos
tando
sendo,
com a
da tra
modo,
sistema
tos que
activid**

Os

DA
VER



anell, da Unluz (fig. 1 associando ro de expee quando a ta-se, então, o poder de ada (fig. 8), anto culmila lâmpada. ada tem de as o animal 10), apesar le «recorda- verme-mão

io de psicoe de Michio novo, mas já não é esdos reflexos

le caracte- Lamarck o?

fazia surgir emas impor- de a cauda, flexo? b) A regenerado lica, incluincefálicos, cotir esta «me-

reflexo conida, pois que

dois animais regenerados a partir da cauda deram uma resposta imediata e total ao simples estímulo luminoso) significa, efectivamente, que o novo cérebro, embora virgem, possui vestígios do teste inicial.

Estas perguntas não estão resolvidas. James Mac Connell, Allan Jacobson e Daniel Kimble tencionam prosseguir estas experiências. A prudência impede-os de concluir, prematuramente, a hereditariedade dos caracteres adquiridos, mas os «fenómenos de regeneração dos animais inferiores — como afirmava, em 1952, Théodore Lender, doutor em ciências naturais, a propósito dos neoblastes — oferecem muitas analogias com o processo de desenvolvimento embrionário, pelo que despertam a curiosidade dos embriologistas.

As células de regeneração destes vermes são verdadeiras células embrionárias, armazenadas num estado precoce, em que a sua potencialidade germinal está ainda intacta.

Por isso, não deve pôr-se de parte a ideia de que as experiências de Michigan possam provar a hereditariedade dos caracteres adquiridos e dar a Lamark novos discípulos, se não tão fervorosos como os que ele teve ao princípio, pelo menos mais realistas.

Sabe-se, efectivamente, que certos destes discípulos, como o grande crítico literário Sainte-Beuve, acreditavam herdar dos pais a sua vocação literária ou científica.

A necessidade cria ou modifica o órgão, dizia Lamarck, e dos cinco dedos do cavalo, quatro atrofiaram-se para permitir ao quinto formar o casco necessário á rapidez das suas correrias pelas pradarias. Como é que esta modificação, esta inovação, se transmitiu aos descendentes?

O problema continua por solucionar.

meabilidade dos intestinos

ode explicar as alergias certas doenças reumáticas?

sta berlinense estômago e dos r. Volkheimer, uma série de permeabilidade dos intestinos, quer nos dia. Os resultalhos de investrecentemente Alemanha Ocide-se que tras e importanas para a sua dicina prática. egundo a opie admitida, os m absorvidos do: trituração a boca, dissoo gástrico sob inas e passalas sanguíneas as paredes dos se admitira, lidade de pasara o sangue imentação que ofrido alteraisamente sobre incidiu o tradigação do dr.

Volkheimer. Começou por alimentar porcos, cabras e cães, e depois homens, com fécula de batata, amido de milho e, na ultima fase de cada experiência, com granulos de polivinilo.

Estas substancias foram ministradas com água ou leite e a investigação do caminho exacto tomado por estes pseudo-alimentos levou a resultados considerados sensacionais. De um bilião de granulos de amido, uma parte passou, sem qualquer alteração, pelas paredes intestinais, passando pelas vias linfáticas e pelas vias sanguíneas do corpo humano ou de outros animais, penetrando pelas ramificações do sistema circulatório nos próprios tecidos, voltando para a via sanguínea e sendo, por fim, eliminado com a urina ou com o muco da traqueia. E assim, deste modo, passaram por todo o sistema circulatório fermentos que não perderam a sua actividade.

Os trabalhos do dr. Volkheimer inauguraram uma nova fase da investigação e as revistas médicas já se debruçaram, com o maior interesse, sobre o caso. Um dos especialistas mais prestigiosos, o dr. Kuhne, aponta as seguintes possibilidades:

Uma corrente de granulos não digeridos que atravesse os tecidos sensíveis do organismo pode ter o efeito de «areia numa engrenagem» e ser a causa de várias doenças reumáticas. É ainda possível que os factos investigados pelo dr. Volkheimer sejam a explicação de certas alergias. Granulos de substancias alimentares no sangue e nos tecidos poderiam ser a origem de reacções de hipersensibilidade.

O numero de granulos não digeridos é consideràvelmente maior em pessoas superalimentadas do que em pessoas normais. Este resultado complementar dos estudos do dr. Volkheimer levanta, sob um aspecto completamente novo, o alarme sobre os perigos de erros na alimentação.

23 MILHÕES DE PASSAGEIROS

PASSARÃO NO ANO DE 1970 PELO AEROPORTO DE LOS ANGELES

Estamos na era do jacto e os americanos pensam que o desenvolvimento da aviação comercial será cada vez maior. Isto explica que em Los Angeles esteja a ser construído um aeroporto monumental, cujo custo está calculado em 2 milhões de contos!

O novo aeroporto internacional, que resulta da ampliação do anterior, é uma verdadeira superestação aérea, que se compõe actualmente de seis aerogares diferentes já em funcionamento, cada uma das quais com o seu edifício próprio de dois andares: o superior para escritórios e o inferior para despacho de mercadorias, venda de bilhetes, salas de espera, transito de viajantes, café, restaurante e dormitório.

As aerogares, pertencentes a uma ou várias companhias, possuem por sua vez uma construção adicional chamada «satélite», com idênticos serviços da principal, com a qual comunicam por meio de passagens subterraneas.

Tanto na aerogare como no «satélite», os passageiros embarcam e desembarcam dos aviões por meio de escadas totalmente cobertas. Cada uma das aerogares (que virão a ser treze, ao todo), podem receber dez jactos simultaneamente e, no futuro, poderão fácilmente duplicar a sua capacidade, apenas com ligeiras obras, aliás já previstas.

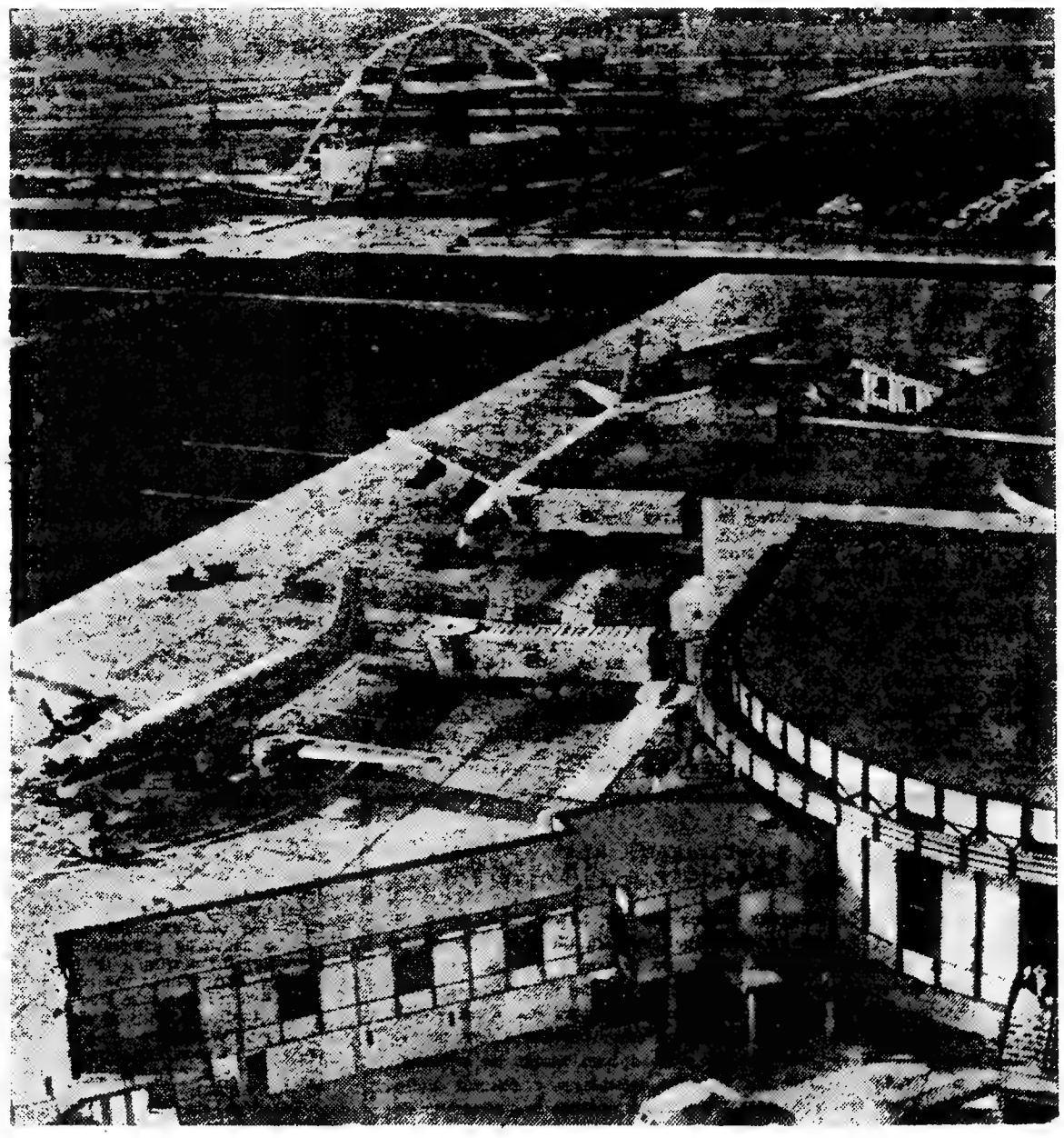
O parque de estacionamento tem capacidade para 5000 automóveis, mas poderá ser duplicada com a construção de outro piso. Junto deste enorme parque ficam, de um lado, a torre de «contrôle» e as instalações de radar; do outro, o «Theme Building», gigantesca construção de aço e de cristal. Em cima fica um terraço de observação; por baixo deste um restaurante para 300 comensais, do qual se divisa todo o aeroporto e o Oceano Pacífico; ao nível do solo, escritórios, cozinha, refeitório para empregados, barbearia, loja de flores e uma sucursal do Banco da América.

É digna de destacar-se a concepção que presidiu ao projecto: descentralização á base de estruturas ligeiras, luminosas e abertas, a condizer com o estilo arquitectónico californiano.

Muitas empresas cujos aviões não chegam a Los Angeles têm ali escritórios, para facilitar aos viajantes passagens e ligações para os seus voos. Isso acontece, por exemplo, com a «Iberia», cujos aviões chegam apenas a Nova York.

Espera-se que o rendimento deste gigantesco aeroporto, concebido na «era do jacto», cubra todas as despesas. Segundo os cálculos, julga-se que o aeroporto de Los Angeles, em 1970, registará um movimento de 23 milhões de passageiros.

As fotos que inserimos dão-nos alguns aspectos do novo aeroporto de Los Angeles, em que se destacam o edifício da administração e respectiva torre de «contrôle»; o «Theme Building», edifício de aço e cristal de arrojada concepção; e um pormenor de uma aerogare, ligada aos aviões pelas escadas cobertas, para entrada e saída directa de passageiros.



Dois aspectos do novo aeroporto

Açúcar mais doce

obtido de uma «superbeterraba» produzida pela radioactividade

ESTUDOS, pesquisas e experiências em conjunto nos domínios da botânica e da física nuclear com o objectivo de dominar, ou forçar, a Natureza, para servir as crescentes necessidades humanas, vão provocar uma autêntica revolução na produção de açucar, estimulada por efeito de um reactor nuclear.

Explica-se o que é o açucar: substancia doce, extraída da cana, planta gramínea; da beterraba, planta bisanual, de grossa e carnuda raiz, além de outras plantas; da sacarina, pó branco, extraordinàriamente doce, proveniente do alcatrão da hulha; e de algumas secreções animais. O açucar de origem vegetal resulta de singulares transformações no laboratório da Natureza:

«As plantas têm a faculdade de adquirir a energia do Sol, transformando-a em açucar por um processo chamado fotossíntese (que significa construir com luz). O açucar com que se adoça o chá e o café e o icing-sugar que ornamenta a pastelaria, nada mais são do que luz solar cristalizada, produzida nas plantações de açucar».

As principais plantações são da chamada cana-de-açucar, cujas variedades, constantemente apuradas, e outras novas, que se desenvolvem mediante sucessivos e prolongados ensaios, requerem solos ricos e preparados, favorecidos pelos climas tropicais. São, também, importantes as culturas de beterraba, oscilando a produção mundial entre 50 e 90 milhões de quintais. Desenvolve-se largamente nas paragens de climas temperados e pluviosos e mesmo em regiões de baixas temperaturas.

Na Dinamarca, por exemplo, é volumosa a produção de beterraba e as fábricas de açucar ocupam um sector importante na industria do país. Ali se executam as referidas tarefas científicas que se destinam a produzir, sob os estímulos da radiação nuclear, uma nova espécie de beterraba, de elevado teor açucarado e em larga quantidade, pela cultura simplificada e económica, inteiramente mecanizada.

A Ciência produz a «superbeterraba»

Esses trabalhos científicos, com o assinalado objectivo de «obrigar a Natureza a satisfazer as exigências humanas» e o propósito imediato de racionalizar e facilitar certos aspectos da mecanização do cultivo da beterraba para a produção de açucar, decorrem nos laboratórios instalados na ilha de Lolland, ao Sul da Dinamarca. Ali vêm procedendo a pesquisas e experiências investigadores e técnicos especializados ao serviço da organização «De Danske Sukkerfabriker», os quais esperam conseguir, dentro de poucos anos, um notável melhoramento da famosa variedade de beterraba «Maribo P», transformando-a de modo a submetê-la a determinadas «especificações» que permitam o seu cultivo totalmente mecanizado.

Segundo o técnico da Estação Experimental «Maribo», dr. Erik Andersen, procuram ali produzir «uma espérie ce beterraba açucarada com menos *cabeça*, mais raiz, maior conteudo de açucar e tamanho uniforme, que torne possível a colheita mecanica, mais prática, abreviada e económica, pois uma tal *superbeterraba* eliminará, entre outros, dispêndios, a necessidade de elevado numero de trabalhadores na época da colheita, e consequentemente uma baixa sensível no custo da produção».

As experiências, após aturados estudos e constantes investigações, na «Granja Maribo» deram em resultado o apuramento da variedade de beterraba «Maribo P», de grande rendimento, tipo «polipoloide», em quantidades que permitem a exportação para vários países de espécies destinadas á produção açucareira (e também de forraginosas), já hoje muito apreciadas, em vista do elevado conteudo açucarado e pureza do suco, pelos cultivadores cada vez em maior numero.

O aperfeiçoamento da qualidade de beterraba produzida na Dinamarca reflecte-se já nas ultimas colheitas. Na campanha do ano findo, o fornecimento total para as fábricas de açucar do país atingiu 1 158 000 toneladas contra 1 849 000 em 1960. Em compensação da diferença na quantidade, assinala-se que o conteudo de açucar na beterraba foi maior, na proporção de 16,93 por cento, em média, relativamente a 16,46 em 1960. Calculada a produção total de açucar, no ano findo, em cerca de 195 000 toneladas, e atingindo o consumo entre 250 000 a 260 000 toneladas, será utilizada, antes da campanha de 1962, metade do excedente do ano passado.

Efeitos prodigiosos da radioactividade

Para a obtenção do novo tipo de *superbeterraba*, que se reproduzirá e será cultivada e colhida por processos inteiramente mecanicos, aplicam os cientistas nos trabalhos de laboratório as radiações nucleares.

O tratamento a que são submetidos os nucleos germinativos pelos raios «Gamma» — segundo revela o dr. Andersen — pode provocar uma mutação valiosíssima pelo refinamento das qualidades que lhe são correlativas.

Desde o ano de 1959 que os técnicos e especialistas empenhados nestas importantes tarefas têm trabalhado em estreita colaboração com os cientistas da Comissão Dinamarquesa da Energia Atómica; e na Primavera passada empreenderam as primeiras culturas nas terras da «Granja Maribo» com sementes tratadas pelos raios «Gamma». Embora ainda seja cedo para se chegar a uma conclusão sobre os ensaios efectuados, o dr. Andersen mostra-se optimista quanto aos êxitos previstos.

Obedecendo a um sistema de completa mecanização, as sementes são acamadas na terra a distancias calculadas e convenientemente separadas, o que desde logo torna desnecessário o trabalho, até agora indispensável, de arrancar algumas fileiras de tenras plantas. O «desyerbe» será também eliminado por meio de venenos selectivos, os quais, destruindo as ervas daninhas, não afectarão a beterraba, cujas raízes serão sensívelmente do mesmo tamanho, devendo crescer à plantação á mesma altura.

Assim, por meio desta coordenação de trabalhos científicos, se procura aumentar a produção de açucar — melhor e mais doce.

Trabalhos de pesquisa nos laboratórios da Estação Experimental «Maribo», que fazem parte do intenso labor diário na execução das tarefas científicas para a produção de açucar, melhor e mais doce

UMA «PEÇA»

que o espírito de Shaw pregou a uma inglesa

Uma inglesa, a senhora Patrícia Joudrey, de 39 anos, casada e mãe de três filhos, diz estar a receber mensagens de alto valor literário que célebres escritores já na eternidade lhe ditam e ela passa ao papel quando entra em transe.

«Todas as noites — disse o marido aos jornalistas —, organizamos em nossa casa uma sessão de espiritismo, na presença da família. Numa delas, minha mulher recebeu o espírito de Bernard Shaw, que lhe ditou uma peça de teatro completa. Depois, foi preciso passá-la á máquina, fazer cópias, a revisão, etc. Tudo isso custou dinheiro; e pensámos, então, que poderíamos editar a peça para nos compensar dos gastos».

Parece não ter havido, contudo, em Inglaterra um editor interessado na publicação da peça. E então a senhora Patrícia Joudrey resolveu propor o «formidável negócio» ao genro de Kruchtchev, que é, como se sabe, o director do jornal «Izvestia».

O jornalista russo leu a cópia da peça e respondeu que «aquela coisa» consistia «numa desagradável tentativa da senhora Joudrey para ganhar algum dinheiro, perturbando o repouso de Shaw na inefável serenidade do além».

SEMEAR LEGUMES NA NEVE

Um grupo de cientistas trabalhando na Academia Agrícola de Timiriaziev, na Russia, descobriu uma maneira especial de tratar as sementes de leguminosas de modo que possam resistir ao rigor do Inverno. Os grãos são mergulhados numa solução de adubos minerais e organicos, que os recobre duma camada porosa que deixa passar o ar e a água. Deste modo, é possível semeá-los não na Primavera, mas no fim do Outono. Quando volta o bom tempo, as sementes, há tanto tempo mergulhadas na neve, germinam e crescem muito depressa. Com este tratamento foi possível verificar um acréscimo de 30 a 50 por cento na produção de couves, cebolas e outros legumes.

OS JUDEUS DE TODO O MUNDO não constituem uma raça

Os judeus não constituem uma raça, e os pretensos caracteres que os distinguem dos outros povos entre os quais vivem, não resistem a uma análise científica séria. Tal é a conclusão a que chegou o prof. Harry Shapiro, director do departamento de antropologia do Museu de História Natural da Nova York, numa obra que a U. N. E. S. C. O. publicou na sua série «A questão racial perante a ciência moderna».

Os traços que se diz serem-lhes característicos, como os cabelos ondulados, os olhos pretos, o nariz aquilino, não são comuns aos judeus que vivem nas diferentes partes do Mundo. Os judeus tendem a parecer-se mais com os que os rodeiam do que com qualquer estereotipo geral de judeu. Assim, 14 a 20 por cento dos judeus originários da Europa Oriental têm os olhos azuis, mas esta cor não se encontra nos que habitam o Iraque a não ser numa percentagem de 2 por cento. Os que vivem nas margens mediterranicas têm os cabelos encaracolados, mas há-os de cabelo liso nos países nórdicos, na Asia e na América.

Os estudos mais recentes sobre as raças dão especial importancia ao factores sanguíneos. Shapiro verificou que a divisão dos grupos sanguíneos entre os judeus é a mesma que nos não judeus. Assim, o sangue do grupo B é relativamente raro na Europa — 10 por cento no máximo — mas frequente na Asia (30 a 40 por cento).

Também no que respeita aos judeus europeus e asiáticos se constatam resultados semelhantes. Estas comparações provam que não é possível reunir as condições fundamentais que permitam afirmar que os judeus constituem um grupo racial, pelo menos segundo as normas tradicionais de classificação racial. As diversas comunidades judaicas diferem umas das outras de maneira tão significativa que não podem considerar-se como formando uma raça unica.

História biológica de um povo com 4 000 anos

Os judeus existem como povo desde há 4000 anos. A sua história biológica vai, no entanto, até á velha Mesopotamia, que Shapiro considera como o berço originário dos judeus, e á Terra de Canaã. Antes de se estabelecerem na Terra da Promissão, não tinham o espírito de separação e ligavam-se, por casamento, com os povos estrangeiros. A própria Bíblia fala das mulheres não judias do patriarca Abrão. Assim, o casamento era admitido não só entre judeus e cananeus, como entre aqueles e outros povos: os filisteus, por exemplo, como o testemunha a célebre união de Sansão e Dalila.

Antes mesmo da Diáspora (dispersão), que se situa tradicionalmente no momento da destruição de Jerusalém pelos romanos, os judeus praticavam a heterogamia. Depois, vieram os 2000 anos de vida errante, durante a qual se espalharam por toda a Terra, assimilando-se, quando as condições eram favoráveis, aos habitantes dos países que os acolhiam. Verificou-se que as comunidades judaicas em França e na Itália diminuiram quando a população geral aumentou, precisamente em virtude daquele fenómeno de assimilação.

Um novo capítulo

Apesar desta absorção biológica, os judeus continuaram a ser um povo. Esta contradição aparente explica-se por factores de ordem religiosa e, sobretudo, cultural. Antes da Era Cristã, os judeus estavam diferenciados dos outros povos pelo seu monoteísmo. Mais tarde, a prática da religião favoreceu o desenvolvimento do que pode chamar-se a «subcultura», que os preservou.

As perseguições, por outro lado, iam ao encontro da finalidade que se pretendia reforçando a coesão do grupo. As comunidades judaicas desfaziam-se, muitas vezes, quando a atmosfera era tolerante, mas uniam-se logo que se sentiam ameaçadas.

Enfim, a dispersão do judeu contribuiu para preservar a sua identidade. Por outro lado, o facto de se encontrarem espalhados pelos quatro cantos do Globo, constituia uma forma de segurança e sobrevivência. Quando se viam ameaçados num país, procuravam condições mais favoráveis noutros.

Com a criação do Estado de Israel, o ciclo da Diáspora encontra-se fechado. Evidentemente que só uma pequena parte dos judeus de todo o Mundo reentra na sua pátria ancestral, mas ela é representativa de toda a gama das diferenciações que se produziram após a grande partida da Terra Prometida, há uns 2000 anos. De qualquer forma, assiste-se, com certeza, em Israel ao início de um novo capítulo na história biológica dos judeus.

REUMATISMOS...

Um dos maiores especialistas franceses afirmava há pouco que «os reumatismos não existem!...». Claro que, no fundo, esse especialista pretendia dizer — e com razão — que o nome genérico de *reumatismo* engloba uma gama extensa de doenças, com poucas características comuns, a não ser que se traduzem por dores classificadas como «reumatismais»... Na verdade, o uso da palavra *reumatismo* corresponde, sobretudo, a uma necessidade natural de definição, de delimitação. Trata-se de incluir no mesmo grupo certo numero de doenças que têm esta dupla característica: atacar de preferência as articulações, assim como os tendões e musculos que as rodeiam e possuirem uma causa ainda mal esclarecida.

Certas doenças das articulações têm uma origem conhecida: a tuberculose óssea é provocada pelo bacilo de Koch; a artrite gonocócica pelo gonococo, e até á gota ou artrite gotosa se sabe ser causada pelo depósito de ácido urico nas articulações. Para os especialistas, nenhuma destas afecções é um «reumatismo». O verdadeiro reumatismo, já que é preciso empregar esta palavra, divide-se em dois grandes grupos: *o dos reumatismos articulares* (quando a articulação óssea está afectada) e o dos *reumatismos não articulares* (quando são atacados, sobretudo, os musculos, os tendões e até o tecido subcutaneo).

*

Os reumatismos articulares são quase sempre mais de temer que os reumatismos não articulares e podem subdividir-se em dois tipos: reumatismos inflamatórios ou *artrites* e reumatismos degenerativos ou *artroses*. Para melhor compreendermos a diferença entre os dois tipos expliquemos sucintamente que uma articulação normal é constituída pelas extremidades de dois ossos que executam determinados movimentos, deslizando ou rodando uma sobre a outra.

No ponto de contacto articular, cada osso é revestido por uma zona especial, a *cartilagem*. As extremidades ósseas encontram-se reunidas pela chamada *cápsula articular*, atapetada no interior pela *membrana sinovial* que segrega uma espécie de lubrificante da articulação, o *líquido sinovial*. Muito grosseiramente, pode dizer-se que, nas *artrites*, tudo começa na membrana sinovial que se espessa, se congestiona e apresenta os sinais típicos de inflamação. Por isso a articulação incha e torna-se quase sempre vermelha, quente e dolorosa. As alterações da membrana sinovial podem estender-se ás cartilagens e até ás extremidades ósseas, provocando o bloqueio dos movimentos, ou seja, a *anquilose*. Na *artrose*, que atinge sobretudo indivíduos com mais de 50 anos, não há sinais de inflamação, predominando as dores e as deformações ósseas; com efeito verificam-se dois fenómenos simultaneos: a destruição das cartilagens articulares e o aparecimento de excrescências nos ossos, os «osteofitos», tendo como resultado a dor e o bloqueio dos movimentos (anquilose).

*

Entre os «reumatismos» não articulares podem incluir-se a *fibrosite* (quando é atacado o tecido fibroso que se encontra nos musculos e á volta das articulações), a *miosite* (quando é atacado o tecido fibroso dentro dos próprios musculos), a *bursite* (quando estão afectadas certas bolsas serosas que existem no corpo para «almofadar» zonas sujeitas a grande pressão ou atrito), a *tendinite* (inflamação de um tendão). O tão falado *lumbago* não é mais do que a fibrosite da região lombar. Quase todos estes «reumatismos» não articulares se caracterizam por dor e rigidez ou espasmo dos musculos, ou formações afins, atingidas. O próprio *torcicolo* e a *dorsalgia* das dactilógrafas (dor surda nas costas ao fim do dia que surge nas dactilógrafas, costureiras e outras que trabalham com as costas «curvadas») são considerados por muitos especialistas como pertencentes ao complexo grupo dos reumatismos extra-articulares.

*

Entre os reumatismos articulares inflamatórios ou *artrites*, há que destacar 4 doenças importantes ou frequentes:

1 — *O reumatismo articular agudo*, ou febre reumática, que ataca as crianças e os adolescentes, podendo ser fatal ou ter como consequência uma lesão grave das válvulas do coração (sobretudo a *estenose mitral*). Não se conhece ao certo o que provoca a febre reumática, mas sabe-se que, quase sempre, é precedida por uma infecção da garganta ou do nariz (frequentemente uma «angina») causada por um estreptococo.

2 — *A poliartrite crónica evolutiva* é, para muitos especialistas, a verdadeira *artrite reumatóide*. Ataca muito mais as mulheres do que os homens, aparecendo por vezes em vários membros de uma mesma família e começando entre os 25 e os 50 anos.

3 — *A espondilartrite anquilosante* (que muitos também consideram uma «artrite reumatoide») é, pelo contrário, mais frequente no sexo masculino, atacando sobretudo os homens jovens. Com especial preferência pela coluna vertebral, leva á «soldagem» das vértebras, com incapacidade de movimentar o tronco.

4 — As *periartrites*, de carácter benigno, não atingem o interior da articulação, mas sim o seu contorno. São frequentes nos desportistas ou nas pessoas que, pela sua profissão, impõem grandes esforços a certas articulações. Os jogadores de ténis, por exemplo, sofrem muitas vezes de uma periartrite do cotovelo (e do ombro e do pulso) que os ingleses designam por *tennis-elbow*. São artrites muito dolorosas, obrigando por vezes a imobilização, mas reagindo bem aos tratamentos adequados.

*

As *artroses* ou reumatismos articulares degenerativos, são ainda designadas em muitos países pelo termo impróprio de *osteo-artrites*. Parecem resultar de uma combinação do envelhecimento, da irritação das articulações e do seu desgaste normal, mas este conjunto não explica o aparecimento das excrescências ósseas que, no entanto, constituem um sinal bem típico das artroses (os famosos «bicos de papagaio», quando surgem na coluna vertebral...). Há artroses da anca (coxartrose), do joelho, das mãos, dos pés, do cotovelo e das vértebras. Os sintomas principais são a dor e a rigidez da articulação. Esta comporta-se como se estivesse «perra» e, ao usá-la, experimenta-se quase sempre dor.

Muitas artroses são favorecidas por determinadas profissões. Com efeito os traumatismos ou microtraumatismos, muito frequentes em determinados ofícios ou desportos, levam á degenerescência da articulação, isto é, á artrose.

Tal é o caso de certas artroses das mãos (dactilógrafas e pianistas), dos joelhos (futebolistas e ciclistas) e dos cotovelos (calceteiros, mineiros, carregadores).

Claro que fica *tudo* por dizer sobre os chamados «reumatismos» que já afligiam o homem das cavernas e ainda dão muito trabalho ao doente, ao médico e ao cientista. Nos ultimos anos tem-se tentado enfrentar corajosamente este conjunto de complexas doenças que ainda hoje atacam mais pessoas do que o cancro, a tuberculose e as doenças cardíacas todas somadas! Drogas revolucionárias, como a cortisona e seus derivados, a fenilbutazona e os antibióticos, auxiliadas por drogas clássicas mas eficazes, como os salicilatos, os compostos com iodo ou com enxofre, e os sais de ouro, ajudam a lutar contra a maior parte das *artrites* e das *artroses*.

A classificação e esquematização que citámos servirá um pouco para diminuir a confusão do leitor sobre «reumatismos», salientando-se desde já que nela a simplicidade sacrificou a perfeição. E esta, infelizmente, ainda não é completa no misterioso grupo das *doenças reumáticas*...

QUE PODEMOS COMER?

«Será saudável dar aos bebés purés de legumes enlatados»? Certamente. Estes purés são preparados cientificamente segundo os conhecimentos actuais da dietética. Conservam os elementos nutritivos indispensáveis, as vitaminas e os sais minerais de que a criança tem necessidade

*

«Os hepáticos podem consumir criação»? Tudo depende. Não convem que comam pato, ganso e peru. Permite-se a galinha e o pombo, cozidos, assados ou grelhados, mas não se deve comer a pele.

*

«À noite pode comer-se de tudo»? Muita gente leva bastante tempo a digerir as carnes e peixes gordos, os fritos, os pasteis de creme e as laranjas. Por isso é conveniente não incluí-los no jantar.

OS PRÓXIMOS 25 ANOS DA MEDICINA

São tão impressionantes os progressos da Medicina nos ultimos 25 anos, que certos especialistas se sentem autorizados a emitir previsões revolucionárias para os próximos 25 anos.

O dr. Michael De Bakey, cirurgião da Universidade Baylas (E. U. A.) acha que o problema de «expulsão» dos tecidos que tem sido o grande escolho dos enxertos de órgãos de uma pessoa para outra (até agora só possíveis entre gémeos verdadeiros), será resolvido, tornando-se possível a transplantação de órgãos completos.

Os avanços da tecnologia, paralelos aos progressos da biologia, reflectir-se-ão na Medicina do futuro. Calculadoras electrónicas, que já se utilizam em estudos do metabolismo humano, das infecções respiratórias, da actividade muscular e da circulação sanguínea, serão, também, empregadas no diagnóstico de imensas doenças.

O dr. Homes Warner, de Utah, é de opinião de que um «cérebro electrónico» poderá efectuar diagnósticos tão correctos como uma assembleia de famosos médicos. A calculadora electrónica avaliaria as probabilidades de se tratar de uma determinada doença, desde que lhe fosse apresentada uma combinação de diversos sintomas.

Talvez a mais ousada previsão é a de que os cientistas poderão decifrar o «código» dos genes, as estruturas microscópicas que determinam a hereditariedade. Este facto tornaria possível, não só vencer perto de 300 doenças de carácter hereditário, como, também, «dar outra disposição» aos ácidos nucleicos da célula, de modo a que os futuros seres humanos melhorassem física e intelectualmente!

Também em França se cultivam os jacintos, que são produzidos em extensos campos, como se pode verificar pela gravura que hoje publicamos

JARDINAGEM

CULTURA DOS JACINTOS

Plantam-se os jacintos na Primavera e de Outubro a Dezembro, em terra areenta e fresca, sem excesso de humidade. O melhor terreno para o cultivo desta planta é o que resulta da mistura de terra vegetal com uma pequena porção de terra franca. Haja o cuidado, em todos os casos, de não consentir a adição de adubo animal, principalmente de gado suino.

No seu livro «O jardim na sala», Duarte de Oliveira Junior oferece uma fórmula usada na época (1870) por um cultivador francês, que é a seguinte (por metro quadrado): superfosfato de cal, 40 gramas; nitrato de potassa (sal de nitro), 10 gramas; cloreto de sódio (sal de cozinha), 15 gramas; sulfato de cal (gesso), 5 gramas. Estas substancias espalham-se pulverizadas por igual numa terra mais siliciosa do que argilosa. Os resultados, segundo o autor, são notáveis: os jacintos singelos davam 50 a 90 flores, e os dobrados, 18 a 30, conforme a variedade plantada. A mistura daquelas substancias na terra deve ser feita na altura da cava e, segundo o referido cultivador, até 20 centímetros de profundidade, a fim de ficarem em contacto com as raízes.

Aos leitores que queiram experimentar este processo, aconselhamos a cultura em vasos, pois é mais fácil fazer a mistura na ocasião em que se enchem aqueles.

A exposição mais apropriada para a cultura dos jacintos é a mais abrigada dos ventos e soalheira, mas, quando se dispõem os bolbos na terra, é conveniente que fiquem privados da luz durante algum tempo, para que lancem raízes e demorem o desenvolvimento da parte aérea. Obtem-se, assim, boa inflorescência. A' medida que os gomos começam a desenvolver-se, é aconselhável trazê-los gradualmente para próximo da luz, regando-se, então, as plantas mais amiudadas vezes, pois, como se sabe, no período em que as folhas despontam e crescem, a absorção da humidade aumenta consideràvelmente. As regas devem, em todos os casos, ser dadas junto ao pé da planta e, de uma maneira geral, sempre parcimoniosas.

Usa-se também outro processo mais simples para a plantação dos jacintos: abrem-se em terra fresca pequenas covas com dez centímetros de profundidade, e deita-se em cada uma delas areia muito fina, até ficarem as covas com oito a seis centímetros de fundo. Colocam-se, depois, as cebolas nas camas assim feitas e polvilham-se em seguida com algumas pitadas da mesma areia, e só depois se tapam as covas com terra. As cebolas devem ser colocadas a menos de quinze centímetros uma das outras.

Nas plantações outonais, é conveniente cobrir as camas com resguardos, por exemplo, palha cortada, para que o frio não atinja os bolbos. Logo que a planta emerge, retira-se o resguardo preventivo.

Também se tenta a reprodução de jacintos por semente, mas este processo de multiplicação é, geralmente, utilizado apenas com o propósito de obter castas novas. Exige, porém, cuidados incalculáveis, que o resultado, na maior parte das vezes, não compensa.

Voltaremos ainda a falar da cultura dos jacintos, que bem merecem o interesse e os desvelos dos amadores de jardinagem.

Mais cinco dos milhentos Stradivarius

Na casa que foi do violinista inglês Herman Idle, falecido há meses com oitenta e nove anos, no condado de Pembrokeshin, encontraram 116 violinos, cinco dos quais se diz terem a marca do famoso Stradivarius. A ser assim, valem esses instrumentos uma fabulosa fortuna, pois, em 1959, um dos autênticos, feitos pelo célebre fabricante italiano, foi adquirido em Londres por 8190 libras.

Empregando um mágico segredo, que parece consistir numa resina especial da qual a madeira se embebia para dar aos violinos o som inimitável e jamais reproduzido, Stradivarius fez por suas mãos na célebre oficina de Cremona mais de mil instrumentos de corda, conhecendo-se o paradeiro de 550 rabecas, 50 violoncelos e 12 violas.

Entre os restantes ignorados (612) se incluem os milhentos violinos que, de quando em quando e por toda a parte, aparecem como autênticos de Stradivarius, para se descobrir depois não passarem de grosseiras mistificações.

Os cinco que pertenceram a Herman Idle já um perito lhe havia dito serem falsos. No entanto, trava-se renhida disputa em que entram os principais traficantes de «preciosidades artísticas», os quais se esforçam por legitimar os cinco violinos como sendo dos verdadeiros, fabricados por Stradivarius, para os transaccionarem a peso de oiro, com coleccionadores americanos.

XADREZ PARA TODOS

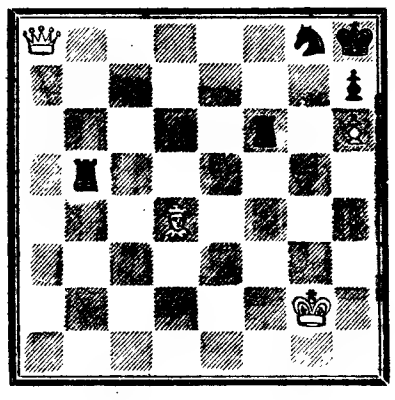
PEÇA INAMOVÍVEL

Sabem os leitores que uma partida de xadrez jogada entre praticantes de forças iguais é ganha, normalmente, por aquele que consegue no decorrer do jogo somar pequenas vantagens, quer materiais, quer posicionais. Na fase final, essas vantagens assumem, regra geral, importancia decisiva.

Uma vantagem — ou desvantagem, se somos nós que sofremos os seus efeitos — que importa considerar, é tornar **inamovível** uma peça do adversário. Quantas mais se imobilizarem, melhor é, claro está.

Peça inamovível representa um enfraquecimento para o bando que a possuir, e por isso mesmo, uma vantagem para o que a impúser ao adversário.

Observe-se o diagrama:



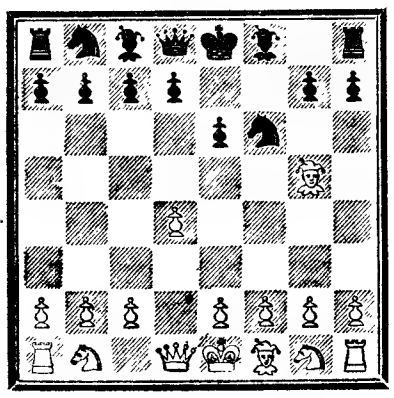
Há aqui duas peças negras **inamoviveis**: o Cavalo (imobilizado pela Dama) e a Torre (imobilizada pelo Bispo). Não se podem mover estas duas peças porque, em qualquer dos casos — como sabemos muito bem — o Rei negro ficaria em xeque, e a nenhum dos bandos é permitido, segundo as regras do jogo, pôr o seu próprio Rei em xeque.

Conclui-se, assim, que devemos evitar a todo o transe que as nossas peças caiam em situação tão catastrófica como é a que o diagrama reproduz.

Como é óbvio, só as peças de longo raio de acção — Damas, Torres e Bispos — podem provocar a imobilidade das peças inimigas.

A forma de evitar imobilidades fatais é garantir sempre a possibilidade de defender as peças colocadas em frente do Rei, com Peões, de preferência, ou com outras peças.

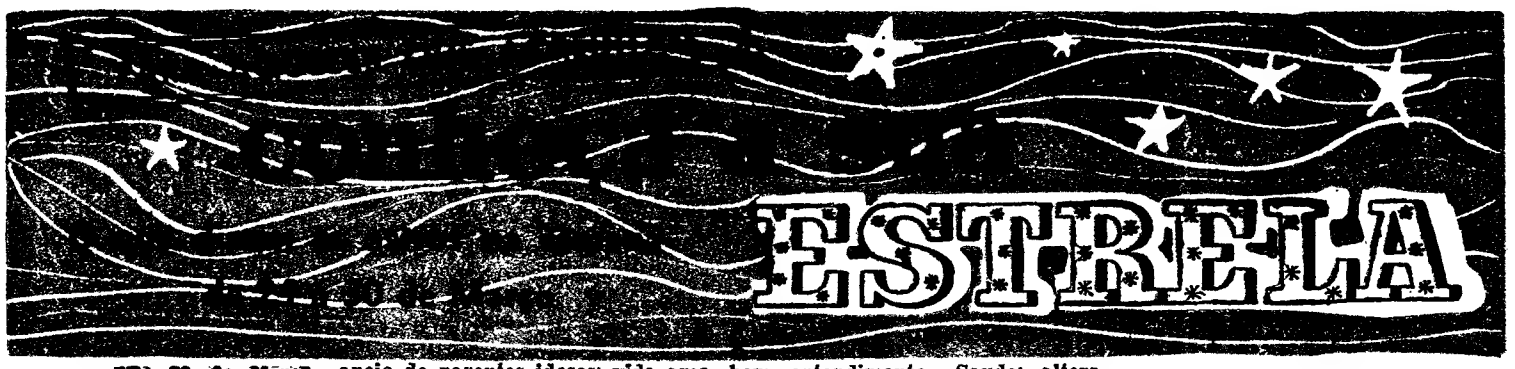
Há outros casos de imobilidade forçada que, embora não fatais, criam dificuldades difíceis de vencer ou fazem perder tempos preciosos. O mais vulgar é certamente este, que pode observar-se em partidas vulgares logo no segundo movimento das brancas:



o Cavalo não pode mover-se, a não ser que as negras descubram uma combinação vitoriosa que justifique o sacrifício da Dama, hipótese muito afastada nesta altura da partida. Neste caso do Cavalo, as consequências da imobilidade imposta pelo Bispo podem ser neutralizadas fácilmente, quer interpondo o Bispo negro, quer avançando o Peão h e depois o g, este duas casas num unico movimento.

Apresentaremos outros casos na próxima semana.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS



Carneiro *(De 21 de Março a 20 de Abril)*

A passagem da Lua na casa VIII acarretar-lhe-á algumas complicações em relação a herança. O aspecto é instável, sujeito a mudança subita nos dias 24 e 25. Temer as fraudes, prejuízos ou decepções por morte de parente. Vida sentimental: grande coragem diante dos obstáculos; a persistência ajuda-o a realizar os seus desejos. Saude: grande vitalidade, impressividade. Cuide da bexiga e dos rins. Orgãos femininos sensíveis. Dias desfavoráveis: 26 e 27.

Touro *(De 22 de Abril a 21 de Maio)*

Terá de fazer frente a hostilidades de pessoas importantes que procuram arruinar dissimuladamente os seus interesses e até a sua posição social. Terá de combater antagonismos e rivalidades. Vida sentimental: desgostos e atribulações em amores secretos. Impopularidade em associação; oposição publica. Saude frágil: vigie a circulação sanguinea; afecções digestivas devidas a toxinas; procure revigorar o organismo na entrada da Primavera. Dias desfavoráveis: 26 e 30.

Gémeos *(De 22 de Maio a 21 de Junho)*

Com a entrada de Jupiter na casa X a elevação social será favorecida e dignificada tanto na vida publica como familiar, com altas protecções. Vida próspera mas exigindo cultura do espírito e qualidades morais. Vida sentimental: posição conquistada por meio de lutas com rivais; casamento romanesco; ligações instáveis; hostilidade de parentes femininos. Complicações e mudanças imprevistas. Saude: linfatismo a combater, furunculose. Dias desfavoráveis: 26 e 30.

Caranguejo *(De 22 de Junho a 23 de Julho)*

Boa configuração para transacções, êxito e boa fortuna em geral. Grande prestígio social, se for optimista, de carácter aberto e sociável, espírito liberal e tolerante. Vida sentimental: é preciso que o sentido das responsabilidades não o iniba de gozar a vida amorosa. Deve ser mais demonstrativo e apaixonado com o cônjuge. Saude: faça exercícios físicos, não descure os desportos. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

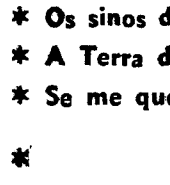
Leão *(De 24 de Julho a 23 de Agosto)*

Não se pode dizer que este período seja favorável á filantropia, mas também não deve exagerar a sovinice, que o leva a retrair-se e a afastar-se do convívio de amigos. Associação comercial próspera; boa perspectiva financeira que deve aproveitar. Vida sentimental: bom entendimento conjugal; apoio de parentes idosos; vida amorosa fácil e feliz. Saude boa, energia, capacidade de trabalho. Dias desfavoráveis: 26 e 30.

Virgem *(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)*

O espírito amadurecido tem de ser essencialmente filosófico e profundo para poder agir na esfera social em que vive. O raciocínio tem de ser seguro e o carácter bem temperado e benevolente. Terá de enfrentar e resolver vários problemas difíceis que se apresentam de momento bastante intrincados, mas a sagacidade e diplomacia trar-lhe-ão êxito seguro se moderar a impulsividade. Vida sentimental: casamento tardio mas proveitoso, bom entendimento. Saude: alterações intestinais, desarranjos nervosos. Dias desfavoráveis: 26 e 27.

Balança *(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)*



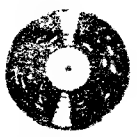
Bom aspecto para triunfar dos adversários, ganhar processos e a consideração de gente elevada. Exito social. Contudo, evite as discussões com pessoas mais velhas. Não seja quezilento nem sarrazina com os colegas. Vida sentimental: bom entendimento; amizades afectuosas; viagens agradáveis e proveitosas. Saude: cansaço intelectual; aborrecimentos por escritos e correspondência. Instabilidade psíquica, fraqueza da memória. Dias desfavoráveis: 26, 29 e 30.

disco da semana

PAUL ANKA

* Os sinos do meu casamento
* A Terra do Amor
* Se me queres
* CINDERELA

A voz inolvidável do grande ídolo da canção



Um disco COLUMBIA
Editado pelos Est.os

Valentim de Carvalho, Lda.
Rua Nova do Almada, 97
— Lisboa —

Escorpião *(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)*

Instabilidade perturbadora nas relações profissionais. Em relação ás aspirações pessoais, terá de usar de toda a prudência e tacto e adaptar-se ás circunstancias, se quer aproveitar a ocasião que se lhe oferece. A impulsividade pode ter más consequências; seja paciente e solícito. Será recompensado. Vida sentimental: tendência para os prazeres desregrados; combata as paixões subitas; rompimento de nupcias. Gravidez extraconjugal. Sedução feminina. Saude óptima. Dias desfavoráveis: 27 e 30.

Sagitário *(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)*

Com a entrada de Jupiter na casa IV, é possível que haja uma mudança social para melhor. Supremacia e elevação nas actividades. Memória excelente para as matemáticas. Vida sentimental: harmonia familiar, êxito nos empreendimentos conjugais; viagens felizes; fortuna por casamento. Saude boa; bem-estar fisiológico. Apreciável actividade diplomática e política na vida publica. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

Capricórnio *(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)*

Saturno na casa II há-de influenciar as finanças de uma forma restritiva, acarretando obstáculos e demoras, despesas forçadas e desagradáveis, ou diminuição de proventos nas transacções comerciais. As viagens serão proveitosas para associados em empresas importantes. Vida sentimental: amores tardios entre pessoas idosas, extemporaneos. Dilapidação do património por excesso de prazeres. Saude: satisfatória, com a condição de evitar os excessos e cuidar das afecções respiratórias. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

Aquário *(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

As transacções podem ser compensadoras neste período, assim como as viagens. Terá de proporcionar conversações agradáveis e de bom humor, mostrar-se afável e liberal. A correspondência terá de ser cuidada nos contratos importantes. Renovar os propósitos e processos num encadeamento progressivo. Cumpre varrer o que for bolorento e sediço e sanear as finanças. Vida sentimental: relações numerosas, requinte artístico, bom entendimento amoroso. Saude: instabilidade glandular, intoxicação. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

Peixes *(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)*

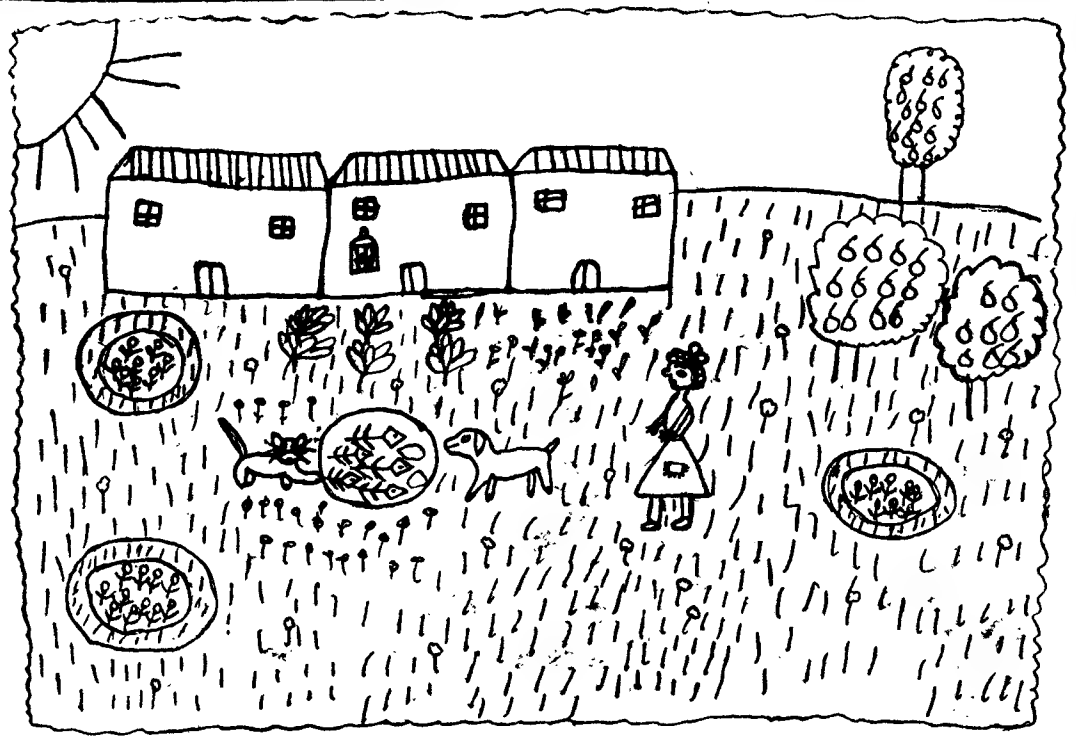
Aumento de ganhos. Apoios financeiros não lhe faltarão, mas tenha cuidado com os gastos porque corre o risco de ir além do razoável e necessário. Melhoria de situação, que exige bom senso e equilíbrio na realização dos projectos. Vida sentimental: o capital tem grande importancia na vida do nativo, conjuge interessado ou associado. Combatividade e agressividade conjugal. Risco de separação ou divórcio. Saude: risco de quedas e ferimentos na cabeça. Dias desfavoráveis: 26 e 27.

SIBYLLA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — Às 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, Ossos e Articulações — Às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — Às 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das Senhoras e operações — Às 15 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas
Dr.ª Maria José Leão — Análises clínicas — Às 9 horas.

PARA OS MAIS PEQUENOS



O rafeiro e o Tareco tornaram-se tão amigos que até já comem do mesmo prato—desenho de Lucinda Maria, de 8 anos

A história dos três amigos inseparáveis

Contada pela TIA MARIA LÚCIA **Ilustrada pelos SOBRINHOS**

A Lita, o João e o Tonecas estavam muito contrariados. Eles bem queriam dar um nome bonito e engraçado ao rafeiro. Mas não tinham nenhuma ideia. Só lhes ocorriam nomes que achavam feios e, portanto, impróprios para o cãozinho que eles consideravam o mais inteligente, o mais dócil, o mais dedicado de todos os cães!

Foi nesta altura que começaram a receber, de toda a parte, variadas sugestões. Muito amàvelmente, os Sobrinhos indicavam os nomes de que mais gostavam. A princípio, até parecia que se tinham combinado! Todos escolhiam os mesmos nomes, que eram três.

O José Maria, a Ana Maria, a Julia, a Maria João, o Albino e o Fernando escolheram o nome de «Piloto». O Manuel Augusto, a Joana, o Ricardo e a Luísa preferiam «Fiel»; da mesma opinião era a Lucinda Maria, que explicava:

— Ao cão, gostava que chamassem «Fiel», por ele ser muito amigo dos meninos e até os ajudar a levar as pastas.

Os três amigos concordaram que «Piloto» e «Fiel» são nomes muito bonitos, e estavam dispostos a escolher um deles, quando começaram a receber as opiniões mais diversas.

O Romeu Manuel achava que o cãozinho devia chamar-se, simplesmente, «Rafeiro». O José Joaquim e o António Augusto preferiam que fosse «Tó-tó». Mas a Maria Antónia sugeriu «Giribi». A Edina Maria indicou «Malaquias». A Isabel Maria achava que o nome mais indicado era «Banzé», enquanto a Maria Raquel gostava muito de «Pataco» e a Maria Margarida, de «Lambuças».

— Ai! Eu até já estou atordoada com tanto nome! — disse a Lita.

— Ora! Assim é que é bom — respondeu o João. — Temos muito por onde escolher.

— Claro! — concordou o Tonecas. — Temos muito por onde escolher, mas é um bocado difícil, porque todos são bem jeitosos!

Os três amigos ficaram calados, um grande bocado, a pensar, pensar... Depois, o João disse:

— Sabem? Está-me a parecer que o nome que fica melhor ao nosso rafeiro é «Giribi».

— É, é!—gritou a Lita.—«Giribi» fica-lhe mesmo a matar!

— Porquê? — perguntou o Tonecas. — O que é que quer dizer «Giribi»?

Os três meninos ficaram-se a olhar uns para os outros.

— E' verdade, o que é que quer dizer «Giribi»?

— Ora! — declarou o João — se calhar não quer dizer nada! Mas os nomes são assim! Mesmo que não queiram dizer coisa nenhuma, uns ficam bem, outros ficam mal! A gente não sabe explicar, mas é assim!

— Pois é! — disseram os outros dois.

— Então, fica sendo «Giribi». Viva o «Giribi»!

— E viva a Maria Antónia!

— Viva!

— Vivam os Sobrinhos todos!

— Vivam! Vivam!

E, como se compreendesse o que se estava passando, e quisesse manifestar a sua gratidão a todos os Sobrinhos que tão amàvelmente tinham indicado um nome para ele, o cãozinho, já que não podia responder — Vivam! Vivam! — arrebitava as orelhas e agitava o rabinho!

E foi assim que o rafeiro ficou a chamar-se «Giribi».

Vá de roda, siga a roda!

PERGUNTAS:

1 — Quem és tu?

2 — Queres mandar o teu retrato para a nossa roda? (Como os de bilhete de identidade).

3 — Que idade tens? (Anos e meses).

4 — Aonde moras?

5 — Em que classe andas?

6 — O que é que mais gostas de estudar?

7 — O que queres ser quando fores grande?

8 — Qual é a arte de que mais gostas?

9 — Tens preferência por alguma ciência?

10 — Qual é a figura de cientista que mais admiras?

11 — Qual é a poesia de que mais gostas?

12 — Cita as três coisas que mais te agradam na vida.

13 — Cita as três coisas que mais te desagradam na vida.

14 — O que pensas da nossa secção «Para os mais Pequenos»?

15 — Queres fazer o retrato da Tia Maria Lúcia? (A tinta da China, ou lápis de cera preto, ou lápis de carvão, ou esferográfica preta; em papel branco, sem linhas).

RESPOSTAS:

1 — Eu sou o José Manuel Tello.

3 — Tenho 8 anos e 5 meses.

4 — Moro em Lisboa.

5 — Ando na 3.ª classe.

6 — Eu do que gosto mais na escola é de ler.

ter saúde.

7 — Quando for homem quero ser engenheiro civil de minas.

8 — A arte de que mais gosto é da Escultura.

9 — Tenho preferência pela Química.

11 — A poesia de que mais gosto é da «Barca-Bela», popular.

12 — As duas coisas que mais me agradam na vida é estudar e

13 — A mim desagrada-me quando os meus pais estão tristes.

1 — Eu sou a Fernanda Dáli Moniz da Camara.

3 — Tenho 10 anos.

4 — Moro em Lisboa.

5 — Ando na 4.ª classe.

6 — Gosto mais de estudar Gramática e História.

7 — Quando for grande eu quero ser bailarina.

8 — As artes de que mais gosto são «Ballet» e Pintura.

9 — Sim, pela Astronomia.

10 — O cientista que mais admiro é Einstein.

11 — As poesias de que mais gosto são: «Bartolomeu Marinheiro», e «Os passarinhos», de Afonso Lopes Vieira.

12 — As coisas que mais me agradam na vida são: descobrir uma coisa, ir á Lua e descobrir homens, ter uma quinta, e ir viver para o país dos bichos.

15 — O retrato da Tia Maria Lúcia.

De uma semana para a outra

DIA 17

***EM PORTUGAL* — Principia, na Assembleia Nacional, o debate das contas gerais do Estado de 1960.**

NO ESTRANGEIRO — Forças de Israel atacam postos sírios nas praias do mar da Galileia.

DIA 18

EM PORTUGAL — Parte para Roma o cardeal-patriarca de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Assinado o acordo do cessar-fogo na Argélia.

DIA 19

EM PORTUGAL — Entra em funcionamento a nova Biblioteca-geral da Universidade de Coimbra.

NO ESTRANGEIRO — Vitória estrondosa dos peronistas nas eleições argentinas.

DIA 20

EM PORTUGAL — Comemorado o 25.º aniversário da fundação da Junta Central das Casas dos Pescadores.

NO ESTRANGEIRO — Calma da população muçulmana e desorientação da comunidade europeia da Argélia.

DIA 21

***EM PORTUGAL* — O Benfica vence o Tottenham por 3-1.**

NO ESTRANGEIRO — No Parlamento francês apenas a direita se manifesta contra os acordos de E'vian.

DIA 22

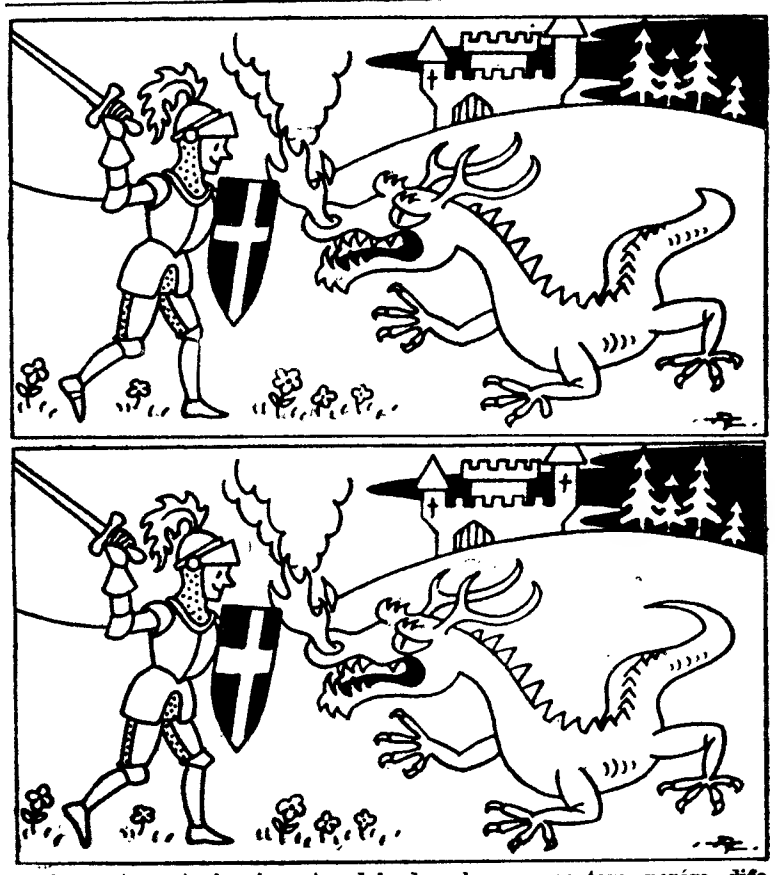
EM PORTUGAL — «Grave ameaça de extinção paira sinistramente sobre o artesanato português» — salientou-se na Assembleia Nacional.

NO ESTRANGEIRO — Prosseguem em Genebra os trabalhos da sessão plenária da conferência sobre o desarmamento.

DIA 23

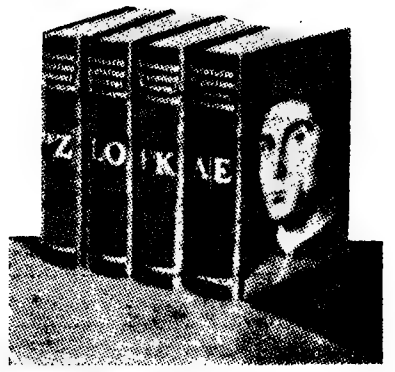
EM PORTUGAL — O ministro dos Estrangeiros recebe a missão pontifícia que assistirá á imposição do barrete cardinalício ao nuncio apostólico.

NO ESTRANGEIRO — A esquadra francesa a caminho de Oran para aplicar um golpe de morte á O. A. S.



Aparentemente iguais, estes dois desenhos apresentam, porém, diferenças em oito pormenores. Veja se as descobre. No caso de o não conseguir, leia a solução que publicamos a seguir, em posição invertida.

SOLUÇÃO: 1, A armadura no joelho esquerdo. 2, O número de dentes do dragão. 3, A cruz na torre direita do castelo. 4, O braço horizontal da cruz do escudo. 5, As pétalas de uma das flores que estão á frente do cavaleiro. 6, O extremo da cauda do dragão. 7, A forma da armadura no pé direito. 8, A pequena parte de um dos membros esquerdos do dragão.



DICIONÁRIO BIOGRÁFICO UNIVERSAL DE AUTORES

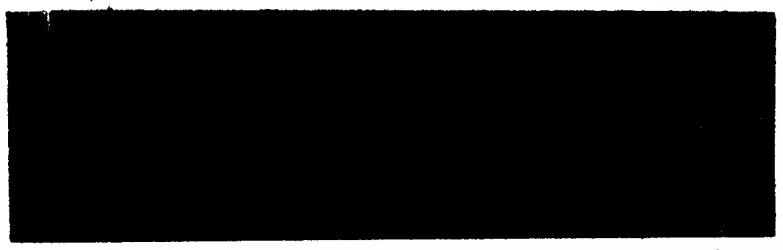
Esta obra minuciosamente preparada durante anos por mais de 400 colaboradores, escolhidos entre os de mais alto nível intelectual, abarcando todo o movimento literário, artístico, filosófico, científico, teatral e musical de todo o mundo de 1700 a. C. aos nossos dias, para cuja colaboração portuguesa foram chamados os Drs. Luís Albuquerque, Jacinto do Prado Coelho, João de Freitas Branco, Armando Vieira Santos, e ainda os Drs. Rui Clímaco, José Joaquim Dionísio, Rogério Fernandes, João Palma-Ferreira, António Coimbra Martins, Fernandes Martins, Egídio Namorado, Natália Nunes, Maria Idalina Cobra Pereira, José Mesquita Rodrigues e Roberto Nobre, cuja tradução e revisão dos textos estão a cargo respectivamente da Dr.ª Maria Eugénia Jácome de Castro e Dr.ª Maria de Lourdes Flor de Oliveira, ficará na vida intelectual portuguesa como o guia indispensável para todos aqueles a quem a cultura não é indiferente.

Em fascículos mensais de 64 páginas ilustradas **25$00**

edição ARTIS BOMTEMPI

1.º FASCÍCULO A SAIR EM ABRIL

Para mais informações sobre esta obra, peça a «plaquette» de propaganda para REALIZAÇÕES **ARTIS, Rua das Taipas, 12, r/c., Esq — Lisboa - 2**



Publicamos hoje mais duas análises grafológicas, de leitores que nos enviaram as suas letras. Todos os outros que desejem fazê-lo devem enviar-nos pelo menos, uma página, nunca menos, em papel sem linhas O texto não interessa. Podem escrever o que quiserem, não esquecendo a assinatura que é de grande importancia, a idade e o pseudónimo, para as respostas, que serão dadas por intermédio do jornal.

As cartas dever ser dirigidas em nome da grafóloga que dirige a secção — madame Renier, redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 48, juntando a quantia de 15$00 em selos

Para uma análise grafológica mais pormenorizada, o leitor deverá enviar a quantia de 40$00, recebendo então a resposta em carta dirigida para a morada que indica.

NÃO DEIXE que as discussões destruam o seu lar

(Continuação da 1.ª página)

não se importam de parecer o que não são, isso é intolerável.

A importância do momento próprio

Se a esposa tiver censuras a fazer, deve escolher o momento próprio. Não são propícios os dias em que o ambiente está carregado, nem o da renda da casa ou dos impostos, nem aquele em que o marido lhe fez um presente (ele arrepender-se-á do presente!), nem quando ele chega excitado ou fatigado do trabalho, nem tão-pouco á hora de deitar (a noite será má conselheira). Não deve, também, perturbar a tranquilidade da refeição — barriga vazia provoca a cólera. Por outro lado, deve censurar o marido com serenidade e, se for possível, sorrindo... É preciso que faça tudo para que seja uma boa discussão.

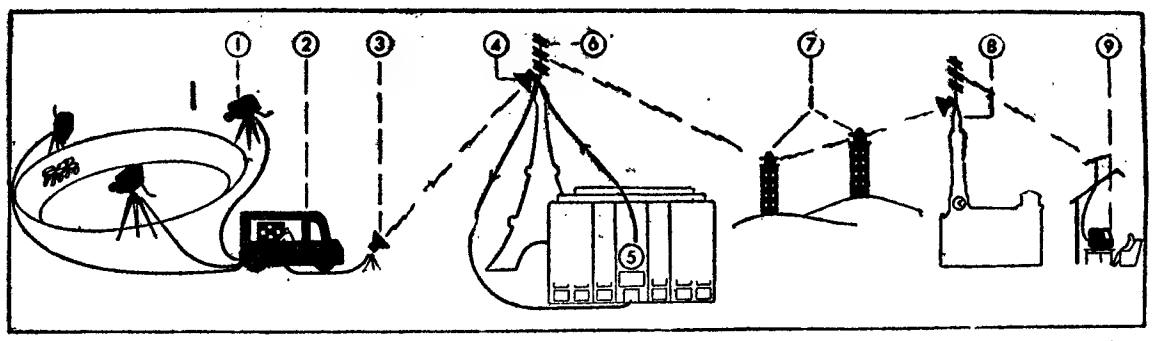
A felicidade necessita, algumas vezes, de pequenas tempestades, que permitem desoprimir o coração. Mas dispensa o raio que quebra tudo: a estima, as recordações, o amor.

As boas discussões são as que aproximam, em vez de afastar, aquelas que concorrem para que os esposos se compreendam melhor, que se saldam com um beijo, com uma reconciliação em que o amor se renova.

PRUDENTE — Deve ser um rapaz encantador, só com tendência para o bem, desprezando o mal. Bom amigo, dedicado nas suas afeições e sempre correcto. E' calmo; nada faz sem pensar; tem coerência de ideias e raciocina com clareza. Devido ás suas boas qualidades gostava que fosse feliz, mas infelizmente não é. Há um desgosto familiar que o apoquenta e com a sua sensibilidade tão vincada sofre ainda mais com isso. E' pena porque é de temperamento alegre e gosta da convivência de pessoas de valor. Temperamento muito amoroso, deve ser um poço de ternura.

UM GATO MALTÊS — Não há duvida que é inteligente. Seria uma maravilha se essa inteligência fosse aplicada só para o bem. Tem um feitio insuportável, impõe a sua vontade a toda a gente, ou por outra, julga impor. Espírito de contradição, nunca está satisfeito. Só está contente quando vê todos aborrecidos. Mau amigo, é, a dissimulação personificada e, para completar este belo quadro, é muito vaidoso e faz tudo para que as mulheres se apaixonem por si, desaparecendo em seguida. Não tem pena de ser assim? Deve ser um rapaz interessante e simpático mas ainda mais interessante e simpático seria se alterasse a sua maneira de ser. E' insinuante, esperto, tem facilidade de argumentação, enfim, tudo quanto é preciso para agradar.

MADAME REINIER



Esquema da transmissão de uma imagem pela TV: 1 — a camara recolhe a imagem; 2-0 caminhão recebe a imagem e lança-a sobre o projector; 3-0 projector é orientado para a torre...; 4 — ... que por sua vez a manda para...; 5 — ... o estudio, que pode considerar-se o «centro nervoso da televisão»; 6 — o emissor reenvia a imagem aos telespectadores; 7 — as torres de «relais» transmitem os feixes hertzianos que levarão a imagem a pontos mais distantes; 8 — um novo emissor, um ponto distante, reproduz a imagem vinda de longe; 9 — e, finalmente, o telespectador vê o espectáculo a centenas de quilómetros de distancia

COMO NASCEU A TELEVISÃO

(Continuação da 1.ª página)

por meio de linha telefónica, entre Nova York e Washington; e, em 1931, Paris assistia ás primeiras sessões publicas de TV, com uma definição de trinta linhas.

Entretanto, cientistas e técnicos esforçavam-se em pesquisas e experiências tendentes á simplificação do sistema; «entre 1933 e 1934 aperfeiçoa-se a exploração electrónica (Braun, Farnsworth) e em 1935 Zworikin inventa o inconoscópio, nascendo assim a televisão para o grande publico».

Ainda nesse mesmo ano, precisamente a 22 de Março de 1935, estabelecia-se em Berlim um programa regular de televisão, que foi o primeiro em todo o Mundo. Três noites por semana, era transmitido um programa, que durava hora e meia e podia ser também presenciado em cinco «salas de televisão» publicas». Num posto receptor, instalado em recinto com capacidade para trezentas pessoas, foi ampliada a superfcie da imagem para 3×4 m, por meio de um aparelho de projecção com filme intermédio.

Estava a TV em grande progresso técnico e de expansão na Alemanha quando a catástrofe da segunda Guerra Mundial interrompeu esse desenvolvimento. Quase todas as estações emissoras foram destruídas e as forças aliadas de ocupação proibiram totalmente as emissões, situação que se prolongou até fins de 1950, quando foi inaugurado o emissor de televisão em Hamburgo, no antigo abrigo antiaéreo. Decorreram, contudo, ainda dois anos até á completa reintrodução da TV na Alemanha, pois o primeiro programa da Republica Federal, no plano dos Estados, só pôde ser irradiado no dia de Natal em 1952.

Actualmente, os assuntos da radiodifusão na Alemanha Federal são da competência dos Estados, mas em concordancia com a sua lei fundamental. As estações emissoras estão reunidas por acordos comuns na instituição chamada Comunidade de Trabalhos das Instituições de Radiodifusão de Direito Publico na Republica Federal Alemã (A. R. D.). Estão submetidas ao princpio de que também ao Estado não deve ser dada a possibilidade de influenciar a opinião publica através da rádio ou da televisão, esta com nove estações transmissoras.

Um minuto de transmissão consome uma fortuna

A TV alemã utiliza a norma das 625 linhas e as emissoras têm uma participação proporcional no programa geral. A contribuição obrigatória de cada uma é regulada por um código fixo que prevê 18 por cento para a Rádio Baviera, 23 por cento para a Rádio Alemanha do Norte e outro tanto para a Rádio Alemanha Ocidental e 9 por cento para cada uma das outras emissoras. Além disso, cada emissora transmite para a zona que lhe corresponde um programa regional diário de cerca de quarenta e cinco minutos. O tempo total de emissões é de cerca de seis horas nos dias uteis e um pouco mais aos domingos.

Os componentes da A. R. D. comprometeram-se por contrato a realizar um programa comum de televisão, a «Televisão Alemã», cuja direcção pertence a uma «Conferência Permanente do Programa de Televisão» para a qual são convocados delegados de cada uma das emissoras para assuntos da TV. O presidente, coordenador, é eleito de entre eles pelo prazo de cinco anos. As nove emissoras enviam ainda cada uma um representante para a «Comissão Consultora de Televisão», cuja tarefa consiste, entre outras coisas, em discutir, nas sessões de conjunto com a «Conferência Permanente», o programa comum de televisão, com o objectivo de desenvolvê-lo e melhorá-lo. Uma outra comissão de TV tem a missão de relatar as experiências que resultam da aplicação do contrato de televisão e de se ocupar de propostas eventuais.

A Rádio Baviera, á qual se reuniram nos anos seguintes outras instituições de radiodifusão, transmite, desde o fim do ano de 1956, um programa publicitário de televisão, que é limitado ao sector regional dos emissores.

O custo de um encargo de transmissão através de todos os emissores é, actualmente, de quase 50 mil marcos — apenas para a incrível duração de um minuto.

novidades ARCÁDIA

UMA COLECÇÃO TRIUNFAL AO SERVIÇO DA CULTURA

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES

1.	MUDANÇA / *romance de* Vergílio Ferreira / 2.ª *edição*	15$00
2.	EU QUERIA VIVER / *romance de* Manuel do Nascimento / 2.ª *edição*	15$00
3.	TEMPO DE ANGÚSTIA / *romance de* Rogério de Freitas	15$00
4.	AS ESCARPAS DO MEDO / *romance de* Luís Cajão	15$00
5.	ADOLESCENTE AGRILHOADO / *romance de* José Marmelo e Silva / 2.ª *edição*	15$00
1.	ELÓI / *romance de* João Gaspar Simões / 3.ª *edição*	15$00
	TANTA GENTE, MARIANA / *novelas de* Maria Judite de Carvalho / 2.ª *edição*	15$00
8	BASTARDOS DO SOL / *romance de* Urbano Tavares Rodrigues	15$00
9.	O CAIS DAS COLUNAS / *romance de* Tomaz Ribas	15$00
10/11.	AS REGRAS DO JOGO / *novelas de* Vasco Branco	25$00
12.	A GRAVATA BERRANTE / *contos de* Artur Portela, Filho	15$00
13.	O HOMEM E O SARDÃO / *romance de* Garibaldino de Andrade	15$00
14.	O LIVRO DAS SOMBRAS / *narrativas de* Mário Braga	15$00
15.	HISTÓRIAS DE MINEIROS / *narrativa de* Manuel do Nascimento	15$00
16/17.	NO FUNDO DESTE CANAL / *romance de* Alfredo Margarido	25$00
18.	SANGUE NA MADRUGADA / *romance de* Rogério de Freitas	15$00
19/20.	A PORTA DOS LIMITES / *contos de* Urbano Tavares Rodrigues / 2.ª *edição*	25$00
21.	NATUREZA MORTA / *romance de* José-Augusto França / 2.ª *edição*	15$00
22/23.	O SIGNO DA IRA / *romance de* Orlando da Costa (fora do mercado)	
24.	MARIA-É-REI / *contos de* Fernando Lopes	15$00
25/26.	BONECOS DE LUZ / *romance de* Romeu Correia	25$00
27.	AS PALAVRAS POUPADAS de Maria Judite de Carvalho	15$00
30.	THELONIOUS NONK de Artur Portela, Filho	15$00

Conheça o movimento actual da Literatura Portuguesa e assine esta discutida colecção.

Cada série de 3 volumes pagos adiantadamente ..... 37$50
Um volume simples e um duplo ..... 32$50

Para mais informes, dirija-se ao seu livreiro habitual ou á

arcàdia Editora ARCÁDIA, Limitada
Trav. S. Paulo, 7-3.º — Lisboa-2

artis

Dispõe de oficinas próprias para executarem

MÓVEIS E DECORAÇÕES

modernos, de estilo e comerciais. Projectos e orçamentos grátis

RUA MARIA ANDRADE, 64 (aos Anjos) • Telefone 848719

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro de obrigações do 2.º semestre de 1961

São avisados os portadores de obrigações da emissão «MIRANDELA E VISEU» 4 1/2 % — 1889 —, de que o pagamento do juro relativo ao 2. semestre de 1961, será efectuado a partir de 1 de Abril p.º futuro, ao preço de:

Esc.: — 1$64 — para títulos ao portador

Esc.: — 1$62 — para títulos nominativos

O pagamento do juro destas obrigações efectuar-se-á:

em LISBOA, na Sede da Companhia;

no PORTO, na Tesouraria da Companhia (Estação de S. Bento).

O pagamento na Sede da Companhia efectua-se todos os dias úteis desde as 10 ás 13 e aos sábados das 10 ás 12 horas.

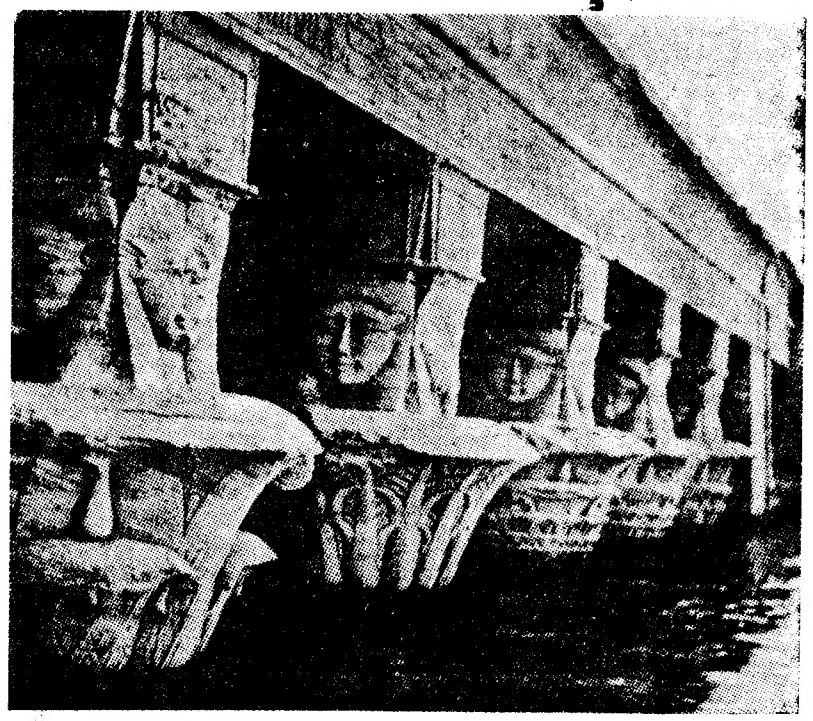
Lisboa, 13 de Março de 1962.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONCURSO «JOGO DAS NAÇÕES»

A grande barragem — a barragem de Assuam — vai construir-se. O lago, melhor dizendo, o mar que ela forma, cobrirá totalmente a ilha Filae, onde existem alguns dos maiores e mais antigos monumentos — do tempo de Ptolomeu muitos deles...

Diversos países, no entanto, reuniram capitais formidáveis para salvar esses monumentos, verdadeiras jóias de Arte e do trabalho dos homens. Os grandes faraós não ficaram cobertos pelo Tempo; os homens não deixarão que a água do Nilo os cubra...



QUAL O PAÍS A QUE SE REFERE A NOSSA GRAVURA DE HOJE?

Premiados no concurso «A Nossa Terra (Trás-os-Montes):

1.° Prémio Regina

Rosa Ferreira Lopes Coelho — Rua Vasco da Gama. Vivenda Henrique — Parede.

2.° Prémio Regina

Maria da Piedade Teixeira Ribeiro — Rua Constantino Fernandes, 5 r./chão E.

3.° Prémio Regina

José Acácio de Almeida Lopes Cardoso — Rua Ribeiro da Costa, 46 — Cartaxo.

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Tenho verificado, pelo correio de Tião, que muitas raparigas têm problemas com as mães. Isto dá-me coragem para confessar que também tenho um problema deste género.

Fiz dezoito anos, estou empregada há quatro meses, e dou um terço do meu ordenado para a casa. Faço-o com gosto, porque não somos ricos, e entendo que é esse o meu dever. Mas a mãe acha que isto é pouco, e que devo arrumar o meu quarto, e tratar das minhas roupas, o que a mim me parece uma grande eficiência, pois quem trabalha fora de casa, não tem tempo nem paciência para se ocupar desses trabalhos. Mas a mãe não compreende isto, e insiste na dela, e por isso entramos muitas vezes em conflito.

RESPOSTA

Com toda a franqueza, parece-me que a razão está do lado de tua mãe. Nota que eu gosto da vida moderna quando bem compreendida; acho que as raparigas devem estudar e trabalhar; não me considero nada «bota de elástico». Mas também entendo que a rapariga não deve esquecer a sua graça feminil, as suas responsabilidades no lar e na família.

O facto de uma rapariga estar empregada e contribuir económicamente para o bem-estar dos seus, não a autorize a complicar a vida da casa com as suas exigências e os seus desleixos. É claro que arrumar o seu próprio quarto e cuidar das suas roupas, é o mínimo que qualquer rapariga faz — e gosta de fazer, quer estude ou esteja empregada, ou não.

Admito que algumas te sintas cansada; mas que diremos daquelas mães de família que também estão empregadas e têm á sua conta todo o trabalho da casa e o tratamento de uma família, por vezes numerosa e com crianças? E a tua mãe, não estará ela, talvez, sobrecarregada com os serviços caseiros? Não trabalha ela todo o dia e não se sente cansada também?

Ajudar a tua mãe, cuidando daquilo que te diz respeito — e, de uma ou outra pequena coisa mais! — deve ser-te verdadeiramente grato! Basta tomares consciência da felicidade que sempre envolve qualquer colaboração entre mãe e filha, e de quanto esse bom entendimento contribui para o ambiente calmo e agradável de um autêntico lar.

Portanto, peço-te que analises novamente o problema que me pões, depois de considerares tudo o que tão francamente deixo dito. Compreenderás que a solução do problema é fácil, e está nas tuas mãos.

TIÃO

PARAGEM ZONA

(Continuação da 4.ª página)

me nos choupais de Coimbra as tristezas de Constança (esposa de D. Pedro I?). Ou com aquele outro que pára admirando o pitoresco dos farrapos de um indivíduo que anda a tratar da sua vida como pode? Ou ainda com aquele poeta que canta em estrofes entusiásticas a resignação da boa gente que lhe trata das vinhas e dos olivais?...

O curioso é o lema de nacionalismo literário que esta geração se atribuiu a si própria como se a vida nacional e os problemas nacionais fossem de facto a sua preocupação. «País lilás, desterro azul» essa é a verdadeira pátria dos turistas, que, como Dante, desfrutam o Inferno de bordo dos seus barcos confortáveis. Falta-lhes o que Dante tinha: a emoção humana diante do espectáculo, porque para estes o espectáculo é divertido.

(In «Para a História da Cultura em Portugal»).

Diario de Lisbôa

N.° 255

24 III 62

JUVENIL

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

PRÉMIOS AOS COLABORADORES

Damos hoje mais uma lista dos prémios distribuídos aos colaboradores mais votados num encontro dos Amigos do «Juvenil».

Evidentemente que a fórmula escolhida para a votação não terá sido a melhor, pois podem influir nela elementos estranhos ao valor intrínseco dos trabalhos publicados, intrínseco ao dos trabalhos publi-

Seja dito que não aconteceu assim. Os Amigos votaram com inteira isenção, passando por cima de conhecimentos e simpatias. Outra coisa não era de esperar.

No entanto, desta maneira muitos leitores do «Juvenil» ficam arredados de dar a sua opinião sobre os melhores trabalhos publicados, o que não é justo, nem desejável.

Assim, a partir de agora, todos os Amigos podem indicar por carta ou postal o artigo, poema, conto, desenho, que mais lhe tenha agradado no «Juvenil» dessa semana.

Essa opinião contará como voto.

Segue a lista dos Amigos distinguidos com o prémio da melhor colaboração.

Ana Bárbara — «Pedra Bonita», de José Lins do Rego.

Eduardo do Prado Coelho — «Deuses, tumulos e sábios», de C. W. Geraw.

«Maria Cecília Pinto — «Revolução da Arte Moderna», de Hans Sedlmayr, e «O Bairro», de Vasco Protolini.

Armando Mora de Oliveira — «Arco do Triunfo», de Erich Maria Remarque.

Maria Vitória Rocha de Sousa — «Caminhos Cruzados», de Erico Veríssimo.

Cortês Mesquita da Trindade — «Deus lhe pague», de Joracy Camargo.

Rodrigo d'Alarcão Mello — «A Alma na Era da Técnica», de Arnold Gehlen.

Sara Ivone — «Diário de Ann Frank».

António Clínico — «Leonardo da Vinci», de António Valentin.

M. Eduarda Reis Colares — «Outras terras, outras gentes», de Truman Capote.

Nelson de Matos — «O tempo e o vento», de Erico Veríssimo.

Vítor Ricardo Jorge — «O Malhadinhas», de Aquilino Ribeiro.

Maria Fátima Maldonado — «Os Buddenbrook», de Thomas Mann.

JURIS DOS JOGOS FLORAIS

Temos o prazer de publicar hoje a constituição dos juris para os **Jogos Florais da Primavera.**

Ei-lo.

POESIA

Alexandre O'Neill
Vasco Costa Marques
Paulo Norberto da Fonseca

CONTO

Teresa Rita
Augusto Abelaira
Manuel Ferreira

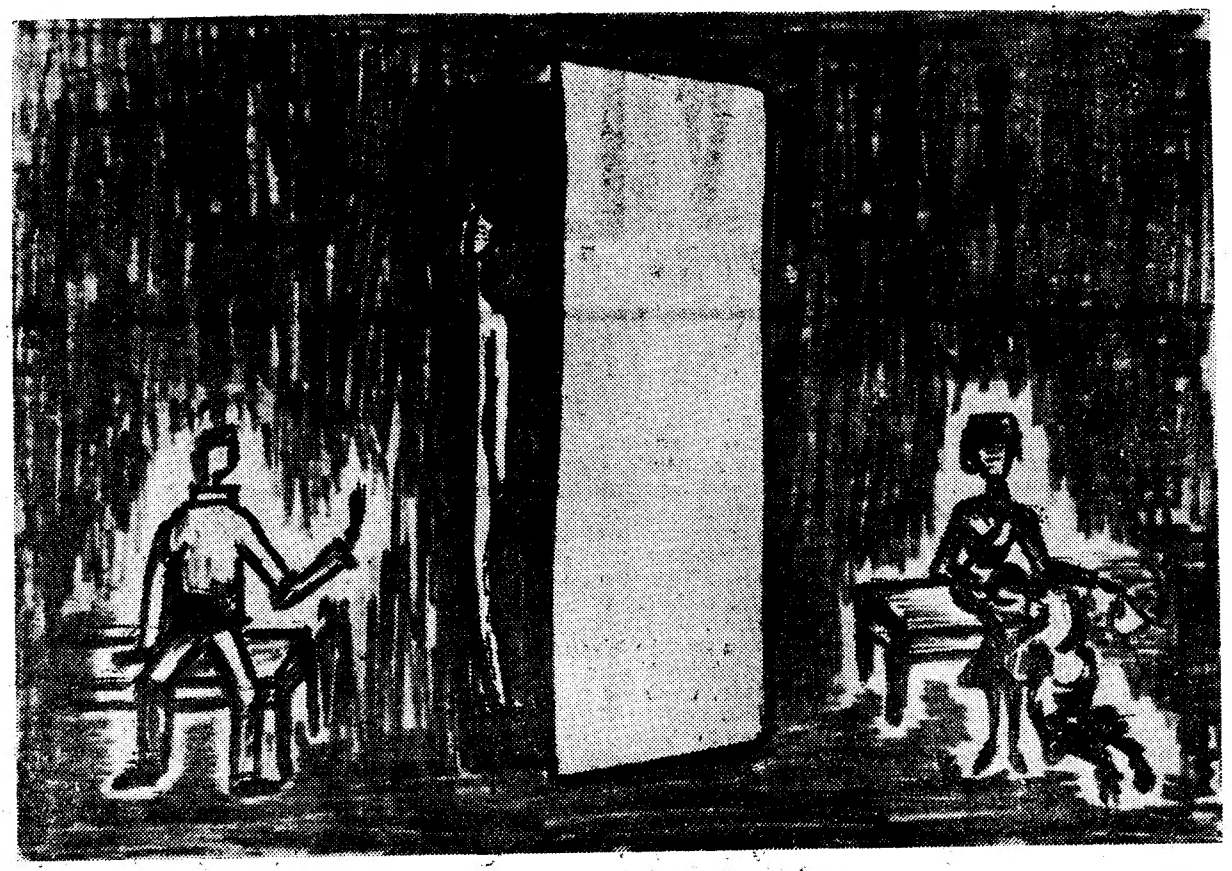
PINTURA e DESENHO

Lima de Freitas
Rui Mário Gonçalves
António Domingues

GALERIA

CARVÃO DE CIDÁLIA

VIDAS EM CARNE VIVA



Bem lá para cima, por cima das ruínas de caliça esboroada e viveiro cotanilhoso de ratos que o sótão é, no casarão velhinho onde meninei, há, ainda, o forro: desvão abaíado, assente sobre o sótão, e de cabo a rabo e de alto a baixo atulhado de barras de camas desmanteladas, e de arcazes, malas e baus que, aferrolhados por chaves que se perderam, a meus olhos sufocam cinzas de tempo e apelos, de sempre a sempre, inatendidos.

Pois, este, desencantei-o eu, algures por lá, dentre um montão de quadros sem moldura, estilhaços de vidro e de caixilhos sem tela, a quando da primeira e — isso garanto-vo-lo! — ultima vez que me destemi até esse escuso recanto da casa, que quatro angulos de estuque leproso acanham e vai, das telhas, acamadas como escamas de peixe, do telhado, ás traves que, mal e porcamente, lhe remendam o solho.

No forro, a certas horas, abafa-se, a outras, é, decididamente, de enregelar. Conforme é o sol a crestar o telheiro que o cobre; a geada que se forma á superfície dos musgos e ervagens que lhe vestem as telhas; ou é o vento furando, assobiante, pelos interstícios da telha-vã. E quem por ali entra tem, forçosamente, de se corcovar. E muito, mesmo. Até ficar um perfeito gebo. Porque é impossível que alguém haja que, verticalmente de pé, caiba entre o soalho e o telhado que o delimitam. Que delimitam o forro onde o fui desencantar. Onde fui desencatar o quadro em questão e que, pela primeira vez, olhei e se me delineou á luz que, como que a medo, por um postigo enfézadito, rectangular, furtiva e frouxamente, entrava.

Na penumbra do corredor que — atendendo á perspectiva — se vai cada vez mais lá para o fundo afunilando, o berro cromático de uma entreaberta porta branca de onde, pregueadamente, semi-sai, em atitude torcida, a discrição cinzenta de uma farda militar. O pescoço torce-se-lhe, efectivamente, para um dos dois comprimidos bancos de espera castanhos, um castanho da cor do pinho, depois de aplainado e polido, e que, cada um de cada lado, sentinelam a porta. No banco que o oficial fixa, silhueta-se um mancebo, dormindo um sono de membros acotovelados — um, na lombada da mala que, a seu lado, pasma, e a cuja calejada mão, de dedos grossos e gretados apoia o rosto — outro, num dos braços do banco, esborratando, aos olhos do oficial, um gesto dirigido ao outro dos bancos aonde uma mulher toda de preto acolhe, no regaço, o rosto choroso de uma rapariga, como ela também enlutada, e, a seus pés, de joelhos. E tal como na indecifração do corredor, o berro branco da porta, na treva das vestes da mulher de preto, o berro igualmente branco do lenço branco que uma das mãos esquecidamente suspende.

Tudo isto poderia, em boa verdade, realizar-se quase simétricamente — pensei, de novo me metendo os olhos no quadro —. Para tal, bastava encafuar a mala dentro do quarto que a porta pintada de branco pressupõe; que ela se fechasse; que o pardamente fardado oficial casasse a sua posição á do mancebo solitário do primeiro dos bancos olhados e que — opinava-mo a retina — era o da minha esquerda («á esquerda de quem olha, á direita de quem se deixa olhar» — diria a Helena); e que a menina de luto desamolgasse os joelhos e se sentasse, recatadamente triste, ao lado da mulher de negro.

CONTO POR RODRIGO E. D'ALARCÃO E ILUSTRADO POR CIDÁLIA

Depois de tirada toda esta prova real de considerações, de mim a mim redisse que, em boa verdade, tudo aquilo poderia realizar-se em exemplar simetria. Mas ainda bem que não. Invade-me, hoje, a certeza de que a história daquele quadro não irromperia tão de chofre e tão humana como me surgiu, se eu me houvesse deparado frente a um óleo muito convencionalmente arrumadinho e sujeito a regras geométricas de composição. Ah! porque o certo é que, este óleo, não o meditei eu. Antes foi ele que, de começo, me preocupou logo e fez, do meu imaginativo olhar, a sua presa. Não. Desta vez não houve tempo de chamar o Renato. A história encandeou-me, febrilmente. Depois, amainei, acabando por, calmamente, ma contar. Só a mim. Que também quem a ouvia, era sómente eu.

Assim, principiei por encarnar-me o rapazote da mala, solitáriamente assentado no banco de pau. Haveria

(Continua na 5.ª página)

FIM DE TARDE

A chuva cai, chuva miudinha, de «molha-tolos», mas fria.

Cinco, dez minutos; o eléctrico nunca mais chega. Santos, Santo Amaro. Nada, não vem! Mais gente, mais chuva fria.

Até que enfim, cá chegou! Meia hora perdida, meia hora de espera. Atropelos, correrias. Mais prá frente», «você não vê que me está a pisar?» «Sim, de cinco». «Com licença, quero descer nesta paragem» .«Jogas no totobola?» «Não há duvida, vou dar umas bolas ao Leixões». Confusão, borburinho! Nos vidros embaciados cai a chuva.

Buzinas, apitos, sirenes, luzes, vozes, musica, tudo no ar. «Olha o «Diário de Lisboa», traz o desastre, traz o desastre». O ardina grita, corre, «quem chamou?», indiferente á chuva.

«Não achas lindo?» Sim, é bonita a montra do Leonel. «Rock» «twist», «chá-chá-chás», «mambos», «La novia».

Diminui-se o passo; parece uma procissão. Aquelas obras que roubam o passeio!

Chuva, mais chuva, mais gente, mais atrapalhação! Que cheirinho a café! Lá está a Brasileira do Chiado, o café dos artistas. Fumo, vozes, um copo que cai. «O que desejam?» «Duas bicas».

«Diga-me maestro, o que achou do festival de Sintra?» «... sou o lírio entre os abrolhos», «o Eça?! Oh, como ele não há outro igual». Conversas soltas. «Pst, a conta». «Muito obrigado». O criado, aquele estrábico, dobra a espinha numa mesura satisfeita.

Mãos nos bolsos, olhar distante, não sinto a minha companheira, não oiço o barulho, aspiro a chuva.

ANTÓNIO RUY DE SÁ

A TUA NOITE

Na noite equinocialmente perfeita
Nós três
Tu, Eu
E o cavalo ornado de malmequeres
Azuis
E flores de cacto
Somos um na angustia de descobrir
Sózinho
Uma estrela
Desgatamos a noite
Razando as oliveiras
Cavalgamos nos cabelos da lua
E ficamos presos nas ervas
As oliveiras ao longo dos caminhos
São bordadas de paz
Na noite que o vento fecunda
A golpes de navalha
Turgida de farrapos de lua
Esverdinhada
Vagamente abissal
Estamos vivos no fundo dos poços
Para a lua teórica
Somos a medalha do centauro
Na manhã que esfarrapa
A certeza da noite
O nosso cavalo
Tem as asas maiores.

FÁTIMA MALDONADO

ENTREVISTA COM MATILDE ROSA ARAUJO

(Continuação da página anterior)

deriva. Também gosto de musica e sinto especial prazer em conversar. E gostaria de saber desenhar e coser bem. E praticar com perfeição um desporto. Por exemplo: nadar.

— Qual o drama humano que mais a impressiona?

— A pobreza moral que de si tem consciência.

— O que gostaria que a vida ainda lhe proporcionasse?

— E' difícil dizê-lo e, afinal, a resposta poderia estar em poucas palavras: vida cumprida em Amor.

E com esta pergunta, demos por finda a nossa pequena entrevista, agradecendo a atenção que tão simpáticamente nos dispensou.

(Entrevista feita por Sara Ivone Ribeiro e Catarina Macedo)

MATILDE ROSA ARAUJO

Uma entrevista a quem nunca fez entrevistas? E' como entregar um objecto valioso a mãos inexperientes e incertas... Mas a escritora Matilde Rosa Araujo não nos desilude. Com a simpatia habitual, presta-se ao jogo. E as perguntas choveram:

— Se não fosse escritora, que outra profissão gostaria de ter?

— Gosto da profissão que tenho. Sou professora. Contudo, gostaria de ter muito tempo para escrever.

— Com que idade começou a escrever?

— Muito novita ainda. Comecei por fazer poesias, que deitava fora, envergonhada, do que me acontecia.

ENTREVISTADA

— Decerto houve qualquer coisa que lhe despertou o gosto pela literatura. Qual o primeiro indício que a fez sentir-se atraída?

— Não sei... Gostava muito de ler e de dizer o que sentia. Sabem... E' como quem respira. Tem de ser, senão falta-nos o ar.

— Se tivesse 3 minutos de poderio absoluto, que fazia?

POR SARA IVONE RIBEIRO

— Bem... Se pudesse fazer um mundo de justiça e de bondade para todos, fá-lo-ia. Um mundo que fosse honesto e bom. E belo, portanto.

— O que pensa da vida?

— O que penso da vida... Penso que nos devemos tornar dignos de a viver!

— No mundo que a rodeia, o que lhe faz sentir mais a noção do «belo» ?

E CATARINA MACEDO

— Talvez a natureza, ou o coração dos outros. E tudo quanto de verdade a Arte reflecte.

— Ao fazer Arte, o que procura nela?

— Procuro a expressão verdadeira da vida e o caminho para a tornar melhor. Mas fico sempre aquém do que procuro.

— Decerto conhece Lisboa. Qual o sítio desta cidade que mais gosta?

— Todos os sítios que dêem para o rio. Acho maravilhoso o miradouro de Santa Luzia, o miradouro do Monte, Santa Catarina, o Castelo, etc.

— Qual o seu passatempo favorito?

— Gosto de ler e de ir ao teatro. Gosto de bom cinema e, principalmente, gosto muito de passear á

(Continua na página seguinte)

NO JARDIM DE CATARINA MACEDO

Quando nós somos jovens julgamos ter o Mundo fechado na nossa mão; com o correr do tempo verificamos que a mão se vai abrindo lentamente e através dos dedos tudo deixamos passar.

Olhei á minha volta. Num banco um pouco afastado um grupo de velhos indiferentes como se nem forças tivessem já para falar. Os que ainda sentiam um rasgo de vida, fumavam... Um cigarro tosco e um quanto peganhento... Os seus olhos semimortos viravam-se para as crianças, para um grupo de crianças que saltavam á corda com os bibes sujos, os cabelos desgrenhados e as faces vermelhas de esforço e de prazer.

Salada... saladinha... muito bem temperadinha... azeite... O eco das suas vozes inocentes chegava até mim e penetrava no mais fundo da minha alma. Senti saudades da infancia que nunca tive, e até da corda com que sempre sonhei e ela agora, girava... girava... girava tal como o Mundo e a vida, só com a diferença que estes nunca param. E de novo ouvi as vozes.

Salada... saladinha... muito bem temperadinha... azeite... Levantei-me, senti-me criança, com o bibe sujo de terra e os cabelos desgrenhados, o coração batia-me apressadamente como o de uma criança apanhada em falta, sim, eu sentia-me criança. Corri para a corda que continuava a girar... a girar... a girar...

Mas quando ia para saltar, as vozes calaram-se e uns quantos pares de olhos fixaram-se em mim acusadores e interrogativos.

Que figura ridícula, a minha!

Não tive coragem para dizer nada, baixei os olhos e deparei com a corda, caída, abandonada, morta.

Não! Não estava morta, aquelas mãozinhas fá-la-iam girar... girar... girar..., tornaria a ter vida, acção, enfim tudo! Eu é que já não tinha nada.

Virei as costas e afastei-me, aproximei-me do lago, as vozes tornavam a chegar até mim.

Salada... saladinha... muito bem temperadinha... azeite...

Olhei a minha imagem nas águas calmas, nunca mais teria infancia, deixei-a passar e não a soube reter, uma lágrima caiu-me formando um circulo na água, que deu vida a outro, a outro e a outros mais.

CATARINA MACEDO

POESIAS DE JOSÉ CLEMENTE

PALMA COM ROSAS

Ah, porque foi que as rosas
de luto se tingiram!
Ah, porque foi
que não coroamos de rosas
os instantes
fugazes
que vieram do mar
carregados
de apelos doces e violentos!
Porque foi,
minhas mãos,
ah porque foi
que não inventastes as rosas
que falharam ?

AQUELE DIA

Era um dia
era um dia
era um dia
afaezado
de quantas joias havia
jamais o sonho inventado!

Era um dia
era um dia
descoberto
entre as cinzas que a agonia
semeou no tempo incerto.

Era o dia
ò meu amor
o dia que nos cabia...
voltaremos a ser flor?

DIALÉCTICA

As esperanças
que não realizaste
ficam sempre viçosas e mansas
em flor na ponta da haste.
Nunca morrem os pomos
que não pudemos colher
Sempre somos
o que não pudemos ser.

UM JOVEM AO ACASO

P. — Como se chama?
R. — Francisco da Silva Carvalho.
P. — Quais são as suas habilitações?
R. — Estudei até ao 3.º ano.
P. — Pratica alguma arte?
R. — Procuro. Poesia.
P. — O que pensa da vida?
R. — Uma luta constante, por algo que sempre nos falta.
P. — Quais as qualidades que mais admira?
R. — Inteligência, bondade, sinceridade.
P. — Quais são os defeitos que mais abomina?
R. — Falso humanismo.
P. — Aponte alguns nomes que considere grandes.
R. — Dostoiewsky, Nietzsche, Somerset Maugham, Beethoven, Verdi, Chopin.
P. — Que procura na arte?
R. — O que não encontro na vida.
P. — Em que país gostaria de viver se não fosse em Portugal?
R. — Em qualquer país onde os valores não estivessem invertidos.
P. — Aponte três das mais belas palavras da língua portuguesa.
R — Belo, jovem, humano, pelo que encerram.
P. — Que animal prefere? Porquê?
R. — O cão. Porque é inteligente e compreensivo.
P. — Que posição deve tomar o jovem em relação ao problema da paz e da guerra?
R. — A guerra há-de ser sempre uma terrível necessidade.
P. — Vê Televisão? em caso afirmativo: Gosta? Não gosta? Porquê?
R. — Não vejo, talvez porque adivinhe, não gostar.
P. — Concorda com os limites impostos na frequência dos cinemas?
R. — Não. Será sempre um problema saber onde começa e onde acaba a moral.

P. — Qual a sua opinião sobre as viagens interplanetárias?
R. — Evolui-se, mas nem sempre se justifica.
P. — Que profissão gostaria de exercer?
R. — Uma nova, cheia de segredos.
P. — Qual o género de literatura que prefere?
R. — A que busca conflitos humanos.
P. — Decerto tem um amigo. Quais são as qualidades que lhe permitem chamar «amigo»?
R. — No sentido profundo da palavra não tenho, talvez, que não tivesse havido oportunidade para se revelar.

Nota do Companheiro — Fiel ao princípio de respeitar todas as opiniões, publicaram-se todas as respostas do amigo Francisco da Silva Carvalho.

Não podemos, porém, concordar, de maneira nenhuma com a sua observação no que respeita ao problema da paz e da guerra. Que terrível frase a sua, Francisco Carvalho!

A guerra uma necessidade? Porquê? Para quê? Para quem? Gostaríamos que esclarecesse melhor o seu ponto de vista, sobre assunto de tanta importancia.

PARAGEM ZONA

NACIONALISMO LITERARIO MAS NÃO «TURISMO» LITERÁRIO

«Ora, sucedeu que esta mesma observação que eu estou fazendo foi também feita a certa altura, já depois de Garrett, precisamente por um grupo de neo-garrettianos, que a si próprios se intitularam de nacionalistas: Alberto de Oliveira, Agostinho de Campos, Julio Dantas, Malheiro Dias, Corrêa de Oliveira, Antero de Figueiredo, Lopes Vieira.

Estes homens disseram um dia: — Para que estamos a procurar fora da Pátria os temas, as ideias e os modelos? Nacionalizemos a literatura, busquemos na nossa própria terra e na nossa própria História, as fontes de inspiração. — Era isto no tempo em que o garrettismo paisagistico de Ramalho triunfava sobre o pensamento reformador que dera origem ás «Farpas»; e o parisiense Jacinto vinha visitar as suas quintas de Portugal e as achava deliciosas.

É curioso registar de que maneira esta geração foi *burlada* pelo condicionalismo social a que nos vimos referindo. Com efeito, em que consistiu o «nacionalismo» literário? Numa coisa inesperada, senhores: na evocação de um século XVIII galante e punhos de renda, em personagens e fatos de opereta (o Amor em Portugal no Século XVIII: A Paixão de Maria do Céu); na recordação de figuras e amores lendários (Inês de Castro, D. Sebastião) para deliciar os ócios de eruditos e desocupados leitores; na admiração das belezas da paisagem portuguesa por delicados veraneantes com Jacinto; na reconstrução de castelos caídos para embelezar as colinas. Assim *nacionalismo* se tornou sinónimo de *turismo*, para este grupo de 1890.

Ora, que há de comum entre estes turistas e os problemas e sentimentos reais da massa do País? O que é que tem que ver o camponês com o senhor, letrado que ge-

(Continua na 3.ª página)

PEÇO A PALAVRA

TAMBEM LA ESTIVE

Tão cedo não esquecerá o magnífico Encontro com o grande compositor e Maestro Fernando Lopes Graça. Também lá estive. Foi, na realidade, memorável e ao mesmo tempo consolador, pois se verificou que nós, os jovens, continuamos a amar a música — pelo mesmo motivo porque continuamos a amar a vida: dois amores que sempre andaram e andarão associados.

Ouvi dizer, à minha beira, num aparte muito a propósito, que não é o Jovem que foge da musica: é a musica que foge do Jovem. Para receber é preciso dar — os chineses inventaram este provérbio que serve para todas as longitudes...

Pouco se faz para fazer interessar a mocidade pela arte, em geral, e pela Musica em particular. De maneira que, quando esse pouco acontece, há que estar atento e não o deixar perder.

Por exemplo: saberão os Amigos do Juvenil que, com o patrocínio da Exposição Gulbenkian, promoveu a Academia dos Amadores de Musica (em cuja sede estivemos...) um curso de composição e divulgação de musica contemporânea? Saberão que á frente desse curso estão dois nomes que são duas autoridades na matéria: os professores Louis Saguer e Jorge Peixinho? Saberão que o curso comporta palestras, colóquios, audições comentadas, exposições sobre estética, etc.? Saberão, por exemplo, que o compositor Joly Braga Santos apresentou e analisou, numa sessão do curso, a sua ópera Mérose recentemente levada á cena em S. Carlos?

Talvez não saibam... e por isso, tomei a liberdade de escrever esta carta...

José Clemente

Nota do Companheiro-Mor. *Logo após a recepção desta carta, entrámos em contacto*

(Continua na página seguinte)

POEMA

Três dedos de conversa
Ouviste desdenhosa
E não pensaste mais!

Três dedos de conversa
E sonhamos, felizes,
Em voos de amizade

Três dedos de conversa
Encontraram nossos corações
Pulsando lado-a-lado
As mesmas emoções

Três dedos de conversa
Foi tudo o que nos deu
A dura realidade!!

Três dedos de conversa
E fomos tu e eu...
E nada mais, amor!

PAULO VON GILSA

ILUSTRAÇÃO DE CIDÁLIA DE BRITO

PEÇO A PALAVRA

(Continuação da página anterior)

com um elemento da Direcção da Academia dos Amadores de Musica. A ilustre pianista, D. Maria da Graça Amado da Cunha, confirmou as palavras do Amigo, dedicado Amigo, José Clemente, e mais informou que o curso se realiza todas as terças-feiras, a partir das 21 30 horas. A frequência é livre. Os prof. Louis Saguer e Jorge Peixinho terão o maior prazer em receber todos os amigos do «Juvenil». A' ilustre Senhora e Artista, os nossos melhores agradecimentos.

Vidas em carne viva

(Continuação da 2.ª página)

sido chamado a cumprir a tropa e, depois de me apurarem, apresentar-me-ia, então, no quartel que me tivessem designado e que outro não era ele senão o do corredor onde tudo o gue conto se irá passar. Depois de subir vários lances de sombria escada em caracol, daria eu com uma porta — aquela que o porteiro, lá em baixo, no átrio de entrada do edifício, possívelmente, me recomendara (há, quase sempre, um porteiro de uniforme azul-escuro e de botões muito areados, muito amarelos da solarina, nos átrios de entrada de prédios como aquele). Daria, pois, com uma porta cujo botão, inevitávelmente apenso, premi, a medo, com toda a insegurança que ponho sempre no esboço do mínimo gesto. A insegurança de que eu visto sempre um adeus!... Porque o sei qualquer coisa de decisivo, de momentaneamente definitivo. Como tirar uma fotografia. Como tocar a uma campainha. Porque sei que adeus significa mesmo adeus e não quer dizer mais nada. Como as horas, de noite. Que interessa saber, pela noite fora, que horas são? É noite, acabou-se. Só noite. Noite sem fim. E o mais não importa.

Mas o toque fora desesperadamente anémico: retinira, lá para dentro, tão breve como fraco. Mas retiniria, mesmo? Ou não chegara, sequer, a ser balbucelo?... O abrir da porta, que mediara entre o toque e o debate destas cogitações, por mim, em mim e a mim postas, elucidar-me-ia, aliviadoramente. O homem que a escancarasse viria a ser, com o desbobinar da história, aquele oficial que, no quadro de onde não desprego mais os olhos, espreita o pescoço torcido até ao banco onde me teria mandado sentar depois de, marcialmente me seguindo de perto a peugada (a ponto de eu ter logo tomado aquilo como humilhante escolta inicial) havermos percorrido toda aquela geometria difusa de arestas entrechocando-se que me seria o corredor. E, um dos braços, a cuja mão apoiaria o rosto, me acotovelando a mala eu ali ficaria, angustiado até ao desespero, ante o luto, o lenço e as lágrimas das mulheres do outro banco que, no quadro, eu olho sempre e sem fim...

E por ter batucado, com os nós dos dedos, á porta branca (quando já não pudesse, por mais um segundo que fosse, aguentar a presença daquele espectáculo), é que ela se entreabrira e dela semi-saíra, vítima de uma posição contrafeita e nascido de dentro de uma farda discretamente cinzea, o pescoço do oficial.

— Leve-me, por favor, daqui para fora — balbuciaria eu, uma das minhas mãos logo a seguir esborratando, aos olhos do militar, um gesto dirigido ao outro dos bancos. — É que não posso mais!... — explodiria.

— Bem. Isto é já questão de menos de uma hora... (Aqui, o pranto ao meu lado, crescería. E de lá do lado de dentro da porta semi-aberta, desencadear-se-iam, subito, aos meus ouvidos, arranques de tosse como se do peito de onde já mal saíam, os estivessé alguém tirando a ferros...). Que ele está já por pouco...

— ?!...

— ...e, se até ás sete não acabar, é retirado daqui e, então, o senhor já estará onde deve. É que — sabe? — até essa hora, o regulamento, em presença de um caso destes não permite a remoção...

A porta branca tornaria a fechá-la, pelo lado de dentro, o oficial. E eu embrenhar-me-ia, então, num labirinto de suposições e de deduções. A mulher de preto seria a mãe dele. A rapariga, a noiva. A noiva, ou a irmã? Não. Eu queria que ela fosse a noiva. Eu, eu que, no quadro, as olho sempre e até ás lágrimas, ás lagrimas... E lhes presencio o pranto... E oiço a máquina da tosse de um peito que, lá para dentro e, como que na ansia do cansaço final, tosse, tosse sempre...

Pouco depois, as portadas brancas da porta, par em par, se abririam, e o oficial de lá sairia, em passo atarantado, instantaneamente se deixando engolir, por um dos extremos do longo corredor para, em passo mais atropelado ainda, regressar seguido de dois homens de batas, brancas como a porta, um, á cabeça, o outro, aos pés, de uma maca. Militar e padioleiros teriam entrado no quarto, agora silencioso e de onde, alguém que, enfim, se esquecera de tossir para nunca mais, seria, por eles, arrancado, em padiola, ao choro lugubre das duas mulheres e áquele fardamento acinzado que, depois de correr os pinchos de uma das metades da porta, me teria crocitado, num meio sorriso de alívio:

— Pronto, o quarto é seu.

E eu entraria. Atónito. E deitar-me-ia naqueles lençóis ainda quentes de virem de ser mortalha fria e humida de suores. Não pregaria olho, ali, cheio de uma vontade de ter sono e o sono rezingando em não vir. Viesse ele e, não obstante, eu bater-me-ia uma vez mais, e, como sempre, pela insónia. Assaltar-me-ia, até, aquele velho medo de me deixar adormecer porque, desde pequeno que eu, profundamente, o sei, uma parte de mim vai morrer, parte que, ao outro dia, bem no sei eu também, renasce sempre, mas é diferente, e me leva á suposição de ter esquecido ou de me haverem roubado qualquer coisa, qualquer coisa que eu nunca soube bem o que fosse. Porque, já em pequeno, mal a casa ficava silenciosa e todos dormiam já e eu ainda não, me acudia sempre esta mesma pergunta:

— «Mas serei eu, enquanto durmo, alguém? — Não — responder-me-ia, invariávelmente —; sou já quase eu, mas não sou eu ainda».

E o sono era-me, assim, quase-morte e quase-vida. Como o crepusculo: quase-noite, quase-dia.

Como nesses tempos longinquos, também ali eu não pregaria olho. E, em toda a noite, pois, ocorrer-me-ia simples teimosa, estupidamente, que, então e só então, é que, lá do lado de fora da porta branca, esta, cerrada entre dois bancos igualmente vazios, estaria constituindo uma simetria exemplarmente disposta. E pensaria, também, ao menos por um pouco, naquele agonizante que, submissamente, morrera a horas convenientes, a horas certas, obediente ao Regulamento até na morte que, dada como por favor e quase de má-vontade lhe fora a sua...

RODRIGO EMILIO D'ALARCÃO MELLO (18 anos)